



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

FERNANDA DE LEMOS ROCHA

**A SOCIOLOGIA VAI AO CINEMA: O USO DO AUDIOVISUAL COMO RECURSO
DIDÁTICO NA AULA DE SOCIOLOGIA**

FORTALEZA

2020

FERNANDA DE LEMOS ROCHA

**A SOCIOLOGIA VAI AO CINEMA: O USO DO AUDIOVISUAL COMO RECURSO
DIDÁTICO NA AULA DE SOCIOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Sociologia.

Área de concentração: Práticas de Ensino e Conteúdos Curriculares.

Orientador: Dr. Antônio Crístian Saraiva Paiva

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R573s Rocha, Fernanda de Lemos.
A Sociologia vai ao cinema : O uso de audiovisual como recurso didático na aula de Sociologia /
Fernanda de Lemos Rocha. – 2020.
119 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2020.
Orientação: Prof. Dr. Antônio Crístian Saraiva Paiva.
1. Audiovisual . 2. Cinema e Sociologia. 3. Ensino de Sociologia. I. Título.

CDD 301

FERNANDA DE LEMOS ROCHA

**A SOCIOLOGIA VAI AO CINEMA: O USO DO AUDIOVISUAL COMO
RECURSO DIDÁTICO NA AULA DE SOCIOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do título de Mestra em Ensino de Sociologia.

Área de concentração: Práticas de Ensino e Conteúdos Curriculares.

Orientador: Dr. Antônio Crístian Saraiva Paiva

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Antônio Crístian Saraiva Paiva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Dr. Francisco de Oliveira Barros Junior
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Professora Dra. Mariana Mont'Alverne Barreto Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, Cordeiro e Ione, aos meus filhos Daniel e Maria Júlia, a Júlio Carvalhal, à minha irmã Andréa e à Nala, pelo amor, pela presença, pelo apoio e a compreensão durante essa trajetória, cada um, ao seu modo, me ajudou, me fortaleceu.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, ao meu mentor espiritual, pelo amor e pela luz!

Agradeço à minha família, que sempre esteve ao meu lado e acreditou em mim, mesmo quando eu mesma não acreditei. Especialmente à minha amada mãe Ione e querida irmã Andréa, sempre fontes e suportes inesgotáveis de amor.

Agradeço aos meus filhos Daniel e Maria Júlia, meus maiores amigos, minhas maiores inspirações e eternos amores, ao mesmo tempo em que peço perdão pelos momentos ausentes, mas tudo foi e sempre será por vocês principalmente.

Agradeço a Júlio Carvalhal, pelo apoio e pela força que me impulsionaram de volta à docência e que me encoraja a ser uma mulher mais forte e uma profissional melhor.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa, pelo incentivo à pesquisa.

Sou grata também ao corpo docente do programa de pós-graduação em Sociologia da UFC pela oportunidade de aprender tanto. Agradeço aos funcionários da UFC que sempre me receberam com um sorriso e fazem o possível pela instituição.

Agradeço ao meu orientador, professor Crístian Paiva e aos professores Mariana Barreto Lima e Francisco de Oliveira Barros Júnior pelos ensinamentos durante esse percurso, por suas experiências afins à temática que enriqueceram meu trabalho e pela humanidade.

Aos meus queridos colegas de turma do Mestrado, por todo apoio, troca de conhecimentos e de experiências, especialmente à Alaíde Rejane, Ana Carolina, Alane Farias, Iara Danielle, Josenira Unias, Milena Cid, Newton Malveira, Romário Silva e Sarita Saito pelo companheirismo e por todo o afeto.

Ao amigo Luís Eduardo, pela parceria terna, nos momentos de angústias e de alegrias durante essa jornada.

Aos meus queridos alunos e queridas alunas, razão de ser de minha profissão.

À Nala, minha shih-Tzu companheira fiel de tantas noites em claro.

O olho vê
A memória re-vê
A imaginação trans-vê
É preciso trans-ver o mundo.

(Manoel de Barros)

Só desperta a paixão de aprender quem tem a paixão de ensinar

(Paulo Freire)

RESUMO

Em meio à cultura atual, tecnológica, repleta de informação e de imagens, percebe-se a dificuldade cada vez maior de atenção e de concentração dos jovens dentro e fora do contexto escolar. Nesse sentido, em relação aos educandos, a implementação de ferramentas pedagógicas diferenciadas pode ser uma alternativa para que o conhecimento se torne mais interessante e significativo. O objetivo do presente trabalho é investigar o uso do audiovisual como recurso didático nas aulas de Sociologia no Ensino Médio, compreendendo em que medida uma aula com o uso do audiovisual pode facilitar ou potencializar o aproveitamento do capital cultural do jovem, conseguindo ampliar o poder de interpretação da realidade social, desnaturalização e criação de novos padrões de conhecimento. Encontram-se neste, a descrição da pesquisa realizada em escolas de Ensino Médio no Ceará, entre os anos de 2018 e 2020, desenvolvida durante o Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) da Universidade Federal do Ceará. A inspiração dessa investigação parte da criação de uma disciplina de Sociologia mediada exclusivamente por audiovisuais, intitulada: A Sociologia Vai ao Cinema, em escola da capital cearense. Quanto à metodologia para a produção deste, foi realizado estudo bibliográfico tomando como referências teóricas Bourdieu (2002), Napolitano (2003), Santaella (2012), Morin (2014), dentre outros, buscando compreender em que medida o uso de audiovisuais na sala de aula potencializa o processo de ensino-aprendizagem. Também foram implementadas, como técnicas investigativas, observação participante, entrevistas com professores, questionários e grupo focal com os alunos. Note-se que o Mestrado Profissional de Sociologia possibilita e orienta a construção de um produto final da pesquisa, optei, pois, pela elaboração de um catálogo com audiovisuais e indicação de estratégias didáticas para explorá-los, ou seja, um material pedagógico para dar direcionamento prático e objetivo ao professor de Sociologia ou de disciplinas afins.

Palavras-chave: Audiovisual. Cinema e Sociologia. Ensino de Sociologia.

ABSTRACT

In the midst of the current, technological culture, full of information and images, one can perceive the increasing difficulty of attention and concentration of young people inside and outside the school context, in this sense in relation to students, the implementation of differentiated pedagogical tools they can be an alternative for knowledge to become more interesting and meaningful. The objective of the present work is to investigate the use of audiovisual as a didactic resource in Sociology classes in High School, understanding to what extent, a class with the use of audiovisual can facilitate or enhance the use of the youngster's cultural capital, managing to expand the power interpretation of social reality, denaturalization and creation of new knowledge standards. This is the description of the research carried out in high schools in Ceará, between the years 2018 and 2020, developed during the Professional Master of Sociology in the National Network (PROFSOCIO) of the Federal University of Ceará, the inspiration of this investigation part the creation of a Sociology discipline mediated exclusively by audiovisuals, entitled: Sociology Goes to Cinema. As for the methodology for the production of this, a bibliographic study was carried out taking as theoretical references Bourdieu (1999), Napolitano (2003), Santaella (2012), Morin (2014), among others, seeking to understand to what extent the use of audiovisuals in the room classroom enhances the teaching-learning process. Investigative techniques, participant observation, interviews with teachers, questionnaires and a focus group with students were also implemented. It should be noted that the Professional Master of Sociology enables and guides the construction of a final research product, so I opted for the formulation of a catalog with audiovisuals and indication of didactic strategies to explore them, that is, pedagogical material to provide guidance practical and objective to the professor of Sociology or related disciplines.

Keywords: Education. Sociology. Audiovisual.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	SOCIOLOGIA E CINEMA – ENCONTROS E CONFRONTOS.....	19
2.1	A relação entre o cinema e a educação.....	20
2.2	A Imaginação sociológica e a relação entre o cinema, Sociologia, História e Educação.....	22
2.3	O cinema e a imaginação sociológica do professor.....	32
3	COMO ENSINAR COM O CINEMA: A EXPERIÊNCIA DO USO DO CINEMA NA AULA DE SOCIOLOGIA.....	35
3.1	Liceu do Ceará, uma escola centenária.....	35
3.2	Metodologia da pesquisa.....	36
3.3	Os professores de Sociologia do Ensino Médio, o que pensam e como utilizam o audiovisual como recurso didático.....	38
3.4	Os estudantes do Ensino Médio e o que pensam sobre a aula mediada por audiovisual.....	47
3.5	Questionários com alunos – Os alunos e o cinema, dentro e fora da sala de aula.....	53
4	CATÁLOGO A SOCIOLOGIA VAI AO CINEMA – UMA PROPOSTA METODOLÓGICA.....	64
4.1	Hoje vai ser aula com filme? Sugestões pedagógicas do uso de audiovisual na aula de sociologia.....	73
4.1.1	<i>Indústria Cultural e Consumismo em Delírios de Consumo de Becky Bloom...</i>	73
4.1.2	<i>“Queda Livre” e o Capital Social em Bourdieu</i>	76
4.1.3	<i>A Onda e os conceitos relativos a Poder e Política</i>	76
4.1.4	<i>Crash No Limite e a violência urbana, o racismo, a xenofobia</i>	77
4.1.5	<i>Sugestão de roteiro para análise de filmes</i>	77
4.2	Catálogo de audiovisuais.....	80
4.2.1	<i>Temática: IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA</i>	81
4.2.2	<i>Temática: SOCIALIZAÇÃO</i>	82
4.2.3	<i>Temática: SENSO COMUM E SENSO CRÍTICO</i>	82
4.2.4	<i>Temática: GERAÇÕES</i>	83
4.2.5	<i>Temáticas: GÊNERO E SEXUALIDADE</i>	84
4.2.6	<i>Temáticas: GÊNERO E PAPÉIS SOCIAIS: MASCULINO E FEMININO</i>	84

4.2.7	<i>Temática: PODER</i>	86
4.2.8	<i>Temática: POLÍTICA</i>	86
4.2.9	<i>Temática: FORMAS DE PODER: AUTOCRACIA</i>	87
4.2.10	<i>Temática: FORMAS DE GOVERNO: MONARQUIA</i>	87
4.2.11	<i>Temática: RAÇA E ETNIA</i>	88
4.2.12	<i>Temática: DESIGUALDADES SOCIAIS: POBREZA</i>	89
4.2.13	<i>Temática: DESIGUALDADE SOCIAL – CLASSES SOCIAIS</i>	89
4.2.14	<i>Temática: VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE</i>	90
4.2.15	<i>Temática: VIOLÊNCIA, CRIME E JUSTIÇA (E JUSTIÇAMENTO)</i>	91
4.2.16	<i>Temática: DIREITOS, CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO</i>	92
4.2.17	<i>Temática: CULTURA – ETNOCENTRISMO</i>	92
4.2.18	<i>Temática: CULTURA – XENOFOBIA – RACISMO</i>	93
4.2.19	<i>Temática: INDÚSTRIA CULTURAL – SOCIEDADE DE CONSUMO</i>	94
4.2.20	<i>Temática: RELIGIOSIDADE E RELIGIÕES</i>	95
4.2.21	<i>Temática: MUNDO DO TRABALHO</i>	96
4.2.22	<i>Temática: MODERNIDADE</i>	97
4.2.23	<i>Temática: SOCIABILIDADES MEDIADAS PELAS TECNOLOGIAS DIGITAIS</i>	97
4.2.24	<i>Temática: SOCIABILIDADES MEDIADAS PELAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: CAPITAL SOCIAL DE PIERRE BOURDIEU</i>	98
4.2.25	<i>Temática: SOCIABILIDADES MEDIADAS PELAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: REDES SOCIAIS – O PODER DAS HASHTAGS</i>	98
4.2.26	<i>Temática: CONTROLE SOCIAL</i>	99
4.2.27	<i>Temática: INSTITUIÇÕES SOCIAIS E EXCLUSÃO SOCIAL</i>	99
4.2.28	<i>Temática: JUVENTUDES, SOCIABILIDADES E EDUCAÇÃO</i>	100
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
	REFERÊNCIAS	105
	APÊNDICE A	109
	APÊNDICE B	110
	APÊNDICE C	112
	APÊNDICE D	115
	APÊNDICE E	117

1 INTRODUÇÃO

Não tenho nítidas recordações de minha infância ou adolescência, mas uma das cenas mais marcantes em minha mente acontecia nas noites em que me escondia na sala para assistir aos filmes até mais tarde. Mamãe sempre nos colocava cedo na cama, como também nos acordava, mas depois que todos se recolhiam em seus quartos, eu ia para a sala, onde havia o único aparelho de televisão da família, colocava o som baixinho e ficava assistindo a vários filmes.

O cinema sempre me encantou, sempre... E mesmo indo dormir bem tarde, eu acordava cedinho animada ou entristecida, mas ainda embevecida pela história acessada naquela madrugada.

De alguma forma, eu já tinha certa ideia de que estava aprendendo algo com aquelas narrativas, aprendia sobre as pessoas, os sentimentos e os lugares. Foi a partir dos filmes que desenvolvi a curiosidade de conhecer alguns países, culturas e que compreendi alguns sentimentos e realidades.

E, quando estava no Ensino Fundamental e, especialmente, no Médio, me lembro de que, sempre que possível, relacionava conteúdos de disciplinas a filmes, a cenas e falas de personagens, talvez por isso, sempre me identifiquei mais com matérias como História e Português, porque era mais fácil essa conexão e também pelo fato dos professores dessas disciplinas citarem e exibirem filmes em suas aulas.

Creio que isso teve forte interferência no meu percurso educacional e profissional, como professora, pois sempre considerei importante aliar o processo de ensino-aprendizagem a tipos diversos de linguagens ou artifícios subjetivos de produção de conhecimento como forma de potencializá-lo. E, nessa perspectiva, mesmo com o tempo exíguo, dentro dos cinquenta minutos da aula semanal que a disciplina de Sociologia dispõe, utilizei, sempre que possível, recursos audiovisuais como forma de explorar e aprofundar temas tratados em sala, normalmente uso curtas-metragens, trechos de documentários ou vídeos ilustrativos pesquisados em diversos espaços virtuais, já que os longa-metragem têm um tempo de duração superior ao que disponho normalmente.

Entretanto, o Governo do Estado do Ceará, com o objetivo de implementar uma política de formação integral que respeitasse potenciais, direitos de aprendizagem e desenvolvimento dos jovens, criou a política de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral

no ano de 2016, construindo novas escolas e ampliando a jornada escolar de estabelecimentos de Ensino Médio Regular.

Em julho de 2017, o governador do Estado do Ceará, Camilo Santana, sancionou a Lei n. 16.287, que instituiu a Política de Ensino Médio em Tempo Integral no âmbito da Rede Estadual de Ensino do Ceará, “objetivando a progressiva adequação das escolas já em funcionamento, ou que vierem ser criadas, para a oferta do Ensino Médio em Tempo Integral, com 45 (quarenta e cinco) horas semanais” (CEARÁ, 2017). A implementação da estrutura organizacional e pedagógica escolar no Ceará é orientada por notas técnicas elaboradas pela Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC), através da Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem (CODEA) e da Articulação entre as Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI).

Importante ressaltar que a proposta de implantação desse setor da educação em tempo integral em nível nacional fazia parte da proposta de reforma do Ensino Médio, feita por meio de Medida Provisória pelo governo federal no ano de 2016 e foi alterada na Lei no 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Esta lei instituiu a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral em âmbito nacional.

A Escola em Tempo Integral visa a desmassificação do ensino e apresenta itinerários formativos diversificados, essa última se refere à ampliação do tempo de algumas disciplinas de cinquenta minutos para duas horas. Cada aluno tem cinco tempos eletivos por semana que visam diversificar o currículo e oportunizar a construção do itinerário formativo de acordo com seus interesses.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2012) orientam para que o Ensino Médio assegure sua função formativa através de diferentes formas de oferta e de organização e a educação em tempo integral é uma delas: “O Ensino Médio regular diurno, quando adequado aos seus estudantes, pode se organizar em regime de tempo integral com, no mínimo, 7 (sete) horas diárias” (BRASIL, 2012, p. 5).

No ano de 2017, quando trabalhava em escola da capital cearense que teve seu tempo ampliado e se transformou em Escola de Tempo Integral, surgiu a possibilidade para que os professores ofertassem disciplinas complementares àquelas que já pertenciam ao currículo básico comum, nesse momento, foram criadas as disciplinas eletivas. As aulas eletivas fazem parte das alterações na organização curricular e pedagógica das escolas do Ensino Médio como orientam as diretrizes curriculares nacionais:

A organização curricular do Ensino Médio deve oferecer tempos e espaços próprios para estudos e atividades que permitam itinerários formativos opcionais

diversificados, a fim de melhor responder à heterogeneidade e pluralidade de condições, múltiplos interesses e aspirações dos estudantes, com suas especificidades etárias, sociais e culturais, bem como sua fase de desenvolvimento (BRASIL, 2012, p. 6).

Elaborei, pois, uma disciplina eletiva, ou seja, de escolha do aluno, intitulada: “A Sociologia vai ao Cinema”. Sendo assim, a partir dessa experiência, foram identificados aspectos novos e importantes nas aulas que serviram de inspiração para a minha pesquisa.

Compreendo que o audiovisual, como o cinema, por exemplo, se relaciona com o imaginário e diz respeito a representações subjetivas e se constitui como artefato de compreensão e figuração de práticas socioculturais. A partir dessa perspectiva, irei, pois, investigar de que modo ele pode ser utilizado como um instrumento didático relevante e eficiente, cabendo-nos, enquanto educadores, apropriarmos-nos de estudos direcionados sobre sua utilização no ensino médio, visando subsidiar uma postura diferenciada por parte do professor para melhor aplicabilidade desse recurso educacional.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na educação, algumas premissas precisam ser seguidas, como o desenvolvimento de novas posturas do educador que promovam uma prática docente diferenciada, que contemplem a construção e a reconstrução de conhecimentos a partir de atividades escolares significativas e contextualizadas.

Os PCNs abordam o filme como uma fonte que permite variadas situações didáticas. E, também, chamam atenção para sua natureza fonte/objeto: Um filme abordando temas históricos ou de ficção pode ser trabalhado como documento, se o professor tiver a consciência de que as informações extraídas estão mais diretamente ligadas à época em que a película foi produzida do que à época que retrata (BRASIL, 1998, p. 88).

Nesse sentido, quaisquer possibilidades de se trabalhar com materiais que lidem e desenvolvam os sentidos, que explorem as imagens, as linguagens, por exemplo, devem ser observadas e avaliadas e o cinema está entre eles.

Pires e Silva (2014) articulam sobre essas novas formas de produção e transmissão de conhecimento:

Pensar a discursividade visual dos filmes é o ponto de partida para tomá-lo como uma face da produção do conhecimento. Atualmente, em tempos de globalização, acreditamos que as formas de aprender e de se desenvolver o conhecimento e o saber são diversas em virtude dos dispositivos didáticos e pedagógicos disponíveis com a sociedade em rede ou, como sociologicamente se convencionou chamar, a “sociedade da informação”. Dentro desse contexto informativo vimos surgir novas linguagens e novas formações culturais, nas quais os dispositivos informativos e os artefatos visuais atuam como objetos de circulação do conhecimento. A linguagem imagética do cinema cada vez mais tem contribuído na dinamização do processo de aprendizagem de crianças, jovens e adultos (PIRES; SILVA, 2014, p. 609).

Posto isso, na medida em que a escola pensa, repensa e cria estratégias para tentar compreender, sensibilizar e incluir o jovem e suas multiplicidades, ela provavelmente conseguirá promover seu objetivo principal que é prepará-lo para a vida em sociedade, tornando-o um cidadão que acessa e produz conhecimento, mas também consciente, crítico e atuante nos processos sociais.

O jovem contemporâneo é fruto de novas formas de socialização e repletos de especificidades construídas, em grande parte, pela irresistível e intensa cultura tecnológica global, o que configura um sujeito “novo” que passa significativa parte do seu dia e de sua vida dentro da escola, a qual, mesmo que represente um recorte da sociedade, não tem acompanhado a contento a evolução por que passaram as últimas gerações, especialmente pela cultura conservadora de boa parte dos atores sociais que dela participam, não atendendo, portanto, às várias demandas dessas gerações.

Dentro desse contexto, há o desenvolvimento de um processo que ocorre na instituição escolar denominado por Lima Filho (2014) de “invisibilidade do jovem”, quando ele não é reconhecido pelo conhecimento que adquiriu a partir da socialização em outras instituições, como sua família, sua vizinhança ou igreja, dentre outros, e, principalmente, não participa da construção de ações voltadas para sua formação no campo escolar. (LIMA FILHO, 2014). A escola ainda não reconhece realmente que o jovem traz experiências sociais, necessidades e saberes.

Para tanto, realizei uma análise acerca do conceito de juventude, ou melhor, “juventudes”, como indicam Paulo Carrano (2000) e Juarez Dayrell (2013) em alguns de seus trabalhos, utilizando o termo no plural a fim de reconhecerem a multiplicidade de sinais que as práticas múltiplas dos jovens difundem (CARRANO, 2000), por conseguinte constatei a inexistência de definição simples, haja vista as diversas e complexas abordagens do que é ser jovem.

Para Pierre Bourdieu (1983), por exemplo, a juventude é uma representação ideológica carregada de influências culturais, o estudioso aponta as diferenças nas concepções de juventude, especialmente em relação às condições de existência material a que estão submetidos os jovens, portanto para ele, existem mais de uma juventude e sua crítica reside no fato de que a maioria rotule o jovem de maneira genérica (BOURDIEU, 1983). No entanto, considere um conceito mais amplo de juventude sendo percebida como uma construção histórica, social, cultural e relacional (LEON, 2005 *apud* DAYRELL; JESUS, 2013).

E, neste momento, é possível realizar uma analogia entre a teoria e a prática relativa aos conceitos supracitados. Ao abordar o universo da escola pública, encontram-se múltiplas expressões de juventude de acordo com Bourdieu (1983), posto existirem alunos de diferentes classes sociais, por exemplo, embora seja marcadamente presente o jovem oriundo das classes populares, filhos da classe trabalhadora, muitos em situação de intensa fragilidade social, o que alerta aos agentes da comunidade escolar, em especial aos professores, a imprescindibilidade da busca contínua por uma reflexão sobre sua prática pedagógica, um olhar atento em relação às diversas manifestações de juventude e a ressignificação de seu próprio papel social.

Importante ressaltar que, para uma melhor reflexão, considero relevante extrapolar os limites conceituais simplistas estabelecidos por faixas etárias, especialmente no campo escolar, campo de excelência da sociabilidade e onde predomina a necessidade de reconhecer e considerar o jovem como sujeito social e não apenas como agente institucionalizado da coisa pública. Considerando também que o jovem possui um capital cultural que não é reconhecido e, muitas vezes, é colocado em xeque no campo escolar, tornando-se gerador de conflitos. Faz-se necessário, portanto, desenvolver ações e criar mecanismos novos de visão e de relação com esse jovem (LIMA FILHO, 2014).

Nesse sentido, meu estudo visa repensar materiais pedagógicos diversificados, refletir objetivamente sobre a utilização do audiovisual como recurso didático, pois acredito que essa metodologia pode tornar o conteúdo das aulas compreensível, mais interessante e atraente, onde a linguagem verbal e visual que o cinema proporciona pode atender à expectativa dos alunos por aulas diferenciadas, dinâmicas, tornando-se mais significativas. Especialmente para aqueles alunos que não conseguem se expressar ou até mesmo compreender por meio das linguagens vigentes do campo escolar: a verbal e a escrita e aqui reside meu estudo e minha prática, poder estabelecer o processo de ensino aprendizagem também por meio da aula mediada por audiovisual.

Minha pesquisa, pois, tem o objetivo de investigar o uso do audiovisual como recurso didático nas aulas de Sociologia no Ensino Médio, compreendendo em que medida uma aula que utiliza o audiovisual pode facilitar ou potencializar o aproveitamento do capital cultural do jovem, conseguindo ampliar o poder de interpretação, reflexão crítica e desnaturalização da realidade social.

O interesse pelo tema de minha pesquisa reside também nas intensas mudanças culturais pelas quais o mundo tem passado, especialmente quanto à tecnologia, ao conhecimento e à velocidade das informações e surgiu especialmente diante da vivência em

sala e da busca em criar aulas marcantes, de possibilitar instantes de troca, de aprendizagem significativa e de busca pelo aproveitamento do capital cultural do jovem estudante.

Segundo Lúcia Santaella, estudiosa da Ciência dos Signos, a Semiótica:

As linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem. A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todos e quaisquer fenômenos de produção de significação e de sentido (SANTAELLA, 1983, p. 2).

Santaella (2001) defende que existem múltiplas linguagens que permitem a comunicação e o aprendizado e a linguagem exprime um símbolo, que quando interpretado, produz algo novo e real. O Cinema, pois, tem caráter semiótico e oferece possibilidades e interpretações.

E se tratando de linguagem, como meio de comunicação, de significação, de transmissão de ideias e de sentimentos, podemos atribuir ao cinema uma linguagem, além de visual, verbal ou não, uma linguagem do tipo universal, posto que não são necessários recursos específicos culturais para assistir e compreender ou apenas sentir o cinema. Edgar Morin (2014) aborda a linguagem do cinema, como um fenômeno que estabelece relações múltiplas, entre outras com a música:

A linguagem do cinema se situa entre a das palavras e a da música: por isso ele conseguiu atraí-las e associá-las para si numa *polifonia expressiva* que usa o canto desencarnado da alma (música) como veículo da comunicação intelectual (palavras). Ele apela a todas as linguagens por ser ele mesmo sincrético de todas as linguagens em potencial: essas se colocam em contraponto, apoiam-se mutuamente, constituem uma linguagem orquestra. Mas o cinema, mesmo utilizando a música e a palavra em sua comunicação, ainda assim conserva sua originalidade (MORIN, 2014, p. 225).

Ainda sobre a linguagem do cinema: muitos autores abordam o recurso do olhar como significativa forma de percepção. O cinema, pois, é um registro do olhar de alguém, ou de muitas pessoas, a partir de quem constrói a ideia, o argumento, passando por quem desenvolve o roteiro, e por quem dirige, sem falar nas interferências ideológicas e ou econômicas. Mas, o olhar principal é o do espectador, daquele que assistirá ao filme, ele também possui um determinado olhar, sobre essa questão, Oliveira (2018) nos cede sua impressão:

O olhar simbólico opera no cinema como um processo de geração de imagens na medida em que o sujeito olha para o objeto (ou imagem) e daí projeta outras imagens, estabelece outras relações possíveis. O olhar, então, se alça além do objeto visado em direção a outros objetos, num movimento de liberdade que concerne ao olhar quando atua numa base simbólica (OLIVEIRA, 2018, p. 449).

Bernadet (1980) diz: “No cinema, fantasia ou não, a realidade se impõe com toda a força.” O autor fala que o cinema conseguiu movimentar a figura, a imagem, e esse sonho de movimento, se transformou em reprodução da vida. E complementa:

Não só o cinema seria a reprodução da realidade, seria também a reprodução da própria visão do homem. Os nossos dois olhos nos permitem ver em perspectiva: não vemos as coisas chapadas, mas as percebemos em profundidade. Ora, a imagem cinematográfica também nos mostra as coisas em perspectiva e, por isso, ela corresponderia à percepção natural do homem. (BERNARDET, 1980, p. 17).

Um jovem com notas consideradas baixas ou um adulto analfabeto poderá perceber e compreender melhor a violência que é o racismo através de uma cena forte de discriminação, independente se não consegue decodificar os diálogos ou identificar a cultura específica ou ainda o contexto histórico e social, pois a imagem, muitas vezes, precede à linguagem verbal, a palavra.

E quando me refiro à linguagem universal do cinema, me reporto a Julio Cabrera (2006) e à noção do “logopático”¹, quando ele afirma que o cinema conecta conceitos de forma lúcida e esclarecedora, articulando o racional ao emocional, redefinindo-o. Cabrera (2006) atenta para a experiência instauradora e emocionalmente impactante dos conceitos-imagem, defende que a percepção de universalidade do cinema é de uma ordem de possibilidade e não da necessidade: “O cinema é universal não no sentido do acontece necessariamente com todo o mundo, mas no de poderia acontecer com qualquer um” (CABRERA, 2006, p. 23).

Posso exemplificar as questões referentes às linguagens visual e universal do cinema a partir da experiência de uma pessoa analfabeta, que possivelmente possui menos elementos de compreensão de determinadas cenas e ideias complexas de um filme, contudo, no código fílmico a possibilidade de olhar e de sentir permite uma amplitude de abstrações e de interpretações, afinal cinema é arte e, como tal, produz emoção antes de qualquer outra pretensão, mas também possibilita conexões bem mais profundas e complexas, como reflexões pessoais e globais, mesmo diante de filmes ficcionais. Como registra Cabrera:

A linguagem do cinema é inevitavelmente metafórica, inclusive quando parece ser totalmente literal, como nos “filmes realistas”. O fato de um certo texto (literário ou cinematográfico) ser fictício, imaginário ou fantástico não impede em absoluto o caminho para a verdade. Ao contrário, através de um experimento que nos distancia extraordinariamente do real cotidiano e familiar, o filme pode nos fazer ver algo que habitualmente não veríamos. Talvez precisemos ver um bom filme de terror para nos conscientizarmos de alguns dos horrores deste mundo. (CABRERA, 2006, p. 26).

¹ Logopatia é um conceito cunhado por Cabrera que indica razão e afeto entrelaçados no pensamento.

O autor nos mostra que os filmes possuem conteúdo problematizador, mesmo que não sejam necessariamente realistas, como os documentários. Isso é interessante para que tenhamos a percepção da importância de diversificarmos os gêneros abordados, tendo em vista que os filmes têm o poder de transmitir uma impressão da realidade, utilizando-se de efeitos impactantes, muitas vezes, surreais, mas que provocam uma “eficácia cognitiva”, que permite pensar o mundo, criticar posturas, de maneira particular ou universal, algumas das missões da Sociologia enquanto disciplina no Ensino Médio.

Sobre a perspectiva metodológica, realizei pesquisa quanti-qualitativa, fiz investigação de campo, utilizando como técnicas de coleta de dados a observação participante, o grupo focal, a aplicação de questionários e as entrevistas com professores. Ressaltando que trabalharei com alunos das três séries do Ensino Médio, de escola em tempo regular e de tempo integral e alunos do turno da noite.

A investigação empírica nos possibilitou informações importantes acerca da estrutura e dinâmica de espaços da escola, o acesso à perspectiva da comunidade escolar sobre a utilização do recurso audiovisual como ferramenta didática, o interesse dos alunos pelas aulas mediadas por audiovisual e a versão dos professores. Dessa forma, apresentaremos também as falas dos educadores sobre a utilização dessa metodologia, abordando, pois, seus repertórios de vivências particulares e experiências em sala de aula.

Um aspecto interessante que levei em consideração, foi o acesso ao campo investigativo, como partícipe do campo escolar, encontrei facilidades, como a entrada nas escolas e o contato com os alunos, mas ao mesmo tempo, passei a ser de alguma forma, cobrada por determinadas expectativas que as respostas à nossa pesquisa podem revelar. Há subjetividade no processo de pesquisa, mas também deve haver limites.

É necessário estar atenta quanto a isso, para que não caia na tentação de atender a tais expectativas e estou alerta a diferentes aspectos que o contexto me apresenta, sobretudo na primeira escola observada, velha conhecida, pois desenvolvo trabalho lá há alguns anos, sou professora de parte dos alunos e colega de alguns professores entrevistados. Conhecida por todos, tenho tentado inovar meu olhar sobre eles, estabelecendo esse olhar sob a perspectiva de meu objetivo e embora saiba que as pretensas neutralidade e objetividade científicas sejam dificilmente atingíveis, procuro me isentar de subjetividades cotidianas, não obstante elas estarem rondando a dinâmica de minhas ações.

Apresento, a seguir, a estrutura dos capítulos da dissertação.

Na primeira parte deste trabalho, intitulada “Sociologia e Cinema – encontros e confrontos”, apresentarei discussão a partir de referenciais teóricos da sociologia, do cinema e da educação, onde os autores e seus pensamentos entrelaçarão tais temáticas.

No capítulo “A Experiência do Uso do Cinema na Aula de Sociologia – Como Ensinar com o Cinema” relatarei minha vivência na criação de uma disciplina de Sociologia exclusivamente mediada por audiovisuais e apresentarei também a análise de pesquisa realizada sobre o uso do cinema como recurso didático, pesquisa desenvolvida em três escolas de Fortaleza, de tempo integral e de tempo regular, com professores e alunos.

Em seguida, no capítulo denominado “Catálogo A sociologia vai ao cinema – uma proposta metodológica”, apresentarei o material pedagógico que tenho construído ao longo desta pesquisa para ser utilizado em aulas de Sociologia no Ensino Médio. Ousei elaborar um catálogo de audiovisuais composto por filmes, curtas-metragens, documentários e episódios de seriados que abordam temáticas trabalhadas nas três séries do Ensino Médio e, no mesmo catálogo, indicarei estratégias com o intuito de orientar a reflexão e as atividades a serem implementadas por professores nas aulas de Sociologia e em disciplinas afins.

2 SOCIOLOGIA E CINEMA – ENCONTROS E CONFRONTOS

Falar sobre sonhos é como falar de filmes, uma vez que o cinema utiliza a linguagem dos sonhos anos podem passar em um segundo e você pode ir de um local para outro. É uma linguagem feita de imagens. E no verdadeiro cinema, cada objeto e cada luz significa alguma coisa, como em um sonho. (Frederico Fellini)

Zigmunt Bauman (2015) apresentou a cultura atual como caracterizada por uma liquidez de relações, a intitulada “modernidade líquida”, fase da história humana em que se processam muitas informações de modo fluido e ao mesmo tempo confuso, gerando falsa sensação de liberdade, intensa individualidade e forte insegurança, além da preponderância do consumo e da tecnologia.

Nessa perspectiva, o conhecimento também é fortemente influenciado pela tecnologia, portanto, a educação faz parte direta desse processo. Bauman (2015) ressaltou, em artigos e entrevistas, a dificuldade cada vez maior de atenção e de concentração, especialmente por parte dos jovens, e seguiu alertando que seria impossível conceber o futuro e a educação sem tecnologia, logo, os educadores deveriam utilizar essa importante e necessária ferramenta como forma de despertar e manter a atenção e a persistência do aluno em relação aos estudos.

Bauman argumenta em uma entrevista:

A educação é vítima da modernidade líquida, que é um conceito meu. O pensamento está sendo influenciado pela tecnologia. Há uma crise de atenção, por exemplo. Concentrar-se e se dedicar por um longo tempo é uma questão muito importante. Somos cada vez menos capazes de fazer isso da forma correta — disse o pensador. — Isso se aplica aos jovens, em grande parte. Os professores reclamam porque eles não conseguem lidar com isso. Até mesmo um artigo que você peça para a próxima aula eles não conseguem ler. Buscam citações, passagens, pedaços. (ALFANO, 2015).

Tenho verificado, a partir de meus estudos e especialmente de minha experiência em sala de aula, que o uso de materiais pedagógicos diversificados, como o audiovisual, pode consistir em um modelo no qual o conteúdo das aulas pode se tornar mais compreensível, interessante e atraente. Especialmente frente ao modelo cultural contemporâneo, no qual a sociedade e, em especial, os jovens estão imersos em um mundo de imagens, de fotografias e de vídeos compartilhados em diferentes redes sociais.

Desde a década de trinta, por fatores econômicos, políticos, culturais e sociais, propiciados especialmente pelo desenvolvimento das tecnologias de informação, comunicação e potencialização da globalização, a sociedade contemporânea passou a ser nomeada pela Sociologia de “Sociedade da Comunicação”. Esse termo impõe reflexão sobre mudanças cada

vez mais significativas nas culturas e, se referindo diretamente ao campo escolar, se faz importante perceber tais mudanças e passar a explorar novas formas de aprendizagem que atendam aos indivíduos desse novo momento histórico em ebulição.

A escola, como recorte da sociedade e da cultura, reflete a realidade, portanto precisa compreender, acompanhar e de alguma forma, aproveitar características dessa dinâmica social e cultural no processo educacional.

Normalmente, os jovens gostam de filmes, possuem o hábito de ir ao cinema, especialmente na atualidade, pois hoje vídeos, filmes e seriados estão mais acessíveis através das plataformas de Internet e *streaming*, como Netflix, Amazon Prime e outros.

2.1 A relação entre o cinema e a educação

Quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alargar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos – renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. (FRESQUET, 2017, p. 19- 20).

Edgar Morin (2014) aponta o cinema como uma figuração, como a pintura ou o desenho, uma imagem da imagem; diferente da foto que estabelece uma perspectiva, o cinema é a imagem em movimento, uma representação da representação e nos convida a refletir sobre “o imaginário da realidade e a realidade do imaginário” (MORIN, 2014, p. 14).

O cinema tem suas origens a partir de 1890, quando Thomas Edison cria o cinetoscópio e desenvolve diversos filmes, embora Morin lembre que essa ferramenta foi utilizada também como utensílio de pesquisa, com a possibilidade de estudar, entre outros, fenômenos da natureza, comparando-o ao telescópio ou microscópio.

Contudo, é em 1895, quando os irmãos franceses Louis e August Lumière aperfeiçoam o cinetoscópio, criando o cinematógrafo, que ele adquire outra finalidade e passou a ser visto especialmente como espetáculo artístico, perdendo aí sua essência possivelmente científica, Morin critica o fato de o cinema ter sido desprezado como dispositivo científico, já que apresenta além do real, ele aponta vários relatos de estudiosos da época que corroboram tal ideia e reflete:

O cinema é realidade talvez, mas também é outra coisa: gerador de emoções e sonhos. É o que nos garante todos os depoimentos. Eles constituem algo próprio do cinema, já que sem seus espectadores não existe. O cinema não é realidade, já que isso é dito. Se sua irrealidade é ilusão, é evidente que essa ilusão é ainda assim a sua realidade. Mas ao mesmo tempo sabemos que o objetivo é desnudado diante da subjetividade, e que nenhuma fantasia chega a perturbar o olhar que ele fixa ao rés do real (MORIN, 2014, p. 25).

Marcos Napolitano (2003) cita que o francês George Méliès é considerado o criador do cinema como espetáculo, pois lançou as bases do cinema como expressão de arte, além de Charles Pathé e Louis Galmont, que consolidaram o cinema como arte e entretenimento. Depois da França, os Estados Unidos da América se transformaram no maior celeiro de produção cinematográfica mundial no início do século XX, seguidos da Alemanha, antiga União Soviética, Inglaterra e Itália. Na América Latina, o cinema despontou no México e na Argentina e, na década de 20, no Brasil, sendo, na década de 50, conhecidas as produções das companhias cinematográficas Vera Cruz e Atlântida. Atualmente, identificamos como grande país produtor de filmes a Índia, que começou esse processo em meados da década de 1950.

Segundo Napolitano (2003), um filme é criado a partir de uma ideia ou argumento, que se transforma em roteiro, no qual as cenas ocorrerão de forma sequenciada, envolvendo a construção de personagens, lugares e diálogos. O roteiro é submetido à análise para um planejamento e possivelmente à realização de sua produção, que depende inexoravelmente de orçamento. Os passos finais são o de edição e de exibição, que é a etapa da sua inserção no mercado cinematográfico, onde o marketing e a publicidade são importantes para a divulgação e consequente sucesso.

A linguagem cinematográfica envolve elementos diversos, sendo assim, os filmes estão classificados em gêneros. Os gêneros clássicos são: drama, histórias conflitantes onde são apresentados problemas existenciais, psicológicos ou sociais; comédia, envolve situações hilárias da vida cotidiana ou surreais; aventura, que apresenta sequências de ação; e o suspense que aborda temas de tensão e de mistério. A partir desses grandes gêneros, surgem outros que unem dois ou mais desses tipos, como a aventura policial, a comédia romântica, a ficção científica, dentre outros.

Além dos gêneros supracitados, existe o documentário, caracterizado como obra artística não ficcional, portanto, conserva o compromisso com a realidade histórica; no entanto, acabará sendo sempre um recorte ou viés da realidade, posto que é sua representação parcial e subjetiva. Tratar o documentário como representação histórica é interessante e, ao mesmo tempo, arriscado. Acredito que os documentários sejam muito significativos no processo de compreensão de fenômenos sociais, por exemplo, porém considero importante ressaltar que um documentário também passa a ser ou pode ser uma abordagem parcial, pois retrata comumente uma versão que é do desenvolvedor da argumentação, como o autor ou produtor, por exemplo. Contudo, não se pode abrir mão desse tipo de audiovisual na escola e, mais adiante, verifico que ele é um dos gêneros mais utilizados em sala de aula.

Existe também o cinema educativo, desenvolvido no Brasil em décadas passadas, como apresentarei em capítulo posterior, o qual é geralmente atrelado a uma política pública de Estado e tem pretensão de dialogar com as propostas curriculares vigentes.

Não podemos esquecer que o cinema, além de um projeto artístico, cultural, é também um negócio multibilionário que, nesse sentido, segue uma orientação intencional e pode ser fruto de uma racionalização da arte, tanto em sua produção, como em relação ao seu consumo. Não é à toa que, a cada ano, a indústria cinematográfica norte-americana lança a estória de um super-herói ou de uma heroína, de acordo com a demanda do público e dos recordes bilionários desse tipo de produção.

2.2 A Imaginação Sociológica e as relações entre Cinema, Sociologia, História e Educação

A fotografia é a verdade. E o Cinema é a verdade, 24 vezes por segundo. (“La Petit Soldat” de Jean-Luc Godard)

Morin (2014) aborda o poder e o encanto da imagem no processo cinematográfico e sobre o percurso da imagem à imaginação: “Entramos no mundo do imaginário quando as aspirações, os desejos, e seus negativos, os temores e o terror vencem e modelam a imagem a fim de ordenar segundo sua lógica, os sonhos, mitos, religiões, crenças, literaturas, precisamente todas as ficções” (MORIN, 2014, p. 101).

Posteriormente, o autor segue apontando que o cinema possibilita processos de “projeção-identificação” e “participação afetiva” e conforme o cinema se apropriou das tecnologias, esses processos se tornaram mais intensos, como os efeitos de luz, o escuro das salas de cinema, a mobilidade das câmeras, aceleração ou lentidão de cenas, música e ângulos de tomadas, tudo isso estimula e potencializa a participação afetiva do espectador. Ele ratifica que os fenômenos cinematográficos acabam por desenvolver estruturas de subjetividade em relação à imagem objetiva e defende que deve haver uma análise dessas reações e desses mecanismos.

O conceito de projeção-identificação pode ser compreendido, por exemplo, quando o espectador do gênero masculino tem preferência pelos protagonistas do mesmo gênero, ou pessoas de camadas sociais privilegiadas possam acessar uma realidade bem distinta da sua na tela, mas possivelmente se identificará e até compreenderá subjetivamente

melhor os personagens que possuem vida semelhante à sua. Como no exemplo citado por Morin (2014):

Ombredane realizou uma experiência de grande alcance quando comparou os relatos dos negros do Congo com os de estudantes belgas sobre o mesmo filme *A Caça Submarina*. Os primeiros eram puramente descritivos, exatos, plenos de detalhes concretos. A visão mágica, percebia-se, ainda não embarçara a visão prática dos primitivos. Em oposição, os relatos dos estudantes brancos se revelaram muito pobres em detalhes, de uma indigência visual extrema, perpassados por efeitos literários, gerais, vagos e com tendência a relatar os acontecimentos de modo ao mesmo tempo abstrato e sentimental, com considerações estéticas, impressões subjetivas, estados de alma e julgamentos de valor. A civilização da alma interioriza a visão, que se tornou indefinida, afetiva, embaralhada. A caça submarina deixa de ser uma caça concreta para ser um sistema de signos emotivos, um drama, uma história, um “filme” (MORIN, 2014, p. 136).

Charles Wright Mills (1969) criou o conceito de “Imaginação Sociológica”, que consistia na possibilidade de o indivíduo conseguir estabelecer conexão com a realidade, distanciando-se e a interpretando de forma impessoal e crítica. A Imaginação sociológica é uma conscientização que deriva do pensamento sociológico, o autor afirma: “O que precisamos, o que sentem precisar, é uma qualidade de espírito que lhes ajude a usar a informação e a desenvolver a razão, a fim de perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos” (MILLS, 1969, p. 11).

Nessa teia de conexões, acrescento o pensamento do professor Cristian Paiva (2020), quando argumenta no prefácio do livro *O sociólogo vai ao cinema* (2020):

O cinema, enquanto linguagem audiovisual e modo de produção de narrativas, opera como sistema de (auto) representação que serve não só de espelho em que o social pode ser revelado na poeira dos fotogramas que correm à velocidade de 24 segundos, como uma espécie de decalque da realidade, mas também produz novas formas de pensamento e engendra novas experiências sócio-psíquicas. [...] A literatura, as artes visuais, o cinema e demais produções artísticas disputam, portanto, o poder de dizer, figurar, esculpir o mundo, acumulando pensamento e inteligência sobre o social. (PAIVA, 2020, p. 7).

Reitero a argumentação de Paiva (2020), pois acredito que ao assistir a um filme, o indivíduo se desloca subjetivamente e, mesmo levando em conta suas experiências pessoais, sofre um distanciamento que pode redimensionar preconceitos enraizados, porque a observação, o envolvimento com a trama e a possibilidade da abstração provocam a imersão naquela narrativa apresentada e mesmo que haja a projeção-identificação, o espectador é colocado sob uma perspectiva diferente sobre determinadas questões psicológicas ou contextos sociais.

Importante seria verificar a profusão de ideias e de observações acerca do processo de realidade e irrealidade orientado por campos de significados exibidos na tela,

porque o cinema, além de possibilitar a abstração, faz pensar. Morin (2014) ratifica: “o cinema é tanto uma cinestesia, força bruta condutora de participação afetivas, quanto desenvolvimento de um *logos*. O movimento se faz ritmo e o ritmo se faz linguagem. Do movimento à cinestesia e ao discurso. Da imagem à emoção e à ideia” (MORIN, 2014, p. 219).

Conectando, pois, sentimentos, sistema de afetividade: universos sensoriais e o conhecimento, o cinema pode ser um canal significativo de educação, como tento atestar neste estudo.

Roberto Carlos de Oliveira (2018), em seu estudo sobre o cinema como ferramenta pedagógica sob os vieses da Educação e da Filosofia, defende que é possível existir uma Sociologia do Cinema:

É possível pensar uma Sociologia do Cinema a partir dos reflexos que o cinema tem sobre a configuração da sociedade? Desde que o cinema se tornou uma indústria multicontinental, seu impacto sobre as sociedades foi enorme. Na forma de entretenimento e espetáculo, o cinema foi capaz de oferecer diversão e conhecimento para pessoas que não tinham acesso à literatura e ao teatro. Muitas das ideias dominantes foram reforçadas nos roteiros de cinema, mas não faltaram também filmes que apresentaram ideias que claramente confrontavam os tabus e as conveniências sociais (OLIVEIRA, 2018, p. 167).

Adriana Fresquet (2017) defende que, no processo de parceria entre o cinema e a educação e nos extremos do que é real e fantástico, “a imaginação pode ocupar lugar privilegiado na produção sensível e intelectual do conhecimento.”

Portanto, de acordo com os autores supracitados, a partir da sessão de um filme, curta ou documentário ocorrem fenômenos de interpretação e de reflexão acerca de uma dada realidade social e através dos quais o expectador tem a oportunidade de desenvolver a imaginação sociológica promovendo assim a articulação entre arte e ciência. Especialmente, se mediada por um professor, o que não quer dizer que o mesmo deva conduzir ou normatizar todas as análises, entretanto ele tem a oportunidade de orientar ou estimular de acordo com as temáticas apresentadas.

E, como nos relata Bernardet (1980) em *O que é cinema*: “Em princípio, não há tema que seja vedado ao cinema, que deixou de ser um meio exclusivo de contar histórias para se tornar também um meio de reflexão política, estética, ética, religiosa, sociológica etc.” (Posição 925) e referencia o diretor Sergei Eisenstein quanto à inovação da montagem

Quem desenvolverá esta teoria da montagem é Eisenstein, para quem de duas imagens sempre nasce uma terceira significação. Ele vê aí a estrutura do pensamento dialético em três fases: a tese, a antítese e a síntese. Essa montagem não reproduz o real, não o macaqueia, ela é criadora. Não reproduz, produz. Já que a estrutura da montagem é a estrutura do pensamento, o cinema não terá por que se limitar a contar

histórias, ele poderá produzir ideias. O que vai guiar a montagem não será a sucessão dos fatos a relatar para contar uma história ou descrever uma situação, mas o desenvolvimento de um raciocínio. (BERNARDET, 1980, p. 49).

Percebo a relação entre cinema e conhecimento não apenas sob a perspectiva narrativa, mas criativa. A possibilidade, pois, de uma importante estratégia no processo de ensino e aprendizagem. Nessa linha de pensamento, as políticas públicas vêm, em alguns países, acompanhando o movimento do uso do cinema como recurso didático, tanto que no Brasil, no ano de 2014, foi promulgada Lei que torna obrigatório a exibição de um filme nacional na escola:

Art. 1º. O art.26 da Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte § 8º:

Art. 26 [...] § 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. (BRASIL, 2014).

Essa lei de 2014 sucede muitas outras que alinhavam o cinema ao sistema de ensino no Estado brasileiro. Contudo, o cinema começou a ser utilizado na educação, quando foi percebido por alguns governos como alternativa político-educativa, sendo utilizado em projetos governamentais, como aponta Ferreira (2018), durante a Segunda Guerra Mundial especialmente, como no Estado Fascista de Mussolini, com a criação do LUCE (L'Unione Cinematográfica Educativa) em 1924. E a ideia foi utilizada também por Estados da Liga das Nações, sendo criada nesse sentido a Revista Internacional do Cinema Educativo e traduzida para muitos idiomas e aqui no Brasil, o Governo Vargas seguiu a diretriz, conforme está registrado no livro de Rodrigo Ferreira (2018). Vargas tinha visão otimista quanto ao cinema aplicado à educação, chegando a proferir discurso acerca das qualidades da educação fílmica, como imaginação, observação, raciocínio e conhecimento. (FERREIRA, 2018).

Interessante verificar como a cultura visual já era percebida como ferramenta de educação, mesmo que fosse outro o real interesse: fazer do cinema estratégia político-ideológica. Ferreira (2018) aponta que, no ano de 1937, inspirada na ideia de Mussolini, durante o Estado Novo, é sancionada a Lei n. 378, reformando o Ministério da Educação e Saúde e criando o INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo) pelo Artigo 40º, “destinado a promover e orientar a utilização da cinematografia, especialmente como processo auxiliar do ensino, e ainda como meio de educação popular em geral.” O INCE desenvolveu atividades entre os anos de 1937 e 1967, em períodos nos quais, a natureza brasileira e programas científicos foram o centro da programação e outros, além disso, a cultura popular foi exaltada.

Durante a Ditadura Civil-Militar, em 1966, o governo criou o INC (Instituto Nacional de Cinema) e, no ano de 1969, foi criada a EMBRAFILME (Empresa Brasileira de Filmes), fomentando a indústria cinematográfica brasileira e, mesmo que essa seguisse as diretrizes militares de censura, houve produções significativas, como *Xica da Silva*, de Cacá Diegues, em 1976, e *Eles Não Usam Black-tie*, de Leon Hirszman, em 1981. (FERREIRA, 2018)

Como verificamos, a utilização da televisão com objetivo educacional começou no final da década de 60 e foi usada como ferramenta ideológica na formação de muitos indivíduos. No final da década de 70, a Fundação Roberto Marinho e Fundação Padre Anchieta lançam o Telecurso 2º Grau, antigamente realizado através de correspondências. Anos depois, o país tem, em sua grade televisiva, vários programas com contextos educativos, como TV Cultura, SESC TV e a TV Escola, que há pouco tempo teve sua programação encerrada.

Verifico, pois, que, em nossa história recente, o cinema foi utilizado não apenas como referencial educativo, mas político-ideológico. Embora saiba que pensamentos e atitudes, especialmente governamentais, estão alicerçados em base ideológica, preciso ressaltar o perigo que reside em se canalizar um recurso tão rico e de tantas possibilidades para atingir interesses específicos, muitas vezes distorcidos e alienantes.

Como Ferreira (2018) frisa, na década de noventa e com os novos formatos digitais, percebe-se a consolidação do cinema no cotidiano da escola brasileira. São desenvolvidas ações de cunho estrutural, como construção de espaços multifuncionais nas escolas, com sistemas e aparelhagem adequados, capacitações para os docentes, bem como a introdução de obras cinematográficas em livros didáticos. No entanto, é necessário muito maior investimento nesse sentido, tanto material quanto humano, especialmente quanto ao aspecto cultural.

Contudo, é perceptível a cultura audiovisual cada vez mais presente na sociedade e na escola, especialmente as que possuem organização curricular mais aberta, como no caso das escolas de tempo integral no Ceará, com a introdução de disciplinas eletivas, como já existem nas universidades, aulas em que o docente tem mais tempo, especialmente quanto à Sociologia, que, na maioria do país, esteve presente com carga horária semanal mínima.

Marcos Napolitano (2003) um dos estudiosos que evidencia a importância de utilizar o cinema como estratégia pedagógica, aborda novas formas de linguagem no ensino e o uso do cinema em sala de aula. Napolitano argumenta sobre a relação entre cinema e cultura na escola: “Trabalhar com cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao

mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (NAPOLITANO, 2003, p. 11).

Com isso, Napolitano frisa a importância da riqueza cultural que o cinema estabelece, dessa nova forma de linguagem que, na maior parte das vezes, é desperdiçada por falta de estratégias voltadas ao uso racional do cinema na escola.

Nesse sentido, Adriana Fresquet (2017) também aponta para a necessidade da reconfiguração de saberes e práticas que emergem do uso da potência pedagógica da cultura audiovisual, que exploram alteridade e criação, prática e reflexão, dinâmica essa que possui inclusive caráter político:

Mas, é também na atenção à dimensão estética dos filmes que esse gesto se faz político, uma vez que sua defesa do cinema na escola é perpassada por uma confiança e uma aposta nas possibilidades sensíveis e intelectuais de toda e qualquer criança, de todo e qualquer professor (FRESQUET, 2017, p.14).

Levando em conta a citação e a realização da observação participante em minha pesquisa de campo, observo que, para alguns professores, funcionários da escola e estudantes, o cinema normalmente é apenas diversão ou simples distração, possui frágil relação com o conhecimento e até mesmo com a cultura.

Essa percepção possui raízes que estão nas diferenças entre capitais culturais² adquiridos dos indivíduos, como afirmou Bourdieu (2007), e torna-se necessária a mudança dessa percepção para que o audiovisual, como o cinema, seja encarado como arte, posto ser um gesto de criação, e também como recurso educacional significativo e, nesse sentido, pressupõe formação, esclarecimento e mudança na cultura escolar.

Inúmeros estudiosos consideram e classificam o cinema como expressão cultural e manifestação artística; e, sendo a arte conhecimento, o cinema deve ser um relevante instrumento na prática educadora.

O professor Francisco de Oliveira Barros Junior desenvolve, há quase vinte anos, um trabalho que articula Cinema e Ciências Sociais na Universidade Federal do Piauí. O projeto “Tela Sociológica” apresenta filmes seguidos de debates que compreendem diversas áreas do conhecimento, promovendo diálogos entre diferentes saberes. Em seu livro *O sociólogo vai ao cinema*, Barros Júnior (2020) aborda o cinema como importante representação social e vetor de diversas dimensões interpretativas, especialmente a partir do

² Pierre Bourdieu (2007) desenvolveu a definição de capital cultural, que é representado por bens simbólicos, são saberes e conhecimentos reconhecidos, como conhecimento sobre artes, diplomas e títulos.

olhar sociológico, olhar cheio de vertentes teóricas concebe uma produção intelectual, e, acerca da utilização do cinema como material pedagógico, ele discorre:

O uso do cinema na sala de aula apresenta o seu potencial didático-pedagógico. Lançamos mão de um consistente recurso artístico para tornar os nossos encontros educacionais mais vigorosos. O olhar cinematográfico, na sua especificidade, é mais um ângulo a ser procurado na tentativa de compreendermos e interpretarmos o vasto mundo no qual estamos inseridos. (BARROS JÚNIOR, 2020), p. 35)

O professor promove a “cinesociologia” no Ensino Superior e para cientistas sociais em formação; considerei um método rico e com o qual pudemos traçar um paralelo significativo para o trabalho que faço no Ensino Médio.

Como também tive acesso à análise da experiência das professoras Mariana Mont’Alverne Barreto e Jacimara Abreu, na Universidade Federal do Maranhão, com a criação de um cineclube como projeto de extensão no qual projetavam filmes e, a partir da interpretação da linguagem cinematográfica, realizavam discussões de temáticas com alunos das Ciências Humanas e das Ciências Naturais. Porém o projeto se ampliou, alcançando e incluindo outros atores de dentro e de fora dos *Campi*, chegando à comunidade no entorno da Universidade e a professores da Educação Básica.

Abreu e Barreto (2016) ressaltam a importância do uso de recursos diferenciados em sala não apenas para tornar aulas mais dinâmicas, descentralizar o lugar e o poder do professor, mas também buscar a universalidade do cinema que expõe a vida cotidiana de maneira semelhante, mesmo com a multiplicidade cultural das diferentes sociedades:

[...] os instrumentos necessários para a compreensão do complexo de elementos culturais que está dentro dos indivíduos, para que assim se compreenda o complexo cultural que está fora deles, ou seja, na obra de arte, quer seja ela um filme, uma música, um romance ou uma fotografia. A posse dos objetos artísticos isoladamente não configura uma situação favorável ao fim das desigualdades constituídas pelo habitus, pela socialização (BARRETO, 2010, p. 2 *apud* ABREU; BARRETO, 2016, p.13).

Um dos pontos mais relevantes que considerei no trabalho das professoras supracitadas está em alguns elementos que abordaram nesse processo, um deles diz respeito à possibilidade de perceber os partícipes para os cine-debates como diferentes possuidores de capitais culturais, especialmente em relação à cultura fílmica, mas que aquele recurso, se colocado de forma adequada e com base anteriormente proposta, poderia ser minimizador de desigualdades e não amplificador, posto que os saberes são determinações sociais.

Outro elemento importante citado se refere a programas escolares voltados à educação para a imagem. Vejo como importante e necessária a existência de mais programas e projetos nesse sentido, voltados à formação do professor e do aluno da Educação Básica.

No artigo sobre o projeto, o fenômeno da desigualdade fica evidenciado, como também a tentativa de contornar esse e outros problemas:

No entanto, em algumas vezes, a falta de experiência e cultura cinematográfica dos discentes impediu a apreciação dos filmes da forma esperada, uma vez que películas por eles consideradas como “difíceis” exigiam um conhecimento prévio acerca de aspectos que iam além dos conteúdos principais, algo que era trabalhado apenas nos momentos das discussões. (ABREU; BARRETO, 2016, p. 23)

[...]

De início, esse obstáculo dificultou a realização de discussões mais fluídas, participativas, espontâneas. O que se buscou corrigir ao longo da prática do projeto, exercitando no público presente disposições para o domínio dos elementos culturais necessários para os entendimentos satisfatórios das metáforas e realidades apresentadas nos filmes. Fazendo-os perceber que é possível buscar e aprimorar o conhecimento de diversas maneiras, que não se prendem a um formato único, a uma só língua, experiência, representação ou universalidade. (ABREU; BARRETO, 2016, p. 24)

Considero de extrema relevância a percepção dessa dificuldade, como também propostas para superá-la, afinal eu vivencio na escola algo parecido, desde a seleção dos filmes até sua avaliação. Como seleciono os filmes de acordo com as temáticas trabalhadas na disciplina de Sociologia, me vêm à cabeça muitas obras, entretanto imagino que muitas delas possam ser acessadas com maior dificuldade pelos alunos, por vários motivos, entre eles, maturidade e cultura cinematográfica.

Como, por exemplo, apresentar “2001, Uma Odisseia no Espaço” para jovens de 15, 16, e 17 anos? E alguma obra de Bergman ou David Lynch para tal público? Considero alguns critérios para a projeção, mas percebo agora que preciso também ampliar o repertório e, sim, trabalhar propostas para tentar desenvolver a compreensão dos alunos acerca da arte e de suas percepções. Nesse sentido, é interessante que filmes como “Tempos Modernos”, preto e branco, cinema mudo seja um dos clássicos que os alunos mais gostam no Ensino Médio.

Nessa perspectiva, outro desafio na escolha dos filmes e no trabalho com os estudantes da Educação Básica se dá pela percepção geral que a maioria dos jovens possui acerca do cinema: a imensa maioria é captada pelo grande mercado. Barros Junior (2020) aborda essa questão:

O foco sociológico acompanha o processo no qual as instituições dominantes da economia capitalista subordinam as artes. Os industriais da cultura, do entretenimento, veiculam mensagens ideológicas através dos telênicos meios de comunicação de massa. Quanto aos seus espectadores, sobressaem os das posturas conformistas e passivas. (BARROS JÚNIOR, 2020, p. 48).

O impacto da cultura de massa, analisada teoricamente pelos estudiosos da Escola de Frankfurt e por Pierre Bourdieu se faz cada vez mais presente atualmente. Bourdieu privilegia em seu campo de reflexão as classes e os mecanismos de dominação e de

reprodução das relações de poder entre aqueles. Nesse sentido, em *A Distinção* (2007a), o autor justifica que existe uma lógica de distinção nas sociedades que são princípios de diferenciação na esfera cultural e que, encontra no sistema de ensino, características que afetam a estrutura das relações que se constituem e se perpetuam.

Baudelot e Establet (2015) endossam a análise de Bourdieu acerca de capital cultural ao afirmarem que as desigualdades sociais na escola não se explicam pelas diferenças de renda das famílias, mas por diferenças nos níveis de instrução. Bourdieu (2007a) cita que as necessidades culturais são o produto da educação e as práticas culturais, como ida a exposições ou acesso à leitura e ao cinema estão associadas ao nível de instrução. Essa reflexão pode ser estabelecida em relação aos alunos e aos professores também.

E quanto à cultura de massa, é clara a percepção dos tipos de audiovisuais que os alunos costumam consumir, exatamente a partir do capital cultural herdado e da codificação permitida através desse. Isso explica o consumo midiático, por exemplo, de comédias ou filmes de terror e aventura com sequências intermináveis de um lado e, de outro, a pouca disposição para filmes com conteúdos mais densos, subjetivos ou críticos, os conhecidos filmes pertencentes ao “cinema de arte”, que para muitos, é chato, porém, para a maioria, é possivelmente mal compreendido.

Essa visão pouco crítica da maior parte dos espectadores faz com que os jovens desejem ou se interessem mais pelos chamados “enlatados norte-americanos”, filmes recheados de cenas hilárias ou corridas alucinadas, ou estórias fantasmagóricas simples. Tornando muitas vezes algumas sessões menos empolgantes, especialmente as que exigem maior atenção e reflexão. Entretanto, esse é um dos objetivos da proposta da aula mediada por filmes, despertar a criticidade dos espectadores, ampliando sua percepção e compreensão acerca das películas e também das realidades que se constroem em torno de suas vidas.

A partir da análise de conceitos e de categorias desenvolvidas por Pierre Bourdieu (2002) sobre a sociedade e especialmente sobre o mundo escolar, tive a oportunidade de ampliar minha percepção acerca de minha realidade e objetivamente agregar conhecimento sobre o funcionamento do sistema de ensino no qual estou inserida enquanto professora. Mesmo seus estudos tendo sido realizados em outro momento histórico e em um país com significativas diferenças culturais, ainda assim, é notável identificar grandes semelhanças entre a França do século XX e o Brasil dos anos dois mil.

Em *Escritos da educação* (2002), encontrei textos que refletem a clara, ou melhor, a turva e dura realidade de boa parte daqueles que se encontram na escola hoje e, sobre esse

livro, destacarei os textos “Excluídos do Interior”, ao mesmo tempo em que revelarei a voz dos excluídos contemporâneos, ou seja, meus alunos.

Bourdieu (1983) aborda a França dos anos 60, quando houve a democratização do ensino, expondo imensa desigualdade entre os alunos, mesmo que sob a roupagem da universalização. O autor salientava sobre práticas que ele denominava de “exclusões brandas, insensíveis”, mas que estavam presentes cotidianamente nas escolas, como seleção entre os melhores alunos e os piores, exames e testes a que todos eram submetidos, em detrimento de suas diferenças pessoais, sociais e psíquicas.

Posso ressaltar que, em nossa disciplina, tento incluir estudantes que normalmente são marginalizados no campo escolar, por notas ou comportamento desviado de um padrão exigido, mas considero que esses são detentores de capital cultural, contudo esse saber nem sempre é observado ou considerado.

Autores críticos em relação ao cinema e o conhecimento afirmam que o cinema não apresenta realidade, mas sempre uma versão, que parte de seus idealizadores, produtores e de quem os dramatiza, até mesmo documentários, que possuem maior necessidade de fidelidade, não demonstram o real.

Nesse sentido, Paulo Menezes (2004) aborda os documentários sociológicos ou etnográficos e a questão da análise fílmica em relação a uma dada realidade apresentada na tela:

Na segunda perspectiva a análise propriamente fílmica, coloca-se em primeiro plano, transformando as imagens do filme no material analítico primordial, do qual devem decorrer as interpretações e a proposições significativas sobre a construção do filme como parte da constituição de um imaginário social, como expressão das formas pelas quais uma sociedade concebe-se visualmente. Esta realidade não existiria em outro lugar, não seria mero reflexo das condições de existência, não seria “jamais o substituto”, nem o equivalente de outra coisa qualquer, pois existem informações que só lá estão, que só nelas podem ser encontradas. Expressaria, portanto, valores, relações, concepções que só existem e se expressam nela. Portanto, seria uma dimensão e não apenas um reflexo de um processo social (MENEZES, 2004, p. 22).

Citado por Menezes (2004), Jean-Claude Carrière aponta problemas cruciais para todo pensamento social em geral, e sociológico em particular, que tenha como objetivo essa análise em relação às imagens produzidas pelo cinema:

A verdade não é sempre convincente. O cinema, que tão freqüentemente se aventura pelo irreal, constantemente renuncia a uma realidade que considera difícil demais de ser engolida (1995, p. 87). O cinema, portanto, não filma a realidade “como ela é”. pois esta “realidade” muitas vezes ao ser filmada aparece na tela como inverossímil. A relação entre coisa, imagem da coisa e olhos do espectador não é tão simples como poderia parecer à primeira vista. Assim, a relação entre imagens e espectadores é sempre bastante complexa: “Não vemos o que alguém decidiu que

não deveríamos ver, ou o que os criadores dessas imagens não viram. E acima de tudo, não o que não queremos ver” (CARRIERE, 1995 *apud* MENEZES, 2004, p. 22).

Apesar das críticas, a que não devo me furtar, cabe ao cinema um persistir por representar uma dada realidade, mesmo recaindo no “representificar” de Paulo Menezes, ele possibilita o processo de compreensão do território simbólico a partir de um imaginário social. Registro as palavras de Oliveira (2018) para ratificar pensamento supracitado:

O cinema sempre transforma aquilo de que ele trata. Ao operar como mediador entre a realidade retratada e o espectador, embaralha as identidades (pessoais e culturais) e expande as referencialidades pelo relativismo que fomenta. No cinema, não é exagero dizer, a realidade se tornou múltipla, pois sua ação fez desdobrar a cultura de dentro para fora e o contrário; ali, a cultura ganha novos contornos, pois as imagens que o cinema produz passam a ocupar mais espaço no imaginário, além de redimensionar a ideia de múltiplas temporalidades (OLIVEIRA, 2018, p. 258).

Acessar o cinema possibilita, pois, resgatar aspectos diferentes de nossas realidades, ocasionando construção e desconstrução de opiniões, acesso ao senso comum, bem como desenvolvimento de senso crítico, no entanto apesar de ser uma prática pedagógica não tão recente, não é um objeto claro de reflexão dos professores, especialmente quanto a formações, os acadêmicos possuem habilitações diversas, normalmente relacionadas a técnicas de leitura, resumos, resenhas e fichamentos, articulação entre teorias clássicas, contudo a linguagem ou leitura cinematográfica não tem o espaço e o reconhecimento devido.

2.3 O cinema e a imaginação sociológica do professor

Inês Teixeira (2011) defende que, para além da força que a imagem e a linguagem visual possuem nas estruturas simbólicas da sociedade contemporânea, o uso de “telas na docência” também aborda o lado ligado aos consumos culturais dos professores, que acabam por reverberar em suas práticas docentes.

Faço o uso do conceito de capital cultural em Pierre Bourdieu (1983) e, nesse sentido, o autor enfatiza a relação entre cultura e classes sociais, o estudioso salienta que o consumo cultural é variável de acordo com a posição social e a estrutura do capital possuído, existindo aí o que ele conceituou de distinção, princípio organizador da vida social que classifica e hierarquiza.

Patrice Bonnewitz observa acerca do pensamento de Bourdieu (1983):

Essa vontade de acumulação de capital simbólico permite explicar as práticas culturais. Todos os estudos empíricos mostram que as classes dominantes são super-representadas na frequência aos museus ou à ópera, às bibliotecas e na compra de

livros; o acesso aos bens culturais é fortemente desigual. Essa desigualdade não é simplesmente o reflexo de uma desigualdade econômica, mas também o reflexo de estratégias e distinções, isto é, da luta de classes no terreno cultural (BONNEWITZ, 2003, p. 104).

Abordo aqui a perspectiva não apenas do aluno, que possui capital cultural, mas também a perspectiva em relação aos professores e seus repertórios de vivências, muitos não tem a cultura de utilizar audiovisuais em sala de aula ou mobilizar outros tipos de metodologias, pois para isso, a formação a experiência interferem, mas também escolha pessoal, sensibilidade e afinidade.

Nesse sentido, Fresquet (2017, p. 46) aponta que a utilização do cinema no campo escolar provoca mudanças sensíveis especialmente no papel do professor, pois, para sua implementação como recurso pedagógico, criativo e estético, é necessário uma postura diferente por parte do professor, ao provocar formas diferentes de ser e de estar em aula, o lugar do professor não é mais central nesse momento, ultrapassa a massificação de conteúdos e coloca os atores escolares professor e alunos em mesma condição, como expectadores daquele vídeo.

Isso requer do professor exercício de ressignificação de sua prática pedagógica, posto não ser então o protagonista do processo de aprendizagem, mas um mediador do conhecimento. Como argumenta Oliveira (2018, p. 455) quando constrói a tese da cinepedagogia como a possibilidade de aprender a partir do acesso a filmes, é exigido mais do professor:

Ora, se para utilizarmos uma linguagem, antes, temos que aprender os fundamentos de sua gramática, e se para ensinarmos qualquer ciência de maneira consistente, temos que fornecer seus pressupostos básicos, porque isso seria diferente no caso do cinema? Nada mais natural, ao trabalhar com o cinema, em instâncias pedagógicas (ou com propósitos pedagógicos específicos), que antes seja fornecido os pressupostos essenciais de sua linguagem para que o aproveitamento de tal conhecimento seja efetivo, para que a validade pedagógica do cinema seja compreendida em toda sua extensão e potencial.

A cinepedagogia não requer menos do que as outras formas de ensinar. Ao contrário, exige mais, na medida em que aciona elementos da vida psíquica e social do sujeito como pré-requisito para a produção de uma significação a partir das obras cinematográficas (OLIVEIRA, 2018, p. 455).

Ainda sobre a formação do professor e a importância da instrumentalização do cinema na educação, encontrei em Teixeira (2011) significativa intervenção, posto que absorve em muito o que temos procurado explorar enquanto possibilidades do uso do cinema em sala de aula:

[...] um cinema que sensibiliza, que pensa, que interroga, que convoca à alteridade, à sensibilidade, à imaginação. Trata-se do cinema como obra de arte, que eleva e

enleva, que nos move e comove, que desloca. Trata-se de um cinema que contempla e que se desdobra em abertura e possibilidades estéticas, éticas, poéticas, humanas, sociais e políticas (TEIXEIRA, 2011, p.183).

O cinema possui importantes e significativos conteúdos formadores, mas é também manifestação artística e cultural e, como tal, possibilita a convergência de emoção e conhecimento, de experiências e reflexões e, a partir dessas conexões, o potencial pedagógico surge e pode ser aproveitado.

No capítulo sobre minha pesquisa de campo, tratarei ainda sobre os professores e suas práticas pedagógicas, apresentando resultado de como alguns profissionais da educação pensam e mobilizam os filmes em sala de aula.

3 COMO ENSINAR COM O CINEMA: A EXPERIÊNCIA DO USO DO CINEMA NA AULA DE SOCIOLOGIA

Em meio a uma sociedade tecnológica e imagética, percebo a dificuldade cada vez maior de atenção e de concentração por parte dos estudantes na escola. Nesse sentido, acredito que ferramentas pedagógicas diferenciadas que exploram linguagens gestual, verbal e visual podem tornar as aulas mais significativas, potencializando assim a aprendizagem.

O tema de minha pesquisa surgiu a partir da criação da disciplina eletiva exclusivamente mediada por audiovisuais com alunos do Ensino Médio intitulada: “A Sociologia vai ao Cinema”, no Colégio Liceu do Ceará, no ano de 2017. Apresento, então agora, a escola que foi zona de investigação para que tenham maior e melhor acesso ao universo no qual desenvolvi minha pesquisa.

3.1 Liceu do Ceará, uma escola centenária

O território principal de minha pesquisa foi o Colégio Estadual Liceu do Ceará, e acho importante descrever um pouco sobre esse espaço significativo da cultura e da educação cearense. Com o nome inspirado na escola filosófica aristotélica da Grécia Antiga, o “Lyceu” figura entre as cinco escolas mais antigas do país, teve outras sedes, mas a atual e definitiva é na Praça Gustavo Barroso, no bairro Jacarecanga, espaço nobre da época em Fortaleza e teve suas atividades escolares iniciadas no dia 19 de outubro de 1845, sob a direção de Tomaz Pompeu de Souza Brasil.

Fortaleza contava com pouco mais de cinco mil habitantes, os alunos que estudavam no Liceu, em sua imensa maioria, eram pertencentes à elite cearense, já que os colégios públicos da época cobravam uma taxa dos responsáveis e poucas vagas eram destinadas aos estudantes que não tinham recursos para pagar. Apenas no século XX, houve mudanças mais significativas, como o ensino misto, pois anteriormente era restrito ao público masculino, e o acesso aos jovens menos abastados, especialmente devido à democratização do ensino secundário.

O Liceu do Ceará também era um espaço de movimentos sociais e de forte politização, como analisou Blanchard Girão (2009), que citou o quão comum era ver alunos

do Liceu em passeatas contra aumento de salário de deputados, pela anistia nos tempos do regime militar ou por outras causas sociais, como o blog Fortaleza Nobre registra³.

Muitos cearenses, homens e mulheres, se consideram “liceístas” orgulhosos, como são denominados os ex-alunos da escola, e é comum aparecerem para matar as saudades do colégio, se reunirem e alguns participam de solenidades em datas simbólicas. Do Liceu, formaram-se figuras significativas da economia, do esporte, da cultura cearense e brasileira, como intelectuais, empresários, políticos, artistas ilustres, entre eles: Clovis Bevilacqua, Eleazar de Carvalho, Parsífal Barroso, Farias Brito, Edson Queiroz, Fausto Nilo, Belchior, dentre muitos outros.

Atualmente, o Liceu do Ceará é uma escola de tempo integral da rede pública do Ceará, conforme supracitado, que funciona os três turnos e atende em torno de 500 estudantes de vários bairros e também da região metropolitana de Fortaleza.

Sendo assim, no ano de 2016, no Liceu, dentro da área das Ciências Humanas, criei a disciplina eletiva “A Sociologia Vai ao Cinema”, na qual temas sociológicos seriam apresentados, discutidos e explorados através da exibição de filmes, curtas-metragens, documentários e episódios de séries. E, nessa aula eletiva, tive o tempo de aula ampliado de cinquenta minutos para duas horas.

A aceitação da disciplina eletiva foi grande e crescente e, no momento da escrita deste trabalho, já estou no quinto semestre, pois ela é ofertada semestralmente e todos os anos. “A Sociologia Vai ao Cinema” é uma das disciplinas mais disputadas pelos alunos na escola.

3.2 Metodologia de pesquisa

Com a pretensão de analisar o uso do audiovisual como recurso didático nas aulas de Sociologia e verificar se esse recurso pode facilitar o aproveitamento do capital cultural do jovem, desenvolvi o trabalho empírico utilizando como metodologia, além da pesquisa bibliográfica, a técnica da observação participante, a aplicação de questionários, além da realização de grupo focal com estudantes e de entrevistas semiestruturadas com professores, presenciais e através da internet.

Senti necessidade de maior detalhamento daqueles com os quais eu já convivía noutra dinâmica, como professora, agora, enquanto pesquisadora, teria que ouvir os alunos

³ Blog Fortaleza Nobre <<http://www.fortalezanobre.com.br/2009/10/liceu-do-ceara-ii-parte.html>>

sob outra perspectiva, e também os colegas para compreender mais e melhor o sentido e o progresso de meus questionamentos.

Minha pesquisa é quanti-qualitativa por considerar importante revelar dados quantitativos, “puros”, sobre a temática, bem como informações mais detalhadas e subjetivas, quando amplio as possibilidades de acesso a informações através da interação que a pesquisa de campo proporciona. A abordagem quantitativa é complementada pela qualitativa.

Sobre os procedimentos quanto ao uso das técnicas de pesquisa de campo, iniciei com a observação participante, pois acredito que seja um método importante para uma análise mais profunda do espaço, das pessoas que fazem parte dele e dos processos que ali ocorrem. Segundo Minayo (2002):

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (MINAYO, 2002, p. 59-60).

Durante o processo de pesquisa de campo, meu lugar de professora foi alterado para o lugar de pesquisadora e a observação coloca, de fato, o pesquisador diante de relações humanas, conforme apontou Laplantine (1996), abordando sobre a relevância de desenvolver interesses por hábitos aparentemente banais e o observador, como parte integrante do objeto estudado, deve estar atento a esse ponto, principalmente em meu caso específico, por estar avaliando um espaço que me é familiar, afinal nesse momento sou pesquisadora, mas também faço parte do universo enquanto profissional dos equipamentos da Secretaria de Educação. O estranhamento deve ser a todo momento lembrado e perseguido, pois é importante e necessário. Como relata Minayo sobre o que Lévi-Strauss aborda quanto ao aspecto da pesquisa em Ciências Sociais: “Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação.” (LÉVI-STRAUSS *apud* MINAYO, 2002, p. 14).

Gilberto Velho (1978) também abordou a pesquisa social e o posicionamento de estranhamento que ela exige. O autor desenvolve seu pensamento a partir da teoria da pesquisa antropológica de Roberto Da Matta e a necessidade de transformar “o exótico em familiar e o familiar em exótico”, pois, ao pesquisar ambiente conhecido, a análise do pesquisador pode ser contaminada pelos hábitos, pela rotina, apresentando assim certas dificuldades nesse processo, entre outros pontos porque a pesquisa é um procedimento analítico interpretativo e consequentemente subjetivo.

As outras técnicas investigativas que utilizei foram, como disse anteriormente, entrevista e questionários: com relação às entrevistas, tive professores de Sociologia como público-partícipe e apliquei os questionários com alunos do Ensino Médio de escolas de tempo regular e de tempo integral da Rede Pública do Estado do Ceará, rede que é constituída atualmente por 720 escolas, entre essas, 228 ofertaram a jornada prolongada no Estado do Ceará, no ano de 2019.

Realizei cinco (5) entrevistas semiestruturadas com professores de Sociologia e apliquei o total de cem (100) questionários com alunos das três séries do Ensino Médio, os questionários foram respondidos de forma convencional, aplicação presencial, como também, respondidos através do Google Formulários, mas todos respondidos sob minha orientação em sala de informática. Para acessar dados mais sensíveis e percepções mais individualizadas, desenvolvi grupo focal com seis estudantes, dois alunos da primeira série, um casal de alunos da segunda série e um casal da terceira série. Considerei significativo ouvir ex-alunos de minha eletiva, como também alunos que não participaram dela.

3.3 Os professores de Sociologia do Ensino Médio, o que pensam e como utilizam o audiovisual como recurso didático

A partir de fontes bibliográficas e das minhas entrevistas, busquei identificar o perfil e principalmente o posicionamento dos professores de Sociologia e dos alunos sobre o uso de audiovisuais nas aulas, verificar sua percepção acerca daquele instrumento e dos ambientes onde ele se processa, ressaltando suas possibilidades, vantagens e entraves.

Com relação aos professores de Sociologia, o professor Cristiano Bodart (2019) organizou pesquisa sobre o perfil desses profissionais após dez anos da Sociologia incorporada como disciplina regular na grade curricular do Ensino Médio e identificou que, em 2017, havia 55.752 professores de Sociologia no Brasil, os professores são predominantemente brancos e pardos e, quanto à sua idade, observou-se uma média de 41,2 anos. Bodart analisou também as regionalidades e observou: “Maior parte dos professores de Sociologia está na Região Nordeste (35,6%), seguida do Sudeste (30,5%) e Sul (13,9%). O Centro-Oeste, com 9,5%, e o Norte, com 10,6%, são as regiões com menos professores de Sociologia.” (BODART, 2019, p. 41).

Quanto ao gênero dos professores, a pesquisa sinalizou que 41,5% são do sexo masculino e 58,5% do sexo feminino. Bodart (2019) ressaltou também a habilitação dos docentes que atuam na rede pública de ensino: “Dentre os professores de Sociologia,

habilitados ou não, que atuam nas redes públicas, 55,9% são concursados. Esse percentual está abaixo da média dos professores de todas as disciplinas do Ensino Médio, que é de 68,1%.” (BODART, 2019, p. 51).

Quanto à titulação, a pesquisa indica que a Região Sudeste apresenta maior concentração de doutores que lecionam Sociologia no Ensino Básico e aloca 41,2% deles. Já a Região Centro-Oeste tem a menor participação, com 9,2%. A região Nordeste aloca 21,2% de professores doutores e a Sul 21%, além do Centro-Oeste alocar 7,4%. Sendo que, a maior parte de professores doutores em Sociologia atua na rede federal de ensino.

Acerca dos docentes que entrevistei, os cinco professores que ministram aulas de Sociologia fazem parte da rede de ensino básica do Ceará. Entrevistei quatro professoras e um professor, sendo que quatro deles são professores efetivos da rede estadual do Ceará e um é professor temporário da rede. Dos cinco entrevistados, um professor é mestre em Sociologia, três são especialistas e uma possui graduação e, dentre estes, duas estão cursando Mestrado em Sociologia.

Objetivando o tema de minha pesquisa, dentre as perguntas que realizei, a primeira abordava relação do professor com o cinema, séries de TV, documentários, se gostavam e consumiam esses audiovisuais. Todos responderam que sim e só não consumiam mais por falta de tempo. Da mesma forma que responderam que usavam audiovisuais em suas aulas de Sociologia.

Acerca da diversificação de recursos didáticos para a aprendizagem, a professora a qual irei me referir como “Joana” respondeu: “Considero muito importante. Pois colabora para um envolvimento da turma com a temática estudada, possibilita atingir os diferentes níveis de aprendizagem que temos entre os alunos e torna a aula mais dinâmica e pode permitir um aprendizado mais significativo”. O professor denominado por mim como “Luciano” comentou sobre a questão:

Quebra rotina, qualquer coisa que foge do padrão de aula, isso chama a atenção dos alunos, com a utilização de multimídia, você trabalha outros sentidos, você não escuta apenas, você visualiza, né? E ainda mais essa geração que é muito ligada a imagens e algo que mexe com eles, enfim, eles gostam e você puxa dali, algo pra trabalhar conteúdo, fazer análise sociológica. (Entrevista realizada em 19 de novembro de 2019).

A professora “Sara” também responde enfatizando as características do público com o qual trabalhamos, como o colega falou acima:

Diversificar o uso de recursos potencializa a compreensão de conceitos e temáticas, dinamiza e torna a aula mais atraente. Trabalhamos com a geração da imagem, que vivencia o uso dos recursos midiáticos, incluindo além da imagem, a música, os

jogos, então a utilização das várias linguagens potencializa a compreensão do conhecimento e amplia o debate sociológico. (Entrevista realizada em 17 de dezembro de 2019).

O pensamento dos professores ratifica a ideia que desenvolvemos, especialmente quando contemplam essa geração imersa em redes virtuais de imagens, sons e vídeos e necessidade de explorarmos outras linguagens no processo de ensino e aprendizagem. E considero que a resposta da professora “Carla” ratifica muito do que tenho analisado em meus estudos, ela relata: “A aula tradicional, em si, acaba encerrando as possibilidades de aprendizagem. É necessário inovar para que os estudantes consigam ter outras perspectivas do conteúdo. O olhar, a argumentação, a escrita, a desnaturalização, a arte, etc.”. Mais uma vez, reflito sobre a relevância indiscutível das aulas tradicionais, entretanto enalteço a necessidade de estarmos atentos à riqueza de possibilidades que oferece o uso de diferentes linguagens em sala de aula.

Perguntados sobre quais formas didáticas eles utilizam para explorar o audiovisual, a maioria usa o debate como forma de possibilitar a reflexão e a troca de opiniões entre os alunos. A sessão do audiovisual acontece depois que o professor trabalha a temática em sala, portanto o filme ou documentário é usado como aprofundamento do assunto estudado. Dois professores relataram que já desenvolveram atividades diferentes nesse sentido. O professor “Luciano” utilizou o mesmo teste que ocorreu em um documentário exibido para os alunos como atividade extra, ou seja, ele solicitou aos alunos que realizassem o teste com pessoas de seu círculo, no caso em específico era um teste sobre o tema do racismo com crianças. A professora “Joana” já realizou com os alunos, momentos de construção de cenas (forma de teatro) com o objetivo de que eles se apropriassem das temáticas e pudessem expor para a turma. Logo após, eles desenvolveram reflexões sobre a atividade realizada.

Explorar um filme do ponto de vista didático e da melhor forma, requer critérios importantes. Sobre isso, tomo o pensamento de Gofredo Bonadies (2009) citado por Oliveira (2018):

Para estudar um filme, devemos considerar as dimensões estéticas, cognitivas, sociais e psicológicas para sua análise, e também considerá-lo um instrumento para o conhecimento e como linguagem, um meio de comunicação e de expressão de ideias e de sentimentos (BONADIES, 2009 *apud* Oliveira, 2018, p. 39).

Nesse sentido, considero relevante ressaltar que tenho utilizado diferentes intervenções didáticas para explorar os diversos audiovisuais, entre elas: apresentação de conteúdo prévio em sala antes da exibição do audiovisual e realização de debate posterior,

método bastante utilizado pelos professores e certamente o mais comum no Ensino Médio; também desenvolvo com os alunos o que denomino de sondagem problematizadora, uma sessão de perguntas (ou frases) norteadoras sobre o vídeo; oriento a realização de estudo dirigido sobre questões abordadas no audiovisual; e também proponho discussão a partir da análise de personagens e de suas falas no filme, outro método que desenvolvo é a realização de aula invertida, quando a exibição do filme é realizada sem exploração prévia da temática e só após a exibição do audiovisual, a teoria é trabalhada pelo professor a partir de respostas às questões propostas aos alunos; outra forma de trabalhar audiovisual é feita sob a realização de análise fílmica de acordo com roteiro previamente elaborado por mim; e também estou experimentando o uso de mapa conceitual estabelecendo relação entre a teoria estudada e questões exploradas no audiovisual, dentre outros. Voltarei a detalhar essas intervenções no capítulo dedicado especificamente ao catálogo.

Voltando à linguagem verbal e visual de filmes ou documentários, perguntei aos colegas se consideravam que tais linguagens possibilitam, facilitam ou potencializam a compreensão de temas abordados em sala. Todos os professores concordaram que sim, a professora “Carla” justifica:

Potencializa e, pelas minhas experiências, é comum que os alunos façam links entre o conteúdo aprendido com o filme relacionado em questão. Às vezes conseguem visualizar um fenômeno social estudado em sala de forma mais nítida quando eles visualizam em um filme. (Entrevista realizada em 26 de novembro de 2019).

E a resposta do professor “Luciano” explica de forma mais prática como isso ocorre:

Sim, potencializa, com certeza, apesar de ser uma tela, fica mais palpável, você consegue vislumbrar melhor, vê pessoas agindo, ali, você constrói percepções, desperta sua sensibilidade, mais do que o simples falar, né? Falar que no regime militar houve tortura é uma coisa, outra coisa é ouvir de alguém que foi torturado, como em um documentário. Você falar do problema da ideia do “bandido bom é bandido morto” é uma coisa, e outra coisa é você ver essa ideia ser colocada em prática, o outro ser linchado em praça pública. Uma coisa é você falar sobre racismo, outra é ver o racismo se manifestando a partir de posturas, de ideias, de relatos. (Entrevista realizada em 19 de novembro de 2019).

Com relação aos entraves encarados na utilização dos audiovisuais na escola, todos os professores foram enfáticos e suas respostas afinadas quanto à falta de tempo para desenvolver aulas com filmes, como longas-metragens, já que a carga-horária semanal da aula de Sociologia normalmente é de apenas 50 minutos, portanto, a maioria deles utiliza curta-metragem, documentário ou alguns professores fazem edição de filmes para utilizarem em sala apenas trechos, por exemplo. Outro problema recorrente nas respostas dos colegas foi a

estrutura da escola, a maioria delas não dispõem de muitos espaços de multimídia, apenas um professor falou que não há esse tipo de dificuldade na escola onde trabalha.

Sendo assim, posso afirmar que a maioria dos professores utiliza documentários em sala de aula por questões relacionadas ao tempo da disciplina e, sobre os documentários, uma das questões levantadas já permeou minha pesquisa: o recorte realista que pretendem ter e a versão fantástica de situações da vida cotidiana. Algumas pessoas acreditam que um filme não gera o mesmo impacto que um documentário, exatamente pelo seu tom “verídico”, especialmente quando ele aborda personagens reais que fazem depoimentos ou algo nesse sentido. Sobre isso, levo em consideração ainda o que o professor “Luciano” relata quando indagado sobre que tipo de audiovisual ele mais utiliza em suas aulas:

Episódios de séries nunca utilizei, não tive experiência, tenho o problema de ausência de tempo, de buscar outros materiais, se bem que fiz e faço mudanças. Tem a questão de limite de tempo que não dá pra utilizar todos tipos de vídeos, por exemplo, longas, é muito mais difícil usar porque tenho que selecionar trecho e acho que pode não ser suficiente, a não ser de documentário que faço edição, geralmente uso curtas-metragens e documentários. Porque documentário dá pra editar... E geralmente uso algo da vida mesmo, pra no caso, não gerar o discurso: “isso é coisa de filme”, ali são pessoas reais, acho que toca, e evidencia. São indivíduos da sociedade que estão falando, e não atores. Então, eu acho que isso mexe com eles, é uma maneira interessante de tratar esse assunto tentando construir sentimento de alteridade, empatia, né? Pra mim, as cenas reais, sem ser atores, acho que documentários mexem mais com a empatia e alteridade que filmes, porque querendo ou não, eles pensam: são atores, mesmo que seja imersão na obra, nunca é a mesma coisa. (Entrevista realizada em 19 de novembro de 2019).

Levando em conta o pensamento do autor Edgar Morin, temos um impasse porque o professor deixa claro que acredita que o filme não consegue “tocar” ou “mexer” como um documentário, mesmo que seja muito bem realizado, pelo fato de não ser real. Morin (2014) acredita que o cinema gera uma interação que ele denomina de “projeção-identificação” e a partir de interferência e transferência, o sujeito espectador irá desenvolver identificação e alteridade, o autor intitula seu livro de *O cinema ou o homem imaginário* acreditando que o homem em evolução internaliza a magia, referenciando a obra cinematográfica e, a partir daí, ele pode desmistificar o universo.

Acredito que uma obra, mesmo que ficcional possa impactar sim o sujeito, concordo com Morin (2014) também quando ele faz referências à existência de uma participação afetiva durante a sessão de um filme. O sujeito assiste ao filme, ele “lê o filme”, com ainda mais intensidade sensorial que o livro, por exemplo. Acredito que o livro possibilita um mar de subjetividades, de criação a partir do imaginário sim. São formas diferentes de acessar histórias, ficcionais ou não e de acessar também conhecimento.

Sobre o planejamento das aulas com multimídia e a forma como os professores selecionam os audiovisuais que trabalham em sala, as respostas foram bastante variadas. Entretanto, todos relacionaram a existência de indicações de filmes ao final dos capítulos nos livros didáticos, mesmo, como já citei, o tempo de aula não possibilitando a exibição de filmes. A maioria relata que pede aos colegas indicações de audiovisuais de acordo com as temáticas que estão tratando. Três relataram que realizam pesquisas específicas, especialmente nas plataformas digitais, como Youtube ou Netflix, além de possuírem arcabouço cinematográfico, e um professor até citou que possui uma videoteca que utiliza bastante em seu trabalho, além do uso particular.

Alguns dos sites mais significativos que acessei e referencio para os colegas são *Tela Crítica* (<http://www.telacritica.org>) e *Porta Curtas* (<http://portacurtas.org.br>), ambos espaços digitais que possibilitam acesso a conteúdos interessantes que relacionam teorias sociológicas ao cinema com o intuito de utilizá-lo como experiência crítica. O *Porta Curtas* possui um acervo imenso de documentários e curtas-metragens que abordam muitas temáticas trabalhadas pelas Ciências Humanas e Sociais. O *Tela Crítica* é um projeto de extensão universitária da Universidade Estadual Paulista – UNESP, como existe também projeto semelhante na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, coordenado pelo professor Rodrigo Paim.

No site do *Tela Crítica*, encontramos indicações e resumos de filmes de diferentes gêneros. Já de forma presencial, o projeto de extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pelo professor Rodrigo Paim, o Projeto intitulado “Cinema, curta-metragem e o ensino de Sociologia na Educação Básica” tem como objetivo valorizar e reconhecer a importância do cinema como recurso didático. Inspirados nos antigos cineclubes, licenciandos e docentes das Ciências Humanas passam a elencar vídeos a serem utilizados nas atividades em escolas secundárias da cidade do Rio de Janeiro. Estabelecendo interação entre universidade e comunidade, propiciando a formação plena dos alunos universitários e secundaristas envolvidos.

A pesquisa de campo também me possibilitou informações acerca da estrutura e da dinâmica de espaços multifuncionais e o acesso à perspectiva da comunidade escolar sobre a utilização do recurso audiovisual como ferramenta didática. Durante os meses nos quais ministrei a disciplina eletiva, através da observação participante, que ocorreu durante os quatro semestres das aulas de Sociologia e, especialmente, da aula optativa “A Sociologia Vai ao Cinema” e das conversas exploratórias com estudantes, identifiquei que parte expressiva dos alunos conseguiu estabelecer conexão significativa com temas sociológicos,

demonstrando isso através de debates e atividades dirigidas sob nossa orientação. Alguns alunos que verbalizavam e faziam intervenções durante as discussões e debates em sala manifestavam surpreendentes reações e ricas observações.

Imersos no campo, constatei o interesse dos alunos pelas aulas mediadas por audiovisual e verifiquei que os filmes possibilitam rico debate a partir da orientação do professor e das interpretações dos educandos, observei ainda que parte significativa dos alunos conseguiu estabelecer conexão com temas sociológicos e manifestaram surpreendentes observações.

Alunos que costumeiramente dormiam ou ficavam inquietos durante as aulas tradicionais, mantinham-se atentos a determinados filmes exibidos e depois, ou até mesmo durante a exibição, elaboravam perguntas, questionavam fatos. Isto é, havia sido interessante, de alguma forma, para eles.

Contudo, também verifiquei que, parte dos estudantes, dependendo do vídeo trabalhado, tem perceptível dispersão, especialmente atraídos pelas telas de seus celulares, mesmo que eu interfira nesse sentido, proibindo o uso inadequado do aparelho. Outra conduta identificada foi o sono de alguns estudantes durante a sessão de alguns audiovisuais, notei a última de forma mais expressiva na escola após adotada a integralidade do tempo, o que deixa os alunos mais cansados, por passarem o dia todo na escola. Há uma pesquisa,⁴ do ano de 2018, desenvolvida pela Universidade Federal do Ceará sobre o sono durante as aulas na atualidade que aprofunda as causas desse comportamento.

Contudo, acerca dos aspectos de ordem prática, da logística de utilizar as salas multifuncionais das escolas, estão sempre presentes, na fala dos professores e em específico na entrevista com quem ministra a disciplina de Sociologia, as dificuldades de sua utilização.

A escola de tempo integral que pesquisei durante o processo de observação participante, o colégio Liceu do Ceará, dispõe de quatro espaços nos quais se pode utilizar computadores com aparelhagem tecnológica e televisão, a escola apresenta dois laboratórios de informática, sendo que um deles tem poucos computadores, possui ainda uma sala de vídeo que dispõe de apenas uma televisão e um aparelho DVD, além de outra sala com notebook e kit multimídia. Contudo, importante ressaltar que essa não é a realidade da maioria das escolas no Estado do Ceará e do país.

⁴ ALVES, F. R. **Duração do sono e sonolência diurna em adolescentes do ensino médio da cidade de Fortaleza**. 2018. 66 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

Tanto que, mesmo com esses espaços, as dificuldades se iniciam no processo de reserva dessas salas, pois a escola compreende um universo de treze turmas durante o dia e três turmas no turno noturno. Sendo assim, possui muitos professores que também utilizam essas salas, sobretudo nos períodos das aulas eletivas e eventos comemorativos da escola.

Além da dificuldade de reserva, outro ponto problemático se refere aos equipamentos, que, muitas vezes, estão desatualizados ou quebrados, oferecendo problemas de manipulação, como os sistemas de ar condicionado ou equipamentos de multimídia.

Nas entrevistas que realizei com os professores, pude averiguar que a maioria deles utiliza audiovisual com suas turmas de Sociologia e, em relação aos entraves, esse é um ponto comum, como relatou a professora que chamarei de Clara: “A estrutura da escola nem sempre colabora para conseguir passar audiovisual. A aula está planejada, o passo a passo, mas às vezes ocorrem problemas estruturais nos equipamentos que impedem a concretização ou não tem equipamento suficiente.” Em uma entrevista com outro professor, este relatou que, mesmo diante de dificuldades, utiliza, no mínimo, a cada bimestre, um audiovisual com suas turmas.

Pude verificar que, para os professores, a utilização de audiovisual é comum em suas práticas, mesmo com dificuldades, eles o usam regularmente. E embora isso tenha relação profunda com o gosto pessoal do professor em relação ao cinema, de sua formação acadêmica e docente, todos os professores que entrevistei gostavam e usavam significativamente o audiovisual em suas aulas e, em se tratando da fonte de onde selecionam os audiovisuais, observei que são as mais diversas, contudo a maioria segue seu próprio repertório cultural, pede indicação, pesquisa nas plataformas digitais ou se guia por livros didáticos, que atualmente vêm apontando vídeos de acordo com os temas abordados nos capítulos, como disse anteriormente.

O professor “Luciano” relatou em nossa entrevista que utiliza variadas maneiras de selecionar seus vídeos:

[...] eu quero dar uma aula com audiovisual para poder diferenciar, trazer elementos novos ali, já aconteceu de eu pesquisar aqui um curta sobre esse assunto... E aí assistir o que eu vejo, experimentar da próxima vez utilizar, né? Busco no Youtube, E aí o que aconteceu também, por acaso estava assistindo a um filme que já traz conteúdo, e eu vejo que ali se encaixa naquela aula, no semestre tal, e as vezes, de repente, eu passo conteúdo novo, a gente tem conjuntura diferente, e aí, dentro do meu arcabouço cinematográfico e aí eu puxo e tento e vejo, as vezes peço indicação. Eu tentava pelo menos uma vez a cada bimestre trabalhar um recurso audiovisual, e eu estava falando sobre movimentos sociais, e não queria aqueles documentários parados, queria algo mais instigante, aí perguntei à galera dos Movimentos Sociais. E aí, pedia dicas às pessoas da área. Sempre vejo nos livros de Filosofia, Sociologia, História. (Entrevista realizada em 19 de novembro de 2019).

Bem, percebi, não apenas a partir da pesquisa de campo com os professores entrevistados, mas por minha própria experiência docente, com colegas de minha área e de outras áreas, que a maioria dos professores não conhece muitas fontes específicas de audiovisuais para trabalhar em sala de aula além do livro didático e, mesmo nos livros didáticos, as informações referentes a filmes não são suficientes ou oferecem significativos elementos aos docentes.

O livro *Saberes e práticas do ensino de sociologia*, de José Amaral Cordeiro Júnior (2018), registra uma análise dos filmes indicados nos manuais de Sociologia. O autor critica especialmente a ausência de informações preciosas, como a duração dos filmes e maiores referências, como indicação de atividades pedagógicas, o filme perde assim, para ele, seu potencial pedagógico.

Constatando isso e a partir de minha experiência docente, pensei em criar um material pedagógico que atendesse ao produto final dos estudos no Mestrado que é destinado ao ensino de Sociologia e, ao mesmo tempo, que orientasse os professores nessa questão, um catálogo de audiovisuais com sugestão de práticas pedagógicas diversificadas.

Esse material corresponde, pois, ao produto de minha pesquisa que servirá aos professores de Sociologia e de disciplinas afins, pois, além de indicar audiovisuais, relacionará os títulos das obras às temáticas específicas abordadas no ensino da Sociologia e das Ciências Humanas, com maiores detalhamentos, e são também indicadas propostas de intervenções didáticas, como atividades exploratórias e avaliações.

O objetivo da produção do catálogo não é, de nenhuma forma, apresentar um modelo didático definitivo e fechado com vídeos ou de como o professor deve ministrar aulas com audiovisual, isso seria audacioso e perigoso. Contudo, tenho, a partir de meus estudos e de minha experiência, a intenção de explorar de forma diferenciada essa estratégia e sugerir direcionamento prático ao colega professor de Sociologia ou de disciplinas afins e consequentemente promover e valorizar a linguagem de expressão visual como recurso educacional, pois parte significativa dos professores não possuem formação nessa área ou mesmo não consideram o audiovisual um instrumento didático significativo, até porque essa questão se refere a hábitos e gostos pessoais e experiências formativas, como abordei e voltarei à questão no próximo capítulo.

A realização da pesquisa de campo com os colegas da área foi significativa porque tive a comprovação de que muitos docentes têm procurado realmente, apesar das adversidades, explorar alternativas quanto ao uso pedagógico do audiovisual.

E, certamente, esse trabalho exige do docente grande responsabilidade, especialmente com relação ao planejamento da aula, e necessita, por exemplo, que o professor basicamente assista ao vídeo antes de abordá-lo em sala, identifique cuidadosamente cenas, faixa etária adequada ao grupo que assistirá, bem como pense na metodologia que será utilizada, como um roteiro de análise, por exemplo.

Sabedora também, a partir de minha experiência pessoal, da vida profissional intensa e, muitas vezes, da sobrecarga dos professores, reconheço que esses tipos de atividades aumentam o trabalho em sala e fora dela, sendo louvável nesse sentido e necessário o justo reconhecimento, como também, carece de mais formações nessa área.

3.4 Os estudantes do Ensino Médio e o que pensam sobre a aula mediada por audiovisual

Tendo como referência a escola de tempo integral, a partir de minha observação, identifiquei que os alunos estão mais cansados e normalmente com mais sono que os estudantes do turno regular, sendo assim, alguns deles, no ambiente propício da sala fria e escura, acabam dormindo em meio à exibição do audiovisual, coisa que não notava de forma significativa enquanto manipulava audiovisuais em aulas durante o período em que a escola era de tempo reduzido.

A questão do sono mereceu discussão sociológica como um dado revelador dos modos de funcionamento de nossas sociedades capitalistas neoliberais (CRARY, 2016). São diversos os motivos para o sono durante as aulas, pois ele ocorre durante as aulas tradicionais também. Sobre essa realidade, a supracitada pesquisa do Laboratório de Sono e Ritmos Biológicos da Universidade Federal do Ceará, *Duração do sono e sonolência diurna em adolescentes do ensino médio da cidade de Fortaleza* (ALVES, 2018), desenvolvida em 2018, estudou 11.525 estudantes entre 14 e 17 anos de 123 escolas públicas de Fortaleza durante o ano de 2015 e identificou que mais da metade dos adolescentes têm sono insuficiente durante a noite e sonolência excessiva durante o dia, atrapalhando assim o rendimento escolar.

Dentre os possíveis fatores para o problema, a pesquisa identificou que parte deles estudam e trabalham, mas especialmente aqueles que usam dispositivos eletrônicos, como o celular, à noite, dormem menos de oito horas.

Através da experiência em sala, verifico que muitos deles também moram distante da escola e precisam acordar muito cedo, além do percurso, muitas vezes cansativo, a escola também não dispõe de estrutura para que tenham algum momento de descanso entre as aulas.

É preciso que os jovens tenham hábitos noturnos mais saudáveis, mas também e cada vez mais, a escola necessita pensar em estratégias que estimulem esses jovens.

Outro fator que identificamos em nossa pesquisa foi a forte ansiedade dos jovens. Acredito que essa seja uma das características da geração atual, o que pude comprovar concretamente em relação aos aspectos com os quais trabalho, por exemplo, durante a exibição de filmes, principalmente os que são mais longos, quando é comum alguns alunos perguntarem por personagens ou situações que ainda estão por acontecer, muitos deles já querem antecipar até mesmo o final da história. Quando ocorre o problema de o filme não ser finalizado no mesmo dia, alguns deles perguntam insistentemente sobre o desfecho da história ou comentam que irão assistir em casa, pois não conseguirão esperar até a próxima aula. Isso revela um traço significativo no perfil dos jovens contemporâneos, uma forte ansiedade.

Realizei também um grupo focal com seis alunos e um professor da área de Humanas que costuma utilizar também multimídia em suas aulas e foi um dos momentos mais interessantes da pesquisa. Pude ouvir dos estudantes de forma mais tranquila e detalhada o que acham sobre o uso dos filmes nas aulas e usarei pseudônimos ao longo dessa exposição para identificar suas falas.

Como afirmei anteriormente, convidei dois alunos da primeira série, dois alunos da segunda série e dois alunos da terceira série. Ressalto que os dois alunos da terceira série participaram da minha eletiva “A Sociologia Vai ao Cinema”, em 2017, e, no ano de 2019, criaram um clube na escola no qual eles também utilizavam audiovisuais para mediar as discussões com os colegas, o “Clube do Filme”.

Os clubes estudantis são fruto da reestruturação escolar quando passaram a ter sua jornada ampliada e alterações no modelo curricular, os clubes fazem parte dos componentes curriculares eletivos e são organizados e liderados pelos próprios estudantes de acordo com seus interesses e habilidades, tendo como proposta despertar e fortalecer o protagonismo juvenil.

Fiquei muito feliz quando esses alunos me apresentaram a ideia e me falaram sobre como estava sendo trabalhar com audiovisuais para discutirem diversos temas com os colegas. Fui convidada e participei de uma das sessões no segundo semestre de 2019 e foi muito interessante verificar o comportamento atento dos alunos durante a exibição de um episódio de seriado seguido de um debate rico e bem mediado por eles. Considerei significativo, pois esses jovens demonstraram, além de um gosto especial pela arte cinematográfica, despertada pela disciplina eletiva de Sociologia, como eles disseram e

verificaram na prática, a articulação no campo escolar de discussões de diversos temas, alicerçados também pelo conhecimento científico, a partir da exibição do audiovisual.

O grupo focal foi realizado no dia 19 de novembro de 2019, no Colégio Liceu do Ceará e durou cerca de uma hora e meia. A primeira pergunta foi diretamente relacionada ao uso do audiovisual na sala de aula, se eles gostavam de aulas mediadas por audiovisuais. A resposta de cinco deles foi que sim, que gostavam, com exceção de uma aluna da segunda série, que vou denominar Bruna, a qual respondeu que dependia do assunto abordado no audiovisual.

Também indaguei sobre as diferenças entre assistir a um filme em casa ou no cinema e assistir a um filme na escola. Um dos alunos da segunda série, que chamarei de Danilo, disse que é diferente, que “filme na escola é pra aprender e no cinema, você só vai”, ou seja, ver um filme em casa, com amigos, é mais desprezioso, mais “leve”, utilizando a mesma palavra de outro aluno, o aluno Fabrício, da terceira série, que afirmou preferir ver filmes em casa, apesar de gostar demais de cinema, inclusive na escola e explicou os motivos:

Eu particularmente prefiro assistir ou em casa ou no cinema porque na escola, eu não sei o que rola, a galera às vezes dispersa, aí isso me contagia, e eu acabo não tendo atenção... Pra mim, é uma experiência, sabe? eu acho que tenho aquela experiência de ficar quieto, nem que eu esteja em casa, na cadeira de madeira, dura, doendo as costas, só no celular e eu assisto de boa, eu prefiro do que tá numa sala, onde nem todo mundo tá prestando a atenção, sei lá, às vezes tem que pausar porque fica entrando gente, coisas assim, eu não consigo absorver tanta coisa. Ou tem que continuar na outra aula. (Aluno Fabrício, GF realizado no dia 19 de novembro de 2019).

Ainda sobre alguns problemas que eles identificaram nesse tipo de aula, o aluno da primeira série complementou a ideia do colega: “quando o pessoal fica conversando, falando direto. Atrapalha”. Outro do segundo ano disse: “quando o filme é longo e termina na outra aula, às vezes, eu nem lembro.”.

Faz-se importante notar o quanto é significativo haver em sala, planejamento e organização para que a exibição do audiovisual seja o mais tranquilo possível e possibilite verdadeira atenção e concentração dos alunos, pois sei que, em diversas aulas, os professores não costumam ter controle sobre a turma e acontece o que o aluno ressaltou. Esses problemas não possibilitam que os estudantes fiquem concentrados.

Para todos os alunos do grupo focal, a aula mediada por audiovisual é mais interessante que a tradicional, um deles mencionou que aprende com mais facilidade. Outro comentou que é porque é mais dinâmico, como também uma aula com música. O aluno Danilo, do segundo ano, ressaltou: “numa aula convencional, você fica olhando uma pessoa ali, falando (no caso o professor). Não prende tanto quanto um filme, com sons, várias

imagens passando, mostrando algo, entendeu? Acaba prendendo mais atenção, entendeu?”. A aluna Bruna, também do segundo ano, complementou: “quando o professor passa o filme, eu consigo absorver, fazer outra análise, e eu não consigo ficar assim, por exemplo, quando o tio tá falando...”

Sobre suas experiências com essa prática de aula, a aluna Nina registrou uma lembrança interessante:

Em 2017, no primeiro ano, uma professora falou que não gostava de passar filme, respondeu a uma estagiária que deu a sugestão. Ela disse que os alunos não prestavam atenção e ela via que perdia tempo e tal. Eu lembrei noutra escola, que criticavam muito um professor que passava filme, dizendo que ele ainda acreditava muito nos alunos, e falou que ele estava no começo, que ele ia ver que quando passasse os anos, isso não ia servir de nada pra ninguém. (Aluna Nina, GF realizado no dia 19 de novembro de 2019).

Considero esse dado relevante, pois já identifiquei também colegas que pensam como tais professores citados pela aluna, desconsideram que o conhecimento pode ser construído a partir de um filme ou de sua contemplação, claro que isso depende do gosto individual, da bagagem cultural e da formação acadêmica do professor, mas também considero necessária formações para os docentes, para que possam conhecer e utilizar diferentes fontes para seu trabalho, além do tradicional livro.

Quando perguntados se conseguem aprender com filmes, séries, documentários, e como isso acontece, um dos alunos do terceiro ano falou:

O filme Coringa, por exemplo, é o tipo de tema que eu costumo gostar muito e eu assisto a um canal de estudantes de cinema, e eles sempre dizem que cineastas são contadores de histórias, e sempre que um diretor, um produtor, roteirista produz, ele não pensa só no entretenimento, sabe? Principalmente se você faz parte da academia, né? Você pensa mais no que você quer passar, como você quer que as pessoas se sintam com aquilo e que impacto vai ter naquela sociedade com sua história, sabe? É legal você ver a mensagem que o filme quer passar, porque o Coringa ser lançado nesse momento atual é uma mensagem global, não digo nem só no Brasil, ou na Bolívia, você pode nem ser ligado na geopolítica, mas você sente que um pouco daquilo ali que tá acontecendo, mas você não sabe explicar. acho isso muito massa. (Aluno Fabrício, GF realizado no dia 19 de novembro de 2019).

Compreendi que o aluno quis apresentar o tema que o filme Coringa aborda, que é de revolta contra o sistema, por exemplo, e relativizá-lo com os movimentos sociais que têm ocorrido pelo mundo na atualidade, demonstrando exatamente isso, e é muito interessante perceber como ele consegue estabelecer o paralelo entre tais questões. Creio que o que falta nesse sentido está relacionado à comunicação e à expressão, aos códigos de linguagem, noto muita fragilidade quanto à leitura e à escrita durante as aulas mais convencionais, os

estudantes precisam trabalhar mais essa área e, de certa forma, a Sociologia auxilia nesse aspecto.

A interpretação textual se diferencia da leitura visual, porém acredito que uma alimenta a outra: note que o aluno consegue desenvolver seu pensamento de forma lógica e coerente oralmente, ao passo em que se solicitasse a mesma resposta escrita, ele provavelmente teria mais dificuldades. Percebo isso, na aula eletiva, quando realizo debates e quando solicito redações ou resumos, dentre outros exercícios que exigem elaboração escrita.

Sobre as disciplinas que mais os professores utilizam audiovisuais, as mais citadas no grupo focal foram: História, Sociologia e Inglês. E, a respeito das formas com as quais os vídeos são explorados pelo professor, uma aluna relatou:

Eles (os professores) geralmente levam a gente pra outra sala, eles explicam o que vai acontecer, geralmente sobre o que vai falar e ele roda o filme, aí depois ele pergunta: “o que vocês acharam? O que vocês puderam perceber?” e às vezes, eles levantam algum assunto que as pessoas não perceberam, aí a gente começa a debater sobre... (Aluna Nina, GF realizado no dia 19 de novembro de 2019).

Quando perguntei sobre outra maneira de trabalhar o audiovisual em sala, um aluno da primeira série comentou que os professores geralmente também passam resumos. Ou seja, fica comprovado, a partir dos questionários e também de pesquisa com os professores, que esse é o meio mais comum de os docentes explorarem os vídeos: com debates e resumos.

Questionei também se eles sabiam a diferença entre o que era documentário e filme e muitos participaram da questão, embora não tivessem a clareza da diferença como demonstram esses depoimentos, como o aluno Thiago, da primeira série: “O documentário tá documentando algum assunto, geralmente filme é mais uma história, documentário é mais didático.” E o aluno Danilo, da segunda série, complementa: “o filme, ele passa a história. Um documentário, a pessoa sempre tá falando.”. E a aluna da terceira adiciona: “um documentário é meio que um relatório. Geralmente pra você falar num determinado assunto, ele segue uma narrativa diferente.” Já o aluno Santiago, do primeiro ano, retrucou: “eu acho que um filme conta uma história a partir de um ponto de vista de um personagem mesmo, tipo assim, ah, eu sou o personagem tal, aí ele vai contar a historia dele assim... e o documentário, ele conta a historia a partir do ponto de vista do cara que tá falando.”

Depois dessa querela, eu e o outro professor tentamos explicar a diferença básica entre os dois tipos de audiovisual, estabelecendo a questão de o documentário mesmo tendo mais caráter de real, ainda é promovido sob o ponto de vista de determinada pessoa, ou seja, não deixa de ser uma abordagem também subjetiva.

Com o propósito de abordar se eles se lembravam de aulas de aprendizado significativo através de audiovisuais, pedi que registrassem filmes e conceitos ou conhecimentos que assimilaram a partir dessas aulas. Dentre as respostas, registro que o filme *A Onda* foi citado por dois alunos, que o relacionaram ao tema do totalitarismo, e o aluno Santiago, da primeira série, lembrou de um filme no qual conseguiu identificar diferentes conexões, tanto no campo da História como no da Literatura, quando o professor da área de Linguagens e Códigos o exibiu na escola: “*Tiradentes*, que o professor de Português passou e ele falava muito sobre Arcadismo, mas eu tinha pensado mais nas questões sociais de Tiradentes, e nunca tinha pensado sobre Arcadismo.”

Outro registro interessante foi o da aluna Bruna, do segundo ano: “Bob Esponja⁵ a tia de Biologia passou pra gente por causa do conteúdo, e ficou mais fácil de aprender que o Bob Esponja e o Patrick não podiam ser amigos de verdade.” Esse último exemplo é muito significativo porque a professora de Biologia analisou a dupla do desenho animado (uma esponja e uma estrela do mar) que é universalmente conhecida pela amizade inseparável na animação, porém explicou que cientificamente, aquilo seria insustentável na natureza real, pois ambos são presa e predador, o autor da série, que é biólogo marinho, usou da liberdade criativa para idealizar tal união.

O grupo focal foi uma experiência muito rica, acessei várias informações importantes sobre a perspectiva dos alunos acerca do cinema na sala de aula, os alunos demonstraram que os filmes na escola são fontes de aprendizagem significativa, se recordaram de filmes (cenas e personagens) articulados a temas que estudaram há anos, além de também estarem atentos aos atropelos e problemas que o campo escolar oferece.

Ao falar com alunos, ao ouvi-los especialmente, certifico-me de que o audiovisual é uma ferramenta pedagógica expressiva, lembro-me bem de quando um aluno identificou, no filme *Crash – No Limite*⁶, situação muito semelhante ao que ocorre atualmente em sua cidade, em seu país e com ele pessoalmente, inclusive relacionou o racismo como um dos problemas antigos que perduram, pois é sentido por ele na pele, posto ser um jovem negro da periferia. Ao ver o filme, ocorre uma identificação já supracitada neste trabalho que permite ao estudante ver no filme e analisar sociologicamente sua condição e o meio social no qual está inserido.

⁵ Bob Esponja (*SpongeBob SquarePant - 1999*) é uma série de animação norte-americana que aborda aventuras de animais marinhos.

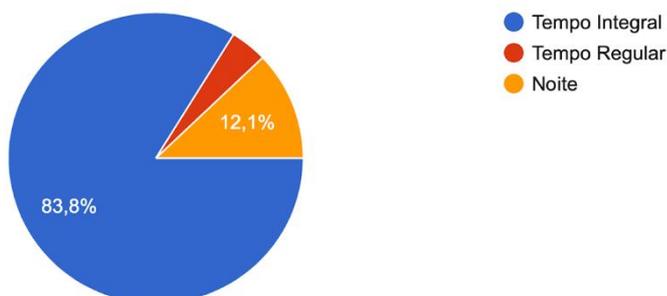
⁶ *Crash – No Limite* (*Crash, 2004*) é um filme germano-estadunidense dirigido por Paul Haggis, vencedor do Oscar de 2006. Apresenta o entrelaçamento de pessoas de diferentes etnias e classes sociais gerando dramas que envolvem violência, xenofobia e racismo.

3.5 Questionários com alunos – Os alunos e o cinema, dentro e fora da sala de aula

Apliquei cem questionários com alunos de escola de tempo integral, como aquela em que desenvolvo trabalho. Contudo, desse quantitativo, 87% dos alunos que responderam são do turno diurno, ou seja, passam o dia na escola, das 7:20 da manhã às 17h, e 13% são alunos do turno da noite (Gráfico 01). Normalmente, os alunos do turno da noite são mais velhos, a grande maioria, maior de idade e já desenvolvem atividades profissionais, isto é, um público diferenciado dos demais analisados.

Gráfico 01 – Turno na escola

99 respostas



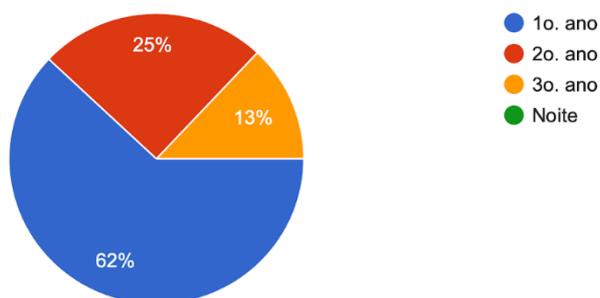
Fonte: Autoria própria.

Sobre o perfil dos estudantes que participaram da pesquisa, pude identificar, conforme o Gráfico 02, a participação dos alunos por série, dos 100 estudantes respondentes, 62 alunos são da 1ª Série, 25 alunos da 2ª série responderam e 13 alunos da 3ª série participaram da pesquisa.

Ressaltando que esses dados são proporcionais ao número de alunos que se encontram na escola integral investigada, a qual contou, no ano de 2019, com sete turmas de Primeira Série, quatro turmas de Segunda Série e quatro turmas de Terceira Série, dentre essas, uma turma de Segunda Série e uma de Terceira Série no turno noturno.

Gráfico 02 – Série

100 respostas

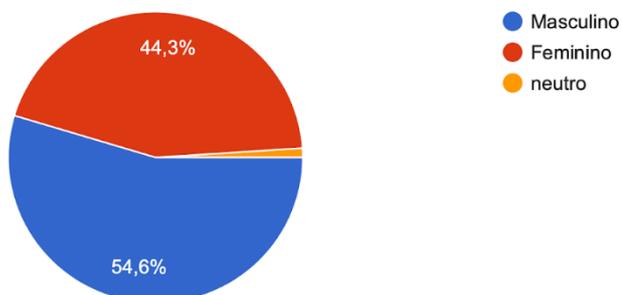


Fonte: Autoria própria.

Quanto ao gênero, 43 estudantes mulheres responderam e 53 estudantes homens participaram da pesquisa, conforme o Gráfico 03 sinaliza abaixo:

Gráfico 03 – Gênero

97 respostas

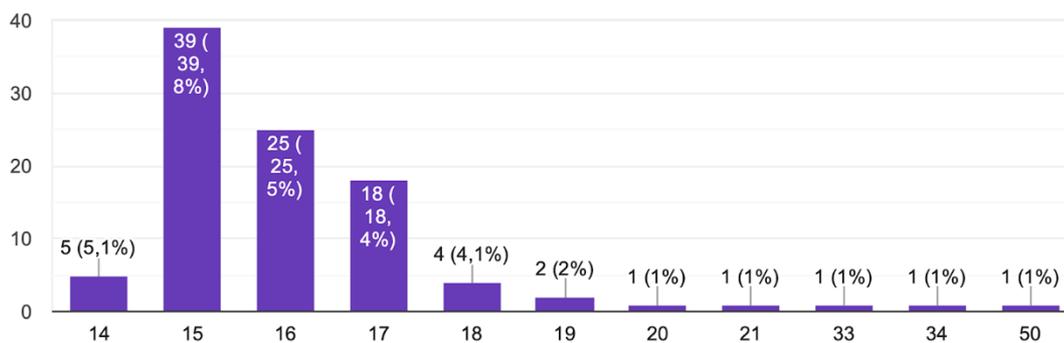


Fonte: Autoria própria.

No quesito faixa etária, a grande maioria dos estudantes tem entre 15 e 17 anos, 39 nessa faixa etária, e pode perceber, como foi citado anteriormente, que os alunos com idade avançada correspondem ao turno da noite. Conforme Gráfico 04:

Gráfico 04 – Idade

98 respostas

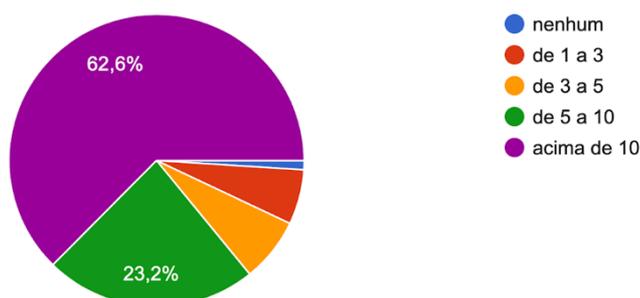


Fonte: Autoria própria.

Uma das questões elaboradas no questionário diz respeito ao interesse dos estudantes em relação ao cinema. Perguntei quantos filmes em média viram no último ano (Gráfico 05) e 62 deles indicaram que assistiram mais de 10 filmes, 23 alunos responderam que assistiram entre 5 e 10 filmes, 7 alunos disseram que viram não mais que 5 filmes, 6 indicaram que viram no máximo 3 filmes durante os últimos 12 meses e apenas um aluno sinalizou não ter assistido a nenhum filme durante esse tempo.

Gráfico 05 – Quantos filmes, em média, você viu nos últimos 12 meses?

99 respostas



Fonte: Autoria própria.

Percebo, pois, que a maioria dos estudantes tem o cinema como significativa prática de lazer: eles consomem esse bem cultural e muitos vão ao cinema; perguntados com quais companhias eles se dirigem às sessões de cinema, parte simbólica dos entrevistados respondeu que vai com amigos.

Sobre outras práticas culturais, como visita a museus e sessões de peças de teatro, os jovens entrevistados não relataram muitas experiências, torna-se evidente que o padrão de capital cultural dos jovens tem direta relação com seu status social, como nossa pesquisa aconteceu apenas em escola pública, é fato que poucos pais tem acesso a lazer, como idas a cinema, museu ou concertos, por exemplo, eles também não possuem o hábito da leitura, como ocorre em famílias mais abastadas, como relata uma pesquisa desenvolvida pelo SOCED – Grupo de Pesquisas em Sociologia da Educação da PUC-Rio (BRANDÃO; MARTINEZ, 2006).

Eles realizaram pesquisa com alunos de escolas de elite do Rio de Janeiro e identificaram o quanto os filhos reproduzem e ampliam as experiências culturais dos seus pais. Bem diferente do que ocorre nas famílias frequentadoras das escolas públicas.

Um trecho da pesquisa sinaliza sintonia entre os jovens pesquisados por mim em relação ao cinema, mas que, mesmo entre famílias de mais alto poder aquisitivo, também não se identificam práticas culturais mais eruditas, observe o trecho:

Entre as atividades culturais preferidas pela ampla maioria dos jovens investigados, destaca-se o cinema (86% afirmam freqüentá-lo mais de 4 vezes por ano e 10% de 3 a 4 vezes por ano, totalizando 96%). Em seguida, em ordem de freqüência vêm os eventos esportivos (58%), os shows de música popular (51%) e o teatro (40,5%). Os dados obtidos sobre freqüência a museus e centros culturais são insuficientes para aquilatar o peso que essa prática tem na vida desses jovens. Verificamos, no entanto, uma baixa freqüência em relação aos eventos eruditos (ópera, ballet e concertos), visto que a opção “nunca freqüenta” foi assinalada por 57% dos respondentes. (BRANDÃO; MARTINEZ, 2006).

Aqui, voltamos a Bourdieu (2007) quando compara o mundo cultural repleto de bens materiais e de bens simbólicos⁷ limitado pela comunicação escolar, como o exemplo de uma aula de campo no museu, uma exposição de fotografias ou sessões cinematográficas, para alguns alunos, que tiveram acesso a esse tipo de cultura através da família, essas serão oportunidades de identificarem o conhecimento que já tinham; para outros, esse tipo de aula pode ser experiência desprovida de sentido por não possuírem capital cultural que marca e diferencia as classes, inclusive no âmbito escolar.

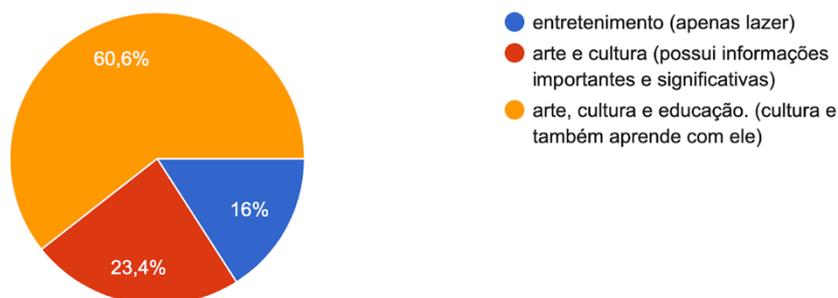
Dentre as questões as quais considero mais importantes, ressalto a que aborda o uso do cinema como recurso didático e, sobre essa temática, perguntei aos alunos qual sua percepção acerca do cinema. Verifiquei (Gráfico 06) que a maioria significativa, 60,4% dos

⁷ Para Pierre Bourdieu, um bem simbólico se configura quando a um objeto artístico ou cultural é atribuído valor mercantil, sendo considerado pelas leis do mercado como uma mercadoria.

jovens, acredita que o cinema é mais que entretenimento e arte, mas pode ser uma ferramenta de aprendizagem, observando os dados, posso constatar:

Gráfico 06 – Pra você, cinema é?

94 respostas



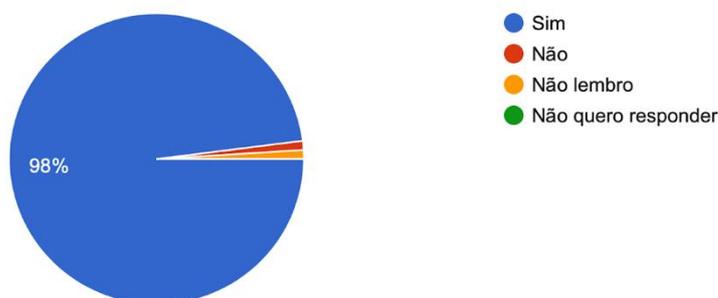
Fonte: Autoria própria.

Contudo, faço uma reflexão sobre esse resultado, afinal, como existe uma disciplina de Sociologia exclusivamente mediada por audiovisual na escola, em que a maioria dos alunos respondeu, pode ser que, para esses estudantes, o cinema seja uma categoria claramente diferenciada, além de simples diversão ou entretenimento.

Indagados sobre as aulas mediadas por audiovisual (Gráfico 07), praticamente todos já tiveram, apenas um aluno respondeu que não lembrava e outro afirmou que não havia assistido. As respostas estão abaixo apresentadas:

Gráfico 07 – Você já teve aula com filme ou outro audiovisual?

100 respostas

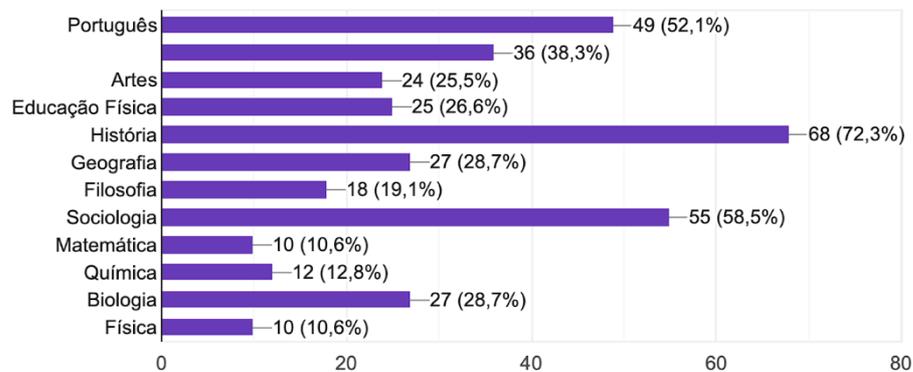


Fonte: Autoria própria.

Outra questão que considero significativa é aquela em que os estudantes relacionaram as disciplinas nas quais os professores mais utilizam recursos audiovisuais (Gráfico 08). Verifiquei que a área das Ciências Humanas, que compreende: História, Geografia, Sociologia e Filosofia, é a que mais trabalha com audiovisuais, seguida pela área de Linguagem e Códigos, na qual estão as disciplinas de Língua Portuguesa, Línguas estrangeiras (Inglês e Espanhol) e Educação Física, os professores de Matemática e os professores das Ciências da Natureza (Química, Física e Biologia) são os que menos usam esse método. Observando os dados obtidos, percebe-se quais disciplinas mais se destacam:

Gráfico 08 – Em quais disciplinas você teve aula mediada por audiovisual? (filme, documentário etc.)

94 respostas

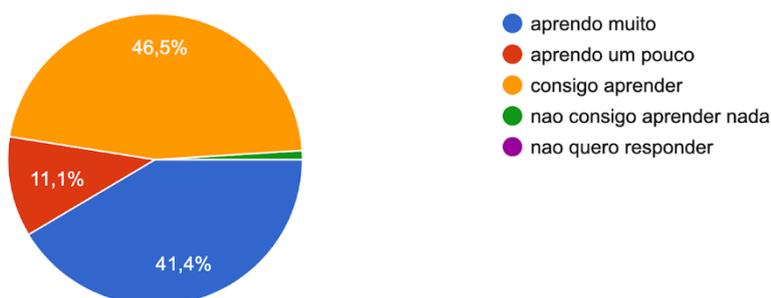


Fonte: Autoria própria.

Sobre o aprendizado a partir de filmes e seriados, a imensa maioria respondeu que sim, dos 100 estudantes, 98 afirmaram positivamente e apenas 2 estudantes disseram que não. Detalhando esse item, os questioneei sobre o quanto aprendem a partir do uso do audiovisual (Gráfico 09). 41 alunos responderam que “aprendem muito” com filmes, 46 disseram que “conseguem aprender” com filmes e seriados, 11 estudantes apontaram que “aprendem pouco” e apenas um aluno afirmou que “não aprende nada” através da exibição desses audiovisuais.

Gráfico 09 – Quanto ao aprendizado por meio do audiovisual/cinema, você acredita que:

99 respostas



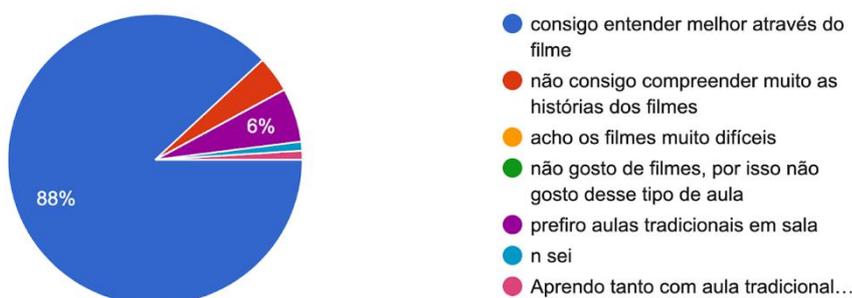
Fonte: Autoria própria.

Sobre o aprendizado através da exibição de audiovisuais, 4 alunos sinalizaram que não conseguem compreender muito as histórias dos filmes e outros 6 afirmaram que preferem aulas tradicionais em sala de aula e 88 alunos relataram que conseguem entender melhor determinados conceitos através de vídeos.

Realizamos um cruzamento de respostas, acerca dos turnos e séries respondentes, e verificamos respostas interessantes e coerentes, de acordo com outros estudos nessa área. Turmas mais jovens gostam mais de aulas mediadas por audiovisuais, e turmas com idade mais avançada tem preferência por aulas tradicionais. Conforme os gráficos anterior e posterior indicam:

Gráfico 10 – Indique qual alternativa você mais se identifica:

100 respostas



Fonte: Autoria própria.

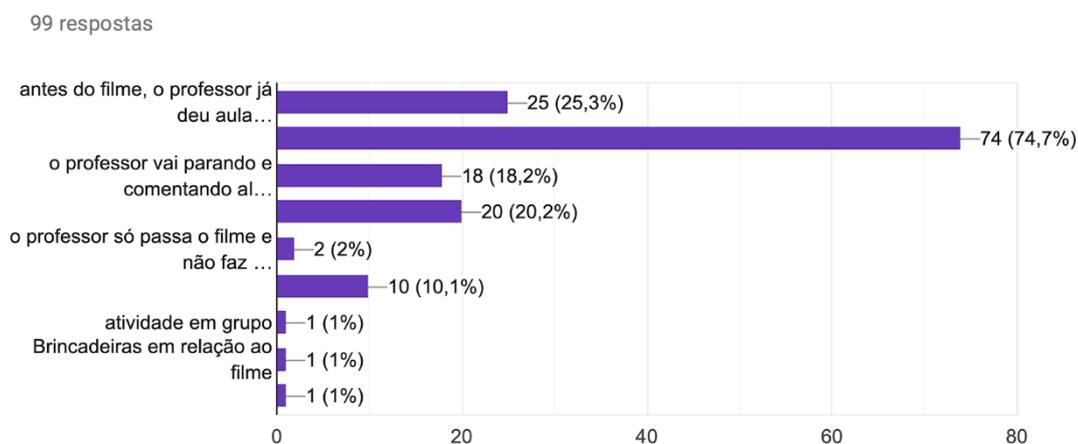
Importante ressaltar que dentre os alunos que responderam ter dificuldades com aulas mediadas por audiovisual ou que preferem aulas tradicionais estão estudantes do turno noturno. Essas respostas também serão identificadas no gráfico a seguir, com relação ao

detalhamento de como aprende-se ou não a partir de audiovisuais. Observando o estudo de Ferreira (2018), essas respostas seguem essa tendência. O autor aborda que turmas nas quais há jovens que interromperam seus estudos e retomaram, que são normalmente alunos mais velhos, o filme não figura como prática desejada, muitos adolescentes não permanecem sequer na sessão até o final. (FERREIRA, 2018)

Acerca da metodologia utilizada pelo professor para explorar as temáticas apresentadas nas tramas dos audiovisuais, tive a confirmação do que já observava a partir de leituras especializadas e da experiência de sala de aula, a grande maioria dos professores utiliza o recurso do debate após a exibição do audiovisual e parte dos mestres passa alguma atividade exploratória, como resenha, resumo ou pesquisa. Esse quesito veio a ratificar que a maioria dos professores utiliza o audiovisual como forma de ilustrar, aprofundar, fixar um tema específico ou utiliza o vídeo como forma de instigar os alunos a verem outras possibilidades do conteúdo a partir da trama apresentada, bem como os teóricos do cinema preconizam.

Segundo as respostas dos estudantes, 74 alunos indicaram que o professor realiza debates depois da exibição, seguido pelos professores que vão discutindo o filme simultaneamente à exibição e 25 alunos responderam que os professores abordam anteriormente a temática que será apresentada no audiovisual, além de 20 estudantes terem respondido que normalmente os professores passam trabalho de pesquisa como forma exploratória do audiovisual. Observando o Gráfico 11, identificamos outros métodos utilizados:

Gráfico 11 – Quais as principais formas de discutir sobre o tema do filme? (marque as que mais acontecem)

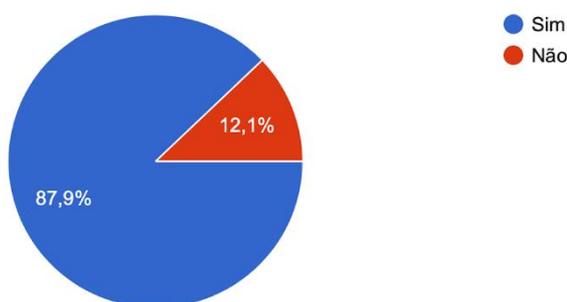


Fonte: Autoria própria.

Perguntei aos estudantes se, durante alguma aula, independentemente da disciplina, eles já haviam ligado o tema explorado em sala a algum filme assistido anteriormente e a imensa maioria, composta por 87,9% (Gráfico 12), deles responderam que sim.

Gráfico 12 – Durante uma aula, você já se lembrou de algum filme parecido com aquela temática?

99 respostas

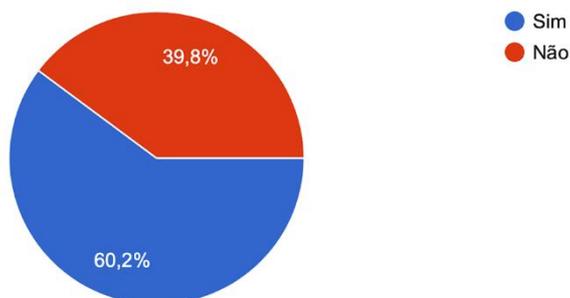


Fonte: Autoria própria.

Eu tinha também a curiosidade de saber se, após assistir a filmes na escola, durante as aulas, eles tinham mudado a perspectiva sobre assistir a filmes em casa, no cinema ou em outro lugar informal e obtive a resposta de que a maioria mudou sim a maneira de ver filmes fora da escola, como indica o gráfico 13:

Gráfico 13 – Depois de assistir a filmes durante aulas, você mudou a forma de assistir a filmes fora da escola?

98 respostas



Fonte: Autoria própria.

Como o gráfico demonstrou, mais da metade dos alunos respondeu que mudou sua forma de ver os filmes após terem aulas mediadas por audiovisuais na escola. Embora, como no grupo focal, alguns alunos comentaram, eles diferenciem as formas de verem filmes, se em casa, no cinema, acompanhados ou na escola, que exige determinada postura, comportamento adequado ao ambiente educacional e isso torna a exibição uma experiência mais formal e dura para alguns. Entretanto, como comentado no Grupo focal também, um dos problemas maiores é a dispersão de alunos devido ao mau comportamento de outros, de modo que, em casa, eles podem ter maior concentração, leveza e conforto.

A fala de uma das alunas do grupo focal tem relação com o gráfico, pois ela comentou que, depois de aulas de Sociologia e filmes assistidos na escola, desenvolveu maior criticidade ao ver audiovisuais fora do campo escolar, filmes e séries aos quais assistia anteriormente. Agora, tem outro valor, como colocou a aluna Nina, do terceiro ano: “[...] tipo séries como *Friends*, quando comecei a assistir, eu não via nada errado, mas hoje em dia, eu assisto, eu critico muitas atitudes dos personagens, eu vejo que algumas são homofóbicas, racistas...”.

A partir das respostas dos educandos, pude verificar que o cinema continua sendo um consumo cultural relevante entre jovens, entretanto é significativa a tentativa que a indústria cinematográfica, a indústria cultural, tem de homogeneizar padrões de determinados filmes e gêneros, como sinalizou Bernardet (1980), o público se acostumou e tem a expectativa de filmes com abordagem maniqueísta, com vilões e mocinhos e finais felizes hollywoodianos, inclusive moldando comportamentos.

Identifiquei que os alunos consomem muito filmes e séries em casa atualmente, mas também na escola, como o Gráfico 07 indica, a quase totalidade (98%) deles disse que já tinha tido aulas mediadas por audiovisuais, e também a maioria gosta desse tipo de aula, com exceção dos alunos do turno da noite, os quais também relataram que tem alguma dificuldade em relação à compreensão de temáticas através de audiovisuais. Contudo, sobre o item acerca do grau de aprendizado, como sinaliza o Gráfico 09, os alunos ficaram divididos entre os que “conseguem aprender com filmes” (46,5%) e os que responderam que “aprendem muito” (41,4%), restando poucos (12,1%) que indicaram aprenderem pouco ou nada com filmes.

As respostas à enquete evidenciaram o que verificamos na entrevista com os professores, e também no grupo focal: a forma mais comum de explorar os audiovisuais é o debate, conforme demonstra o Gráfico 11. Outro ponto consonante às respostas dos estudantes no grupo focal diz respeito à relação de filmes vistos e conteúdos abordados em

aula. Indaguei aos alunos se eles, ao assistirem uma aula, em quaisquer disciplinas, já se lembraram de algum filme afim ao tema discutido pelo professor e 87,1% dos alunos responderam que sim. Posso acrescentar que essa questão surgiu a partir de minha experiência pessoal como aluna e como educadora. É muito comum observar essa dinâmica em diversas aulas, os alunos inclusive, muitas vezes, mencionam e sugerem títulos de filmes para que aprofundemos ou ilustremos determinadas temáticas.

Finalizei o questionário perguntando se os estudantes modificaram a sua maneira de assistir aos audiovisuais depois de algumas sessões de vídeos na escola, 60,2% afirmaram que sim e, no grupo focal, ficou evidente que, a partir das aulas de Sociologia principalmente, os alunos têm um olhar mais crítico acerca das películas. Também evidenciei isso durante exposições de episódios de filmes, documentários e de seriados a partir de comentários dos alunos durante e depois da aula. Não raro, alunos me acompanham nos corredores da escola para aprofundar determinadas discussões e pedir indicações de outras obras cinematográficas.

A leitura dos gráficos me possibilitou verificar como os estudantes veem e se sentem em relação ao consumo de audiovisuais na sala de aula ou fora dela. Mas, pude identificar de forma mais concreta e objetiva a relação do audiovisual no espaço escolar, seus agentes, em especial, o aluno e o professor, a partir da realização das entrevistas supracitadas.

4 CATÁLOGO “A SOCIOLOGIA VAI AO CINEMA” – UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

É que, como toda coleção, esta também é um diário: diário de viagens, claro, mas também diário de sentimentos, de estados de ânimo, de humores... Ou talvez apenas diário daquela obscura agitação que leva tanto a reunir uma coleção quanto a manter um diário, isto é, a necessidade de transformar o escorrer da própria existência numa série de objetos salvos da dispersão, ou numa série de linhas escritas, cristalizadas fora do fluxo contínuo dos pensamentos (Italo Calvino, 2010, p. 13).

A lista é a origem da cultura. Ela faz parte da história da arte e da literatura. O que a cultura quer? Tornar a infinitude compreensível. Ela também quer criar ordem – nem sempre, mas com frequência. E como, enquanto seres humanos, lidamos com a infinitude? Como é possível entender o incompreensível? Através de listas, através de catálogos, através de coleções em museus e através de enciclopédias e dicionários. [...] Nós também temos listas totalmente práticas – listas de compras, testamentos, cardápios – que, a seu modo, também são conquistas culturais. (Umberto Eco, 2010).

A partir de minha experiência ao trabalhar com audiovisuais nas aulas, especialmente a aula eletiva “A Sociologia Vai ao Cinema”, através da análise dos questionários, do material coletado em reuniões de grupo focal com alunos e também das entrevistas com os professores, percebi que a maioria dos colegas utiliza recursos audiovisuais em suas aulas. Contudo, em relação àqueles professores que não usam o cinema como recurso didático, creio que não o fazem principalmente pela falta de conhecimento acerca das produções, pelo tempo exíguo, especialmente na disciplina de Sociologia, como também pelo trabalho maior que esse tipo de aula demanda, como foi supracitado noutro capítulo.

Portanto, além de discutir essa questão, apresentar a importância dessa ferramenta, resolvi também desenvolver uma pesquisa em diferentes espaços reais e virtuais para catalogar audiovisuais que pudessem ser trabalhados na disciplina de Sociologia, como também em outras disciplinas da área de Ciências Humanas, não apenas na Escola, mas em outros campos e níveis da educação.

Parte desse material, já utilizo em minha disciplina há alguns anos, portanto, possuía uma videoteca doméstica. Outros audiovisuais encontrei por meio de pesquisa em diversos canais como livros didáticos, plataformas digitais, como o site da Secretaria de Educação do Paraná (<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1411>), site *Porta Curtas* (<http://portacurtas.org.br>), site *Tela Crítica* (<https://www.telacritica.org>), blog como *Café com Sociologia* (<https://cafecomsociologia.com>), Revista digital *Tela Sociológica* (<https://telasociologica.wordpress.com>), Cartilha da 12ª Mostra Cinema e

Direitos Humanos do Ministério dos Direitos Humanos em parceria com Instituto Cultura em Movimento (ICEM), dentre outros, além de também ter tido acesso a alguns títulos por indicação de colegas de profissão.

A produção deste catálogo corresponde principalmente à criação de um produto final de minha pesquisa, posto que ousei criar um material pedagógico que pode ser utilizado por professores de Sociologia do Ensino Médio. Como o autor Roberto Ferreira (2018) orienta, é necessário “educar o olhar”.

Ferreira (2018) explana que devemos atentar para muito mais que simplesmente gostar ou não do filme, ele orienta para que tenhamos cuidado em relação às formas de abordar os audiovisuais; enaltece a importante diferença entre exercício descritivo e trabalho interpretativo. Ele considera de máxima importância um maior critério em relação aos procedimentos analíticos fílmicos.

Acerca do olhar sobre o filme, torna-se importante estabelecermos distinções entre uma análise fílmica e uma crítica cinematográfica, ambas têm diferenças sutis e também mais objetivas, especialmente relacionadas a parâmetros teórico-metodológicos. Uma análise fílmica segue normalmente padrões definidos, com critérios específicos relacionados à atuação, ao roteiro, à luz ou à fotografia; contudo, uma crítica aborda um campo maior, levando em conta um contexto mais subjetivo, o universo da obra ou ideia que ela propõe. Napolitano (2003) assimila e usa a ideia de Ângelo Moscariello ao versar sobre essa questão.

Moscariello irá distinguir diversas abordagens críticas, como a formalista, a conteudista, a psicologista, a psicanalista, a estruturalista, a textual e a sociológica, a qual nos detemos a reproduzir:

Se os métodos até agora citados dirigem o seu olhar para dentro do filme na esperança de aí encontrarem coisas pretendidas, a crítica de inspiração sociológica prefere em contrapartida, utilizá-lo para observar o que acontece fora dele [...] Pede-se portanto ao filme, que não seja “significativo”, mas sim sintomático de uma dada situação histórica [...] (MOSCARIELLO *apud* NAPOLITANO, 2003, p. 67).

Nessa perspectiva, outra questão que me chamou a atenção foi o fato de muitos professores utilizarem apenas o recurso do debate como forma de explorar os vídeos, portanto, indicarei neste capítulo e anexo ao presente trabalho, além dos vídeos sugeridos, sugestões de práticas e estratégias didáticas para o professor desenvolver antes, durante e depois da exibição do audiovisual.

Entretanto, gostaria de salientar que, diante de tudo que já foi dito, sendo o cinema uma expressão da arte e da cultura, não precisa ser limitado a moldes pedagógicos, posto que o simples ato de ver, de assistir à produção pode promover intensas e significativas

experiências, inclusive cognitivas. Porém, quando são utilizadas diferentes formas de olhar uma obra fílmica, de explorá-la, podem surgir conseqüentemente ricas possibilidades de interpretação e de conexão entre a realidade apresentada na tela e os temas abordados na aula, além da interferência da própria experiência pessoal de cada espectador, inseridos nesse contexto, o aluno e o professor.

Acerca do catálogo, que é a ferramenta pedagógica que desenvolvi e apresento ao final do presente trabalho, utilizo aqui algumas definições como:

Catálogos são organizações de informação sobre um determinado elemento que armazenam conhecimento sobre este elemento e possibilitam o reuso do conhecimento armazenado. Os catálogos são considerados um artefato em constante evolução, podendo incorporar novos conhecimentos provenientes de situações não vivenciadas anteriormente. (CISNEYROS; YU; LEITE *apud* ARAUJO *et al.*, 2012, p. 7).

Consideramos pertinente observar que o catálogo é conhecimento armazenado que pode e deve ser usado e reusado na medida em que, depois de gerado, deve ser manuseado por muitos, em diferentes tempos e contextos. Em se tratando do produto dessa pesquisa, o catálogo é uma listagem de audiovisuais, onde estão inseridos filmes, documentários, vídeos disponíveis nas redes sociais e episódios de seriados de TV e de *streaming*, tão fortemente consumidos pela geração atual. Neste capítulo, indico alguns audiovisuais dentro das principais temáticas sociológicas abordadas no Ensino Médio e suas respectivas fichas técnicas.

Para escolher os vídeos deste catálogo, tomei como referências os conteúdos da disciplina Sociologia no Ensino Médio, além de refletir sobre os principais objetivos da disciplina, dos quais, entre outros, podemos destacar: identificar, analisar e comparar os diferentes discursos sobre a realidade, conhecer as explicações das Ciências Sociais amparadas nos vários paradigmas teóricos, os diferenciando das do senso comum, produzir novos discursos sobre as diferentes realidades sociais, construir uma visão mais crítica sobre a realidade social, desenvolver instrumentos para uma melhor compreensão da vida cotidiana, ampliando a visão de mundo e o horizonte de expectativas e, por último, compreender e valorizar as diferentes manifestações culturais e outros segmentos sociais, agindo de modo a respeitar o direito à diversidade.

Passei, pois, a analisar também os conteúdos específicos de cada série do Ensino Médio, ressaltando que aqui registrarei como as adequei em minha escola, contudo, os mesmos podem se diferenciar de acordo com as escolas, municípios e estados da federação. Entretanto, as Ciências Sociais são abordadas nas três séries, seguindo geralmente uma

determinada orientação teórica, ou seja, uma série aborda a Sociologia, normalmente o Primeiro Ano, posto ser o momento no qual a Sociologia é introduzida na Educação Básica, temas próprios da Ciência Política são tratados no Segundo Ano ou no Terceiro, e Teorias relativas à cultura, isto é, a Antropologia é estudada no Terceiro ou Segundo Ano.

Começando pela Primeira Série, entre principais conteúdos, verifico: a sociedade e o conhecimento sociológico, ou seja, a introdução ao estudo das Ciências Sociais, quando o fenômeno da socialização e da sociabilidade entre indivíduos é abordado, as instituições sociais, no qual ocorre a contextualização histórica e a definição da Sociologia enquanto ciência; ressaltando a importância da postura e da imaginação sociológica; propicia-se a análise dos papéis e questões relativas ao gênero, às etnias e às gerações, por exemplo.

Em relação à Imaginação Sociológica, indico, por exemplo, o filme nacional *Central do Brasil* (Brasil, 1998), sobre a história de Dora, que trabalha escrevendo cartas para analfabetos na estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro, e conhece Josué, um menino que, após perder a mãe, deseja encontrar o pai que nunca conheceu. Quanto à temática da socialização entre os indivíduos ou instituições sociais, sugiro trechos do documentário *A História do Mundo em Duas Horas – History*. Documentário científico com imagens a partir de recursos da tecnologia digital e depoimentos de cientistas de diversas áreas que apresenta, de forma resumida e dinâmica, a História da humanidade desde a origem do universo.

Em relação ao tema “senso comum e o senso crítico”, indico o vídeo disponível na plataforma do Youtube: episódio do grupo Porta dos Fundos, “Polêmica da Semana: vacina” (Brasil, 2018). Esse audiovisual apresenta um programa de auditório no qual dois convidados irão discutir determinados temas, um embasado cientificamente e o outro, a partir de senso comum, hilário e irônico, tende a proporcionar reflexão sobre a condição da ciência na atualidade.

Faixas etárias, identidades sociais e gerações são temas que proponho abordar utilizando, por exemplo, o curta-metragem *A bicicleta do vovô* (Brasil, 2012), que narra a relação entre neto e avô de uma forma interessante e poética. Outro audiovisual que se pode tratar sobre adolescência na sociedade atual é *Os Incompreendidos*, que mesmo sendo uma obra da década de 50, retrata com sensibilidade a vida difícil do jovem Antoine, que é negligenciado por sua família e enfrenta dramas dentro e fora da escola. Esse filme foi um marco na maneira de fazer cinema, a chamada Nouvelle Vague francesa, caracterizada por cenas ao ar livre e mais leveza na perspectiva da câmera. E o fato da história não ter final definido, apesar de questionável por alguns, torna-se interessante para a realização de uma

atividade exploratória, depois de um debate, por exemplo, o professor pode solicitar aos estudantes que desenvolvam um final pessoal para o filme.

Gênero, sexualidade, orientação sexual e homofobia são temas que podem ser aprofundados a partir de diversos audiovisuais, entre eles, indico a exibição do documentário *Não gosto de meninos* (Brasil, 2011), inspirado no projeto internacional “It Gets Better”, o qual apresenta depoimentos de brasileiros gays, bissexuais, transexuais ou qualquer outra sigla que tenta definir o que não precisa de definição.

Acerca dos papéis sociais masculinos e femininos como construções socioculturais e históricas, indico o documentário *Acorda, Raimundo acorda* (Brasil, 1990). Ele conta a história de Marta e Raimundo, uma família humilde trabalhadora vivendo seus conflitos, entretanto os papéis sociais do homem e da mulher se encontram invertidos.

Outro audiovisual escolhido para discutir desigualdade de gênero e feminismo é o documentário *Repense o elogio* (Brasil, 2017), um longa que apresenta rodas de conversas e entrevistas com crianças, jovens e adultos acerca da importância das palavras dirigidas às crianças, como os elogios às meninas e aos meninos acabam por refletir a cultura, padrões estabelecidos e perpetuados em nossa sociedade.

Acerca de Questões étnico-raciais, desnaturalização das desigualdades raciais, racismo, segregação, indico o filme *Pantera Negra* (EUA, 2018), da Marvel, que foi grande sucesso entre os jovens no mundo todo. A trama fictícia apresenta a estória de T’Challa, líder do reino de Wakanda, que adquire superpoderes para defender sua terra e seu povo. O filme além de valorizar particularidades culturais e históricas dos povos africanos, apresenta referências históricas, políticas e culturais sobre a trajetória do movimento negro em alguns países e na luta por direitos sociais. Ressaltando que, no catálogo, há outros audiovisuais que abordam essas temáticas, como nesse caso, também sugiro o filme *Estrelas além do tempo*.

No que diz respeito aos temas da Segunda Série do Ensino Médio, como conteúdos introdutórios, existem temas relacionados à Ciência Política, começando com o conceito de poder; as formas de poder: econômico, ideológico e político; e tipos de dominação legítima segundo Max Weber: legal, tradicional e carismática.

Para abordar o conceito e expressão de Poder, indico o documentário *O dia em que Dorival encarou a guarda* (Brasil, 1986). Numa prisão militar, o negro Dorival quer tomar um banho, mas, para consegui-lo, tem de enfrentar os guardas.

Acerca dos temas relacionados à Política, oriento que se assista e trabalhe a entrevista com Mário Sérgio Cortella disponível na plataforma do Youtube. Já sobre temáticas relativas ao Estado e às formas de governo: autocracia, anarquia e democracia, sugiro o filme

A Onda (Alemanha, 2008), que narra a história baseada em fatos reais na qual um professor desenvolve uma metodologia diferente para abordar assuntos relacionados à Autocracia e afeta de forma impactante a vida dos seus alunos.

Sobre Regimes políticos: monarquia e república; os três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário; espectro político: Esquerda, Centro e Direita, indico o filme *Rainha* (França, Reino Unido e Itália, 2006) para uma compreensão da Monarquia Parlamentarista britânica, por exemplo.

Outros temas discutidos nas aulas da segunda série são relativos a Desigualdades sociais no Brasil, violência, exclusão, marginalidade social, pobreza e criminalidade. Sobre a temática pobreza, sugiro o filme *Ilha das Flores* (Brasil, 1989), documentário antigo, mas que trata de forma atual a questão das desigualdades. Sobre Violência e criminalidade, indico trechos de filmes como *Titanic*, o qual revela a desigualdade social marcante do início do século XX e reverbera nos dias atuais, ou filmes nacionais como *Carandiru* (Brasil, 2003), que abordou a realidade do sistema carcerário no Brasil na perspectiva de um médico que desenvolve ações de combate à AIDS naquele campo social.

Já *Tropa de elite* (Brasil, 2007) e *Tropa de elite 2: agora o inimigo é outro* (Brasil, 2010) abordam criminalidade, violência urbana, segurança pública e as implicações políticas desses, suas relações e consequências sociais. No catálogo, também sugiro o filme *Cidade de Deus*, importante obra cinematográfica nacional.

Ainda sobre a temática da Violência, sobretudo com relação à justiça, vale o olhar sobre o seriado *Black Mirror* (Reino Unido, 2013), em específico o segundo episódio da segunda temporada “Urso Branco”, disponível na plataforma Netflix. O episódio narra a história de Victoria, uma mulher que se encontra desmemoriada em meio a um lugar que não conhece, onde as pessoas a perseguem e a filmam o tempo todo, significativa história sobre a questões entre justiça e justicamento.

Para temas como Direitos, cidadania e participação, indico o filme *As Sufragistas*, que aborda a história de mulheres envolvidas no movimento feminista no início do século XX, quando as mulheres ainda não tinham direito ao voto.

E sobre os Movimentos sociais, considero significativo trabalhar um vídeo sobre “A História da Cidadania no Brasil” na perspectiva do Movimento Social em defesa do meio ambiente e da biodiversidade. E também o documentário *Hiato* (Brasil, 2008), que trata do movimento de manifestantes, no ano 2000, que entraram em um shopping no Rio de Janeiro, apresentando alguns manifestantes oito anos depois e também a interpretação de professores acerca do movimento.

Na Terceira Série do Ensino Médio, são abordados temas relacionados à Cultura, conceitos de cultura material e imaterial e etnocentrismo. Sobre essa temática, recomendo o documentário *Wappa* (Brasil, 2017), um belo curta-metragem que apresenta a infância e seus simbolismos para da cultura indígena Yudja. E o documentário *As Caravelas Passam*, que apresenta a fala de representantes indígenas, estigmas, preconceitos e o desconhecimento da população sobre os povos indígenas no Brasil.

Sobre Multiculturalidade e interculturalidade, indico o filme *Babel* (EUA, México, França, 2006), que aborda um acidente impactante no Marrocos resvalando para a sucessão de eventos que ligará diversas vidas divergentes por condições sociais, econômicas e culturais.

Sobre Indústria cultural e sociedade de consumo, trabalhar o filme *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom* (EUA, 2009) pode render boas risadas e ótimas reflexões. Conta a história tragicômica de Becky, que é uma compradora compulsiva moradora da cidade de Nova Iorque.

Acerca dos temas Religiões e religiosidades, intolerância e fundamentalismo religiosos, indico o curta-metragem *Monocultura da Fé* (Brasil, 2016), que apresenta a realidade contemporânea dos Guarani Kaiowá, entre os quais a igreja evangélica vem ganhando espaço. São abordados a relação e a tensão entre os cultos evangélicos e os rituais xamânicos, bem como a vida e as relações das lideranças das duas dimensões religiosas.

Temas relativos ao Mundo do trabalho, relações produtivas no processo histórico, modos de produção; métodos de produção no sistema capitalista: taylorismo, fordismo, toyotismo; e as relações de trabalho na contemporaneidade: trabalhos formal e informal, desemprego, subemprego podem ser trabalhados com o filme clássico *Tempos Modernos* (EUA, 1936), que apresenta a história de Carlitos, um homem que tenta se adequar à vida tradicional de um trabalhador, mas enfrenta dificuldades em meio à exploração do mundo do trabalho, aborda a Revolução Industrial e o Fordismo.

Também referencio o documentário *A uberização do trabalho*, que aborda a recente transformação no mundo do trabalho com a inserção de novos trabalhadores informais.

Outro audiovisual sobre a temática do trabalho, indico o nacional *O homem que virou suco* (Brasil, 1981), no qual é apresentada a história de Deraldo, um poeta popular nordestino que chega a São Paulo, tenta sobreviver com suas poesias e é confundido com o operário de uma multinacional que assassina o patrão em uma festa da empresa. Um drama que apresenta a resistência de um artista diante da exploração do homem pelo homem.

No catálogo a seguir, apresento outros filmes e temáticas, como também sugestão de práticas e estratégias didáticas para explorar os mesmos em sala de aula.

Roberto Carlos de Oliveira (2018) ressalta que a narrativa fílmica, sob seus padrões discursivos, estéticos e morais, pode ser de grande valia no contexto escolar, entretanto é necessário que se trabalhe de forma séria e criteriosa, pensamento que temos em comum e que esteve presente enquanto desenvolvi o presente catálogo e possíveis estratégias didáticas para explorar os audiovisuais. Ainda sobre isso, Oliveira (2018) escreve:

Estamos tentando, no decorrer desse estudo, evidenciar o apelo didático do cinema. Embora os meios de comunicação tenham revolucionado as relações humanas e modificado sensivelmente o panorama das sociedades contemporâneas, as imagens cinematográficas ainda encontram resistência para integrarem a prática didática regular das escolas. Se a não utilização do cinema denota ignorância ou má vontade, a má utilização é nociva, pois cria ou sustenta vários preconceitos em relação à utilização do cinema na educação escolar (OLIVEIRA, 2018, p. 458).

Desenvolver diferentes formas de abordar temáticas que os audiovisuais apresentam pode ser um rico caminho para potencializar a reflexão e a participação dos estudantes. Uma das tradicionais formas de explorar um filme é a apresentação prévia do tema em sala de aula e a realização de debate após a exibição do audiovisual, quando o professor medeia as questões apontadas na trama e os alunos participam de acordo com suas interpretações do filme e dos conhecimentos compreendidos durante as aulas.

Defendo, pois, também outras formas de explorar os audiovisuais e aqui registrarei algumas que desenvolvi a partir da experiência em sala de aula tradicional e especialmente com a aula eletiva “A Sociologia Vai ao Cinema”.

Uma via diferente de abordar um audiovisual é a aplicação de perguntas exploratórias sobre a temática a ser abordada no audiovisual antes da exibição. Como isso ocorre na prática? Em minhas aulas, eu entrego a alguns alunos tarjetas de papel com algumas palavras que tem relação com a temática abordada no filme, conceitos por exemplo, e soubo o que eles entendem sobre elas. Isso gera um debate inicial, mas, em seguida, exibo o filme e, depois da exibição, redistribuo as mesmas tarjetas, retomando as perguntas e as respostas dos alunos; todos podemos identificar que muitos alunos passam a compreender melhor conceitos, antes desconhecidos ou pouco compreendidos.

Também estabeleço sondagem problematizadora a partir de perguntas (frases) norteadoras acerca da temática que o audiovisual irá tratar. Normalmente, após a exibição do audiovisual, proponho a realização de estudo dirigido sobre questões abordadas no audiovisual, um procedimento para a análise fílmica.

Uma intervenção que também julgo interessante é a proposta para a criação de jogos ou de dramatização a partir da relação entre a teoria e a abordagem no audiovisual. Uma das professoras entrevistadas em nossa pesquisa relatou atividade semelhante: ela propõe em modelo teatral, e ressaltou que os estudantes se empenham e gostam da atividade.

Já realizei dramatização explorando o tema do audiovisual, contudo, os alunos não poderiam usar recursos verbais, apenas gestuais para apresentarem uma peça teatral de poucos minutos. Uma forma de explorar diferentes linguagens, como a visual e a gestual, para além da verbal e da escrita. Muito dinâmica e interativa, os alunos da primeira série se envolveram de forma divertida e comprometida com a atividade.

Outra maneira de fazer os alunos refletirem e instigá-los acerca do tema apresentado é propor que eles façam, depois da sessão do audiovisual, um vídeo caseiro sobre a mesma temática do audiovisual exibido.

Realizar discussão a partir da análise de cenas do filme, estabelecendo conexão com a teoria apresentada também pode ser interessante forma didática; o professor apresenta ou recorda as cenas destacadas por ele, anteriormente, e segue explorando juntamente com os estudantes o que aquele momento fílmico sugere.

Considero como uma das mais significativas estratégias exploratórias de audiovisuais a realização de discussão a partir da análise de personagens e de suas falas no vídeo, estabelecendo conexão com a teoria apresentada. Geralmente, seleciono cenas e diálogos do filme, os transcrevo e os exibito após a sessão. Propondo então leitura e reflexão das cenas e dos diálogos.

Há alguns filmes e documentários que julgo mais impactantes para a realização da denominada “Aula invertida”, que se processa com a exibição do filme sem exploração anterior sobre a temática e, só após a exibição, a teoria é trabalhada a partir das falas dos alunos, ou seja, das percepções deles a partir do que o audiovisual apresenta. E o professor medeia as conexões que surjam da participação dos alunos.

O professor também pode sugerir que os alunos possam realizar uma pesquisa nas redes sociais e identificar uma publicação que tem relação com o filme apresentado ou ele mesmo criar uma publicação nesse sentido, como também pode procurar uma matéria jornalística para ilustrar a temática abordada. A criação de vídeos pelos alunos organizados em equipe pode ser também uma proposta interessante. Eu tentei a experimentação com alunos da turma 2018.2, orientei que realizassem um documentário sobre a escola que é centenária e completaria 173 anos, o vídeo seria composto a partir de cenas, olhares e falas de pessoas que ali trabalham e convivem, como professores, funcionários e alunos, contudo

infelizmente, naquele ano houve problemas no calendário da escola e suprimiram algumas aulas e atividades, assim apenas uma turma chegou a gravar depoimentos e forjar um vídeo inacabado, mas não tivemos tempo para a apresentação do mesmo à turma como era planejado. Confesso que fiquei frustrada e não mais coloquei a atividade nos semestres seguintes. Outra proposta exploratória rica seria a formulação de trabalhos interdisciplinares, os alunos poderiam compor redações ou pesquisas que implicassem a transversalidade de temáticas, citando as disciplinas que o vídeo abordasse.

A partir de nossa experiência em sala, criamos e adaptamos formas diversas de explorar os audiovisuais, além do debate clássico posterior à exibição do vídeo. Adensarei, no próximo tópico, formulários, roteiros de perguntas e outras estratégias pedagógicas de como trabalhar em sala, cito algumas metodologias a partir de temas que são estudados na disciplina de Sociologia e audiovisuais.

4.1 Hoje vai ser aula com filme? Sugestões pedagógicas do uso de audiovisual na aula de sociologia

4.1.1 Indústria Cultural e Consumismo em Delírios de Consumo de Becky Bloom

Atividade exploratória:

Parte 1 – Explicação oral sobre o conceito de Indústria Cultural e o estímulo ideológico que essa indústria sugere com vistas ao consumo.

Parte 2 – Exibição do filme: *Delírios de consumo de Becky Bloom*

Parte 3 – Solicitar que os alunos comentem a partir das falas das cenas nas quais é percebido o fenômeno da Indústria Cultural sobre os personagens.

Importante que o professor exponha visualmente as frases abaixo para que promova, de forma mais acessível, a reflexão e a discussão. Indicamos aqui algumas cenas possíveis para desenvolver tal atividade:

a) Início do filme, Becky se apresenta

Becky – “Rebecca Bloomwood. Profissão: Jornalista. Jaqueta: Visa. Vestido: AMEX. Cinto: MasterCard. É Vintage e consegui reembolso de 10% do valor. Bolsa: Gucci!” (Transcrito do filme *Delírios de consumo de Becky Bloom*);

b) Memórias de Becky em relação às lojas e às mulheres

Becky – “Um mundo cheio de sonhos, cheio de coisas perfeitas”.

Becky – “Quando eu era criança, havia preços reais e preços de mãe. Os reais compravam coisas reluzentes que duravam três semanas. E os de mãe compravam coisas marrons que duravam para sempre.” (transcrição de uma cena do filme *Delírios de consumo de Becky Bloom*)

Becky – “Elas nem precisavam de dinheiro. Tinham cartões mágicos. Eu queria um. Mal sabia eu... que acabaria com 12!” (Transcrito do filme *Delírios de consumo de Becky Bloom*)

c) Diálogo imaginário entre Becky e o Manequim na loja:

Becky (fala da protagonista do filme *Becky Bloom*) – “Rebecca, você acabou de receber uma conta de US\$ 900. Você não precisa de uma echarpe.”

Manequim (Fala do personagem Manequim da echarpe verde) – “Mas, por outro lado... quem precisa de uma echarpe? Enrole um jeans velho no pescoço. Isso a manterá aquecida. É isso que sua mãe faria.”

Becky – “Tem razão. Ela faria isso.”

Manequim – “A questão desta echarpe... é que ela se tornaria parte de uma definição da sua... psique. Entende o que eu quero dizer?”

Becky – “Não, não... eu entendo. Continue.”

Manequim – “Ela faria seus olhos parecerem maiores.”

Becky – “Faria meu corte de cabelo parecer mais chique. Poderia usá-la com tudo. Seria um investimento.”

Manequim – “Iria para entrevista na Alette confiante.”

Becky – “Confiante.”

Manequim – “E segura.”

Becky – “Segura.”

Manequim – “A garota da echarpe verde.” (Transcrito do filme *Delírios de consumo de Becky Bloom*)

d) Fala de Luke Brandon:

Luke Brandon – “Não quero ser definido por roupas, marcas ou família”. (Transcrito do filme *Delírios de consumo de Becky Bloom*)

e) Becky, ao pensar na festa:

Becky – “Tenho tudo planejado. Vou ao baile impressionar Alette Naylor. Eu só preciso comprar um vestido”. (Transcrito do filme *Delírios de consumo de Becky Bloom*)

f) A produtora da Revista de Moda fala:

Alette Naylor – “Vestir-se é como qualquer empreendimento de valor. É uma arte, mas também um desafio”. Becky compra o vestido mesmo estando muito além do seu orçamento, dessa vez para causar boa impressão às leitoras da Revista. (Transcrito do filme *Delírios de consumo de Becky Bloom*)

g) Becky finalmente admite:

Becky – “Porque, quando faço compras, o mundo fica melhor. O mundo é melhor e depois não é mais, por isso preciso comprar de novo”. (Citação transcrita do filme *Delírios de consumo de Becky Bloom*)

Becky – “Eu gosto de fazer compras. Há algo tão errado nisso? Quer dizer, as lojas estão lá para dar prazer. A experiência é prazerosa. Bem, mais que prazerosa. É linda. O brilho da seda drapeada sobre um manequim. O cheiro de sapatos novos de couro italiano. Sapatos de couro italiano são os melhores. Aquela sensação que sentimos quando passamos o cartão e é aprovado. Tudo pertence a você! A alegria que você sente quando compra alguma coisa, é só você e a compra... Você só precisa dar um cartãozinho. Não é a melhor sensação do mundo? Não dá vontade de gritar do topo de uma montanha? Você se sente tão confiante e viva... E feliz. E plena!” (Transcrição de diálogo do filme *Delírios de consumo de Becky Bloom*)

h) Os pais são influenciados pela coluna na revista escrita por Becky:

Pais de Becky – “Toda nossa vida de casados, fomos o tipo de pessoa que não gasta, que poupa. Construimos um bom ninho. Um ninho de dinheiro bem grande. Então decidimos que queríamos chamar você aqui nossa linda, adorável filha para dizer que... Nós gastamos tudo!” (Transcrito do filme *Delírios de consumo de Becky Bloom*)

i) Becky, consciente, escreve para a revista:

Becky – “Seu cartão de crédito é como um casaco de cashmere com 50% de desconto. A primeira vez que o vê ele jura que será seu melhor amigo. Até que você olha com cuidado e nota que não é cashmere de verdade” [...] Segurança pode ter diferentes significados para cada pessoa. Para uns é ir a uma festa usando o sapato certo. Isso pode dar a sensação de segurança por uma noite, mas tem um efeito terrível em sua vida futura”. (Transcrição do filme *Delírios de consumo de Becky Bloom*)

j) Diálogo com a produtora da revista Alette Naylor ao propor emprego para Becky Bloom:

Alette – “Sua coluna será ‘Moda a seu alcance’... Sua coluna deverá ser bem pessoal. Usará itens do seu próprio guarda-roupa, como este por exemplo.”

Becky Bloom – “São Louboutins, então não estão ao alcance.”

Alette – “Não tenha medo, Chez Alette, imprimimos os preços bem pequenos. E, afinal, para que servem os cartões de crédito?”. (Diálogo transcrito do filme *Delírios de consumo de Becky Bloom*”).

4.1.2 “Queda Livre” e o Capital Social em Bourdieu

Atividade dirigida abordando as categorias de Pierre Bourdieu a partir do episódio “Queda Livre” (*Nosedive*), do seriado *Black Mirror*.

Parte 1 – Apresentação do conceito de Capital Social em Pierre Bourdieu.

Parte 2 – Sondagem problematizadora sobre o uso das redes sociais pelos estudantes a partir das perguntas:

- a) Qual a rede social que você mais utiliza?
- b) Quais tipos de postagem você mais costuma fazer?
- c) Quais os tipos de postagens você mais curte?
- d) Você se preocupa em relação à quantidade de curtidas em suas postagens?

Parte 3 – Exibição do episódio “Queda Livre” (*Nosedive*).

Parte 4 – Estudo e discussão:

- a) Divide-se a sala em grupos de 4 ou 5 estudantes;
- b) Os grupos devem identificar os diferentes tipos de Capital Social que aparecem no episódio; cada grupo deve registrar um personagem, uma cena ou um diálogo onde esse conceito é explicitado;
- c) Ao final, todos os grupos apresentam justificando suas escolhas e trocando ideias.

4.1.3 A onda e os conceitos relativos a Poder e Política

A prática didática com esse filme acontece da seguinte forma:

Inicialmente, e antes da exibição do filme, o professor distribui, aleatoriamente entre os alunos, folhas ou tarjetas com conceitos sociológicos como:

PODER

POLÍTICA

AUTOCRACIA

DEMOCRACIA

TEOCRACIA

ANARQUIA

TOTALITARISMO

Em seguida, o professor pergunta aos alunos que estão com as respectivas folhas se eles sabem ou o que eles já ouviram sobre os conceitos. Esperando as respostas (desde as mais senso comum às elaboradas), ele prossegue sem corrigir, mas comentando superficialmente que aqueles termos irão aparecer durante o filme e levantando a importância daqueles conceitos, para que estejam atentos a isso.

Acontece a exibição do audiovisual *A onda*.

Ao final do filme, o professor pergunta aos alunos o que eles entenderam sobre o filme, qual temática ele aborda e redistribui as mesmas placas para diferentes alunos e novamente pergunta o que aqueles conceitos significam e quais relações possuem com a trama.

4.1.4 Crash – No limite e a violência urbana, o racismo, a xenofobia

Aula invertida:

- a) Informa aos alunos o nome do filme que irão assistir, contextualizando-o minimamente, sem, no entanto, citar o tema ou temáticas que ele aborda;
- b) Ocorre a exibição do filme;
- c) O professor questiona os alunos sobre os temas que o filme trata e, a partir daí, aprofunda suas questões sobre as temáticas da violência urbana, racismo e xenofobia escolhendo algumas cenas para ilustrar seu discurso.

4.1.5 Sugestão de roteiro para análise de filmes

Professor/professora: _____

Turma: _____ data: ____/____/____

1. Identificação:

Aluno(a): _____

2. Disciplina: _____

3. Gênero do filme:

- histórico comédia ficção romance animação
 documentário drama suspense ação outros

4. A linguagem predominante é:

- formal informal

5. Grau de entendimento

- fácil razoável difícil

6. Critérios cinematográficos

Assinale com um x quais critérios você mais gostou no filme:

- música fotografia
cenários efeitos
diálogos enredo

7. Temas abordados:

- socioculturais científicos políticos religiosos
 psicológicos outros: _____

8. Enredo (resuma o filme em poucas palavras):

9. Ideia ou mensagem central do filme:

10. Cena de maior impacto para você. Justifique:

11. Contribuição do filme para o estudo da disciplina (o que você aprendeu em relação à sociologia com o filme?):

12. Você se identificou com algum personagem? Comente.

13. Avaliação final

() ótimo () muito bom () bom () regular

14. Comentários finais e/ou sugestões:

Julgo importante ressaltar que assistir a um audiovisual sugere processo de alteridade, sendo assim, considero interessante aproveitar a abstração e a fala dos alunos, ouvi-los é essencial, a participação ativa deles no debate torna a aula mais dinâmica e significativa.

Uma tradicional forma de explorar temáticas que audiovisuais apresentem é na qual o professor solicita resenha ou redação que inclua a relação entre o tema apresentado pelo filme e a teoria estudada em sala de aula.

Outro recurso didático para explorar um audiovisual pode ser realizado através da realização de mapas conceituais estabelecendo relação entre a teoria estudada e questões exploradas no audiovisual.

Identifico-me muito com as palavras de Roberto Carlos de Oliveira (2018) quando fala:

Insistimos que o cinema não é apenas um *recurso pedagógico*. Definitivamente, ele é pedagógico, porquanto instrui, informa, ensina, educa. O filme pensa e faz pensar, e nesse sentido contém uma pedagogia própria. E não dá para medir ao certo o limite de sua potência. Aliás, seja qual for o limite da capacidade educativa, o cinema deve estar bem ali na fronteira. Mesmo que o espectador não perceba o que o atingiu, ele sabe que algo o tocou, fazendo-o sentir profunda e diferentemente, e, em função disso, refletir e/ou assimilar certas teses sobre determinados temas. O cinema não deve ser utilizado para preencher espaços vazios na escola, para completar com imagens um discurso impotente ou esgotado. O cinema deve ter seu espaço próprio, assim como tem uma linguagem particular. Da mesma forma que o cinema conquistou seu espaço entre as artes, deve ter seu espaço na escola, inclusive para o bem dela (OLIVEIRA, 2018, p. 464).

Compreendo a dificuldade de executar tais ideias e concordo que o cinema precise ter um espaço mais relevante dentro do campo escolar, contudo creio que estamos caminhando para um renovar de práticas pedagógicas a partir da mudança de grades curriculares que incorporam diversas metodologias, com o olhar voltado à multiplicidade do indivíduo, às suas particularidades e habilidades. Afinal, a aprendizagem realmente acontece quando ela é significativa, quando faz sentido para o estudante.

4.2 Catálogo de audiovisuais

Segue relação das principais temáticas abordadas em Sociologia no Ensino Médio e respectivos audiovisuais: filmes, documentários, episódios de seriados e vídeos com suas respectivas fichas técnicas.

4.2.1 Temática: IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

1. Filme: *Central do Brasil*

Sinopse: Dora, uma amargurada ex-professora ganha a vida escrevendo cartas para pessoas analfabetas que ditam o que querem contar às suas famílias. Ela embolsa o dinheiro sem sequer postar as cartas. Um dia, Josué, o filho de nove anos de idade de uma de suas clientes, acaba sozinho quando a mãe é morta em um acidente de ônibus. Ela reluta em cuidar do menino, mas se junta a ele em uma viagem pelo interior do Nordeste em busca do pai de Josué, que ele nunca conheceu.

Lançamento: 1998 (Brasil-França)

Gênero: Drama

Direção: Walter Salles

Produção: Arthur Cohn, Martine de Clermont Tonnerre

Produtora: VideoFilmes

Duração: 113 minutos

Classificação indicativa: 12 anos

Link: disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G8Q1D2E-ptY>>.

2. Filme: *Adeus, Lenin!*

Sinopse: O contexto histórico é a Guerra Fria. Na Alemanha, depois da queda do Muro de Berlim, Alex precisa poupar a mãe dessa realidade, já que ela é socialista convicta e está muito doente.

Título original: *Good bye, Lenin!*

Lançamento: 2003 (Alemanha)

Gênero: Comédia, drama

Direção: Wolfgang Becker

Produção: Andreas Schreitmüller, Katja De Bock, Manuela Stehr, Marcos Kantis, Paul Müller, Stefan Arndt

Produtora: Bavaria Film International

Duração: 121 minutos

Classificação indicativa: 14 anos.

4.2.2 *Temática: SOCIALIZAÇÃO*

3. **Documentário: *A história do mundo em duas horas***

Trecho selecionado: por volta dos 36 minutos

Sinopse: Documentário científico que apresenta, de forma resumida e dinâmica, a História da humanidade desde a origem do universo a partir de recursos da tecnologia digital e depoimentos de cientistas de diversas áreas.

Lançamento no Brasil: 2012

Produtora: History Channel

Duração: 96 minutos

Classificação indicativa: livre

Link: disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eGIDxp4TNWk>>.

4. **Filme: *Capitão Fantástico***

Sinopse: Uma família resolve isolar-se, fugir da sociedade capitalista contemporânea. Vivendo distante da mídia, da sociedade de consumo, forjam suas próprias regras sociais educando seus filhos de forma alternativa e crítica.

Título original: *Captain Fantastic*

Lançamento: 2016 (EUA)

Gênero: Comédia, drama

Direção: Matt Ross

Produção: Monica Levinson, Jamie Patricof, Shivani Rawat e Lynette Howell Taylor

Produtora: Electric City Entertainment, ShivHans Pictures

Duração: 118 minutos

Classificação indicativa: 14 anos.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ScCFKDIVt6w>>.

4.2.3 *Temática: SENSO COMUM E SENSO CRÍTICO*

5. **Vídeo: episódio do “Polêmica da Semana: vacina”**

Sinopse: Vídeo de humor que critica a sociedade e relativiza os saberes.

Lançamento: 2018 (Brasil)

Produtor: Porta dos Fundos

Duração: 04 minutos 43 segundos

Classificação Indicativa: alguns vídeos do Porta dos Fundos podem ser considerados impróprios para menores de 18 anos, esta indicação está livre quanto à classificação indicativa, observar outros.

Link disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dZVPiR8fJB8>>.

4.2.4 Temática: GERAÇÕES

6. Documentário: *A câmera do João*

Sinopse: Uma faixa de luz passa por uma pequena perfuração e se faz imagem.

João descobriu que fotografias são heranças.

Lançamento: 2017 (Brasil)

Produtora e Realizadora: Dafuq Filmes.

Duração: 22 minutos

Classificação indicativa: Livre

7. Documentário: *A bicicleta do vovô*

Sinopse: O documentário que virou série apresenta a relação mágica entre o avô Rui e seu neto Cauê.

Lançamento: 2012 (Brasil)

Produtora e Realizadora: Hamaca Produções Artísticas Ltda.

Duração: 22 minutos

Classificação indicativa: Livre

Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/bicicleta-do-vovo>>.

8. Filme: *Os incompreendidos*

Sinopse: Filme clássico do cinema francês que apresenta a vida de Antoine Doinel, um jovem negligenciado por sua família que enfrenta adversidades dentro e fora da escola.

Título original: *Les Quatre Cents Coupes*

Lançamento: 1959 (França)

Gênero: drama

Direção: François Truffaut

Duração: 94 minutos

Classificação indicativa: 12 anos

9. Documentário: *À espera*

Sinopse: O documentário conta a história de meninas que são forçadas a se casarem com homens muito mais velhos, uma realidade dura e cruel da infância de Moçambique.

Lançamento: 2016 (Moçambique)

Cineasta: Sônia André

Direção: Nivaldo Vasconcelos

Produtora: Thandy Produções Culturais e Estúdio Atroá

Duração: 22 minutos

Disponível em: <<https://www.catarse.me/filmeaespera>>.

4.2.5 Temáticas: *GÊNERO E SEXUALIDADE*

10. Filme-documentário: *Não gosto dos meninos*

Sinopse: Inspirado no projeto “It Gets Better”, André Matarazzo e Gustavo Ferri mostram diferentes histórias de brasileiros gays, bis, trans ou qualquer outra sigla que tenta definir o que não precisa definição.

Direção: Gustavo Ferri

Duração: 18 min

Disponível: completo em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ij9baks8i64>>.

ou

Parte 1 - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kP2HT8s4Kjo>>.

Parte 2 – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hLHWrOgbAo>>.

4.2.6 Temáticas: *GÊNERO E PAPÉIS SOCIAIS: MASCULINO E FEMININO*

11. Filme: *Billy Eliot*

Sinopse: Billy é um menino de 11 anos e vive em uma família de mineiros, numa cidade inglesa. Para contrariedade de seus pai e seu irmão, ele se apaixona pela dança e não pelo boxe, esporte clássico dos meninos.

Lançamento: 2000 (Reino Unido-França)

Gênero: drama, comédia

Direção: Stephen Daldry

Duração: 111 minutos

Obs.: o filme também aborda questões relacionadas aos movimentos sociais e movimentos grevistas na Inglaterra.

12. Documentário *Acorda, Raimundo acorda!*

Sinopse: História de Marta e Raimundo, uma família humilde trabalhadora, seus conflitos onde os papéis sociais do homem e da mulher se encontram invertidos.

Lançamento: 1990 (Brasil)

Direção: Alfredo Alves

Produtora: CETA-IBASE, Iser vídeo.

Duração: 16 minutos

Link: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HvQaqcYQyxU>>.

Parte 1 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Rd6BiFzeaSM>>.

Parte 2 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=BBEnPg-JB7o&NR=1>>.

13. Documentário *Repense o elogio*

Sinopse: Um documentário que propõe uma conversa sobre a maneira que as crianças são elogiadas. Enquanto meninas são muitas vezes elogiadas apenas por sua aparência, meninos podem receber elogios ressaltando suas habilidades. Este é um filme que reflete sobre o poder das palavras e da cultura que trouxe um desequilíbrio na forma como elogiamos nossos meninos e meninas. Por isso, acreditamos que o que se diz às meninas hoje, influencia quem elas serão amanhã.

Produtora: Maria Farinha Filmes.

Duração: 48 min

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oxxIME6RDvc>>.

4.2.7 *Temática: PODER*

14. Documentário: *O dia em que Dorival encarou a guarda*

Sinopse: Numa prisão militar, no verão, o prisioneiro negro Dorival quer tomar um banho. Para consegui-lo, tem de enfrentar os guardas.

Lançamento: 1986 (Brasil)

Direção: Jorge Furtado e José Pedro Goulart.

Duração: 14 min

Classificação Indicativa: não disponível, mas há no vídeo, palavras de baixo calão.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ymWaJt06PNw>>.

4.2.8 *Temática: POLÍTICA*

15. Vídeo: entrevista com Mario Sérgio Cortella sobre o que é política.

O filósofo e educador Mário Sérgio Cortella participa do programa Mais Você, da Rede Globo, e aborda o conceito de política de forma simples, mas interessante.

Lançamento: 2010 (Brasil)

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mheTr2Ee98E>>.

16. Filme: *V de Vingança – Regimes Totalitários, Ideologia*

Sinopse: O filme é uma realidade distópica inspirada em diversas obras literárias, na qual o mundo se encontra em um caos e a Inglaterra é governada por um Estado Fascista de alto controle social, mas surge V, um personagem que representa a possibilidade da liberdade e das individualidades.

Título original: *V for vendetta*

Lançamento: 2005 (Reino Unido, EUA e Alemanha)

Gênero: ação, suspense, drama

Direção: James McTelgue

Produção: Vertigo Comics, Virtual Studios, Silver Pictures

Duração: 132 minutos

17. Filme: *Quanto vale ou é por quilo?*

Sinopse: O filme traça uma analogia entre o comércio de escravos do século XVII e a atual exploração da miséria pelo marketing social. É uma crítica às instituições sociais, ao Estado e principalmente às organizações do Terceiro Setor.

Lançamento: 2005 (Brasil)

Gênero: drama

Direção: Sérgio Bianchi

Duração: 104 minutos

Classificação indicativa: 14 anos

4.2.9 Temática: FORMAS DE PODER: AUTOCRACIA**18. Filme: *A onda***

Sinopse: Narra a história, baseada em fatos reais, de um professor que desenvolve metodologia diferente para abordar assuntos relacionados à Autocracia e afeta de forma impactante a vida dos alunos.

Título Original: *Die Welle*

Lançamento: 2008 (Alemanha)

Gênero: drama

Direção: Dennis Gansel

Produtores: Christian Becker, Nina Maag, Anita Schneide

Classificação indicativa: 16 anos

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zG3TfjAhs30>>.

4.2.10 Temática: FORMAS DE GOVERNO: MONARQUIA**19. Filme: *A rainha***

Sinopse: Após o drama vivido pela morte de Lady Dayana, a rainha Elizabeth precisa rever a relação da família real com o Parlamento e especialmente com os cidadãos britânicos.

Título Original: *The queen*

Lançamento: 2006 (Reino Unido, França e Itália)

Gênero: drama biográfico

Direção: Stefen Freas

Produtor: Alan MCDonald, Andy Harries, Cristine Langan, Tracey Seaward

Produção: Miramax Films, Pathé

Duração: 97 minutos

4.2.11 Temática: RAÇA E ETNIA

20. Filme: *Pantera Negra*

Sinopse: Produzido pela Marvel, foi grande sucesso entre os jovens no mundo todo. A trama fictícia apresenta a estória de T'Challa, líder do reino de Wakanda que adquire superpoderes para defender sua terra e seu povo. O filme, além de valorizar particularidades culturais e históricas dos povos africanos, apresenta referências históricas, políticas e culturais sobre a trajetória do movimento negro nos Estados Unidos na luta por direitos sociais.

Título Original: *Black Panther*

Lançamento: 2017 (EUA)

Gênero: ação, aventura, ficção científica

Direção: Ryan Clooger

Produtores: Victoria Alonso, Jeffrey Chernov, Louis D'Esposito, Kevin Feige, David J. Grant, Stan Lee, Nate Moore

Produtora: Marvel Studios, Walt Disney Pictures

Duração: 134 minutos

Classificação indicativa: 14 anos

21. Filme: *Estrelas além do tempo*

Sinopses: A trama conta história de três matemáticas que trabalham na Agência Norte-Americana Espacial – NASA (Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço) durante a corrida espacial entre Estados Unidos e União Soviética na Guerra Fria e vivenciam as barreiras sociais e profissionais pelo fato de serem mulheres e negras.

Título Original: *Hidden Figures*

Lançamento: 2016 (EUA)

Gênero: drama biográfico

Direção: Theodore Melfi

Produtores: Donna Gigliotti, Peter Chernin, Jenno Topping, Pharrell Williams, Theodore Melfi

Produtora: Fox 2000 Pictures, Chernin Entertainment, Levantine Films e TSG Entertainment

Duração: 127 minutos

Classificação indicativa: livre

4.2.12 Temática: *DESIGUALDADES SOCIAIS: POBREZA*

22. Documentário: *Ilha das Flores*

Sinopse: Documentário antigo, mas que trata de forma atual a questão das desigualdades a partir da cadeia de produção e de descarte.

Lançamento: 1989 (Brasil)

Direção: Jorge Furtado

Produtora Casa de Cinema de Porto Alegre

Duração: 15 minutos

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bVjhNaX57iA>>.

4.2.13 Temática: *DESIGUALDADE SOCIAL – CLASSES SOCIAIS*

23. Filme: *Titanic*

Sinopse: O filme ficcional narra a história de amor entre dois jovens de diferentes classes sociais no Titanic, navio que naufragou no início do século XX.

Lançamento: 1997 (EUA)

Gênero: Drama, romance

Direção: James Cameron

Produção: Paramount Pictures, 20th Century Fox, Lightstorm Entertainment

Duração: 195 minutos

4.2.14 *Temática: VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE*

24. Documentário: *Carandiru* (Brasil, 2003)

Sinopse: Trata da realidade do sistema carcerário no Brasil na perspectiva de um médico que desenvolve ações de combate à AIDS.

Lançamento: 2003 (Brasil)

Gênero: drama

Direção: Hector Babenco

Produção: Hector Babenco, Fávio R. Tambellini, Fabiano Gulane, Daniel Filho.

Duração: 148 minutos

Classificação indicativa: 16 anos

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_PHcV2djLmE>.

25. Filme: *Tropa de elite*

Sinopse: Narra a história do Capitão Nascimento, membro da polícia de elite carioca e aborda questões relacionadas a criminalidade, violência urbana e segurança.

Lançamento: 2007 (Brasil)

Gênero: policial, drama

Direção: José Padilha

Produção: José Padilha, Marcos Prado

Produtora: Universal Pictures

Duração: 118 minutos.

Link disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=fIzBKI5MTA0&t=966s>>.

Classificação indicativa: 16 anos

26. Filme: *Tropa de elite 2 – agora o inimigo é outro*

Sinopse: Continuação do primeiro filme, anos depois, Nascimento agora tem cargo mais estratégico na Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro e a trama relaciona a violência, a segurança pública com a política institucional.

Lançamento: 2010 (Brasil)

Gênero: policial, drama

Direção: José Padilha

Produção: José Padilha, Marcos Prado

Zazen Produções

Duração: 115 minutos

Classificação indicativa: 16 anos

Link disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=siWNIGsHwjs>>. (pago)

27. Filme: *Cidade de Deus*

Sinopse: O audiovisual narra o crescimento do crime organizado em uma favela do Rio de Janeiro, a Cidade de Deus, que dá nome ao filme. A trama se desenrola a partir das histórias de personagens que mostram a difícil vida dos jovens que ali residem.

Lançamento: 2002 (Brasil)

Gênero: drama, ação

Direção: Fernando Meireles

Produção: Andrea Barata Ribeiro e Maurício Andrade Ramos

Produtora: O2 Filmes, Globo Filmes

Duração: 130 minutos

Classificação indicativa: 16 anos

4.2.15 Temática: *VIOLÊNCIA, CRIME E JUSTIÇA (E JUSTIÇAMENTO)*

28. Episódio 2 da temporada 2 do Seriado *Black Mirror*: “Urso Branco”

Sinopse: O episódio narra a história de Victoria, uma mulher que se encontra desmemoriada em meio a um lugar que não conhece, onde as pessoas a perseguem e a filmam o tempo todo. Aborda o tema da violência e da justiça.

Título original: *White Bear*

Lançamento: 2013 (Reino Unido)

Direção: Carl Tibbets

Duração: 50 minutos

Disponível na plataforma Netflix.

Classificação indicativa: 16 anos.

4.2.16 *Temática: DIREITOS, CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO*

29. Filme: *As sufragistas*

Sinopse: Conta a história de mulheres envolvidas no movimento feminista no início do século XX, quando as mulheres ainda não tinham direito ao voto.

Título original: *Suffragette*

Lançamento: 2015 (França e Reino Unido)

Realização: Sarah Gavron

Produtores: Alison Owen e Faye Ward

Produção: Pathé, Film 4, BFI e outros.

Duração: 106 minutos

Classificação indicativa: 12 anos.

30. Vídeo: *A História da Cidadania no Brasil*

Sinopse: um vídeo sobre a história da cidadania no Brasil na perspectiva do Movimento Social em defesa do meio ambiente e da biodiversidade.

Lançamento: 2013 (Brasil)

Pesquisa histórica e edição: Felipe Mendonça.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sq0xzNWk8Kc>>.

31. Documentário: *Hiato*

Lançamento: 2008 (Brasil)

Trata sobre o movimento de manifestantes, no ano 2000, que entraram em um shopping no Rio de Janeiro. O documentário apresentou alguns manifestantes oito anos depois e também a interpretação de professores acerca do movimento.

Direção: Vladimir Seixas

Produtora: Gume Filmes

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UHJmUPeDYdg>>.

4.2.17 *Temática: CULTURA – ETNOCENTRISMO*

32. Curta-Metragem: *Wappa*

Sinopse: Um belo curta-metragem que apresenta a infância e seus simbolismos para da cultura indígena Yudja.

Lançamento: 2017 (Brasil)

Produtora e Realizadora: Maria Farinha Filmes.

33. Documentário: *As caravelas passam*

Sinopse: Um relato de representantes indígenas. Suas lutas, suas vitórias. Preconceitos e o desconhecimento da população sobre os povos indígenas brasileiros vêm à tona, instigados pelo contraponto das palavras do antropólogo José Augusto Sampaio.

Direção: Ivo Sousa e Marcos Passerine

Realização: Instituto Nosso Chão

Duração: 23 minutos

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HnjVsBTE1AI>>.

4.2.18 Temática: CULTURA – XENOFOBIA – RACISMO

34. Filme: *Crash – No limite*

Sinopse: O filme fala sobre preconceito, apresentando o entrelaçamento de pessoas de diferentes etnias e classes sociais gerando dramas que envolvem violência, xenofobia e racismo.

Lançamento: 2004 (EUA – Alemanha)

Gênero: drama

Direção: Paul Haggis

Duração: 112 minutos

Classificação indicativa: 14 anos

35. Filme: *Babel*

Sinopse: Um trágico acidente no Marrocos deflagra uma sucessão de eventos que irão ligar quatro grupos de pessoas, divididas por diferenças culturais e longas distâncias, que vão compartilhar um destino que vai conectá-los definitivamente.

Lançamento: 2006 (EUA, México, França)

Gênero: drama, suspense

Direção: Alejandro González Iñárritu

Produção: Alejandro González Iñárritu, John Kilik e Steve Golin

Duração: 143 minutos

Classificação indicativa: 16 anos.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5rLcvhKt0a4>>.

36. Documentário: *Cabelo Bom*

Sinopse: Aborda o padrão estabelecido na sociedade em relação à estética feminina, narrando a trajetória de personagens mulheres negras e como elas reagem a partir da narrativa de suas experiências.

Lançamento: 2017 (Brasil)

Gênero: documentário

Produção: Swahili Vidal, Claudia Alves, Letícia Pereira, Zelia Balbina

Duração: 15 minutos

Classificação indicativa: livre

4.2.19 Temática: *INDÚSTRIA CULTURAL – SOCIEDADE DE CONSUMO*

37. Filme: *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom*

Sinopse: Sobre Indústria cultural e sociedade de consumo. Conta a história tragicômica de Becky, que é uma compradora compulsiva moradora da cidade de Nova Iorque.

Lançamento: 2009 (EUA)

Gênero: comédia, romance

Duração: 104 min

Direção: P. J. Hogan

Produção: Jerry Bruckheimer

Classificação indicativa: 10 anos.

38. Vídeo: *Sucesso*

Sinopse: Aborda a indústria musical que transforma arte em mercadoria. Uma crítica hilária sobre a produção de músicas na contemporaneidade com letras curtas, fáceis e repletas de onomatopeias.

Produção: Porta dos Fundos

Duração: 04 minutos

Classificação Indicativa: alguns vídeos do Porta dos Fundos podem ser considerados impróprios para menores de 18 anos, esta indicação está livre quanto à classificação indicativa, observar outros.

Link disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yXc8KCxyEyQ>>.

39. Documentário: *A história das coisas*

Lançamento: 2008 (EUA)

Sinopse: Da extração e produção até a venda, consumo e descarte, todos os produtos em nossa vida afetam comunidades em diversos países, a maior parte delas longe de nossos olhos. Este documentário de 20 minutos é direto, mostra passo a passo, baseado nos subterrâneos de nossos padrões de consumo, revela as conexões entre diversos problemas ambientais e sociais e é um alerta para a urgência em criarmos um mundo mais sustentável e justo.

Título original: *Story Of Stuff*

Direção: Louis Fox.

Duração: 21 min.

Link-disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7qFiGMSnNjw>>.

4.2.20 Temática: *RELIGIOSIDADE E RELIGIÕES*

40. Curta-metragem: *Monocultura da Fé*

Sinopse: Apresenta a realidade contemporânea dos Guarani Kaiowá, entre os quais a igreja evangélica vem ganhando espaço. São abordadas a relação e a tensão entre os cultos evangélicos e os rituais xamânicos, bem como a vida e as relações das lideranças das duas dimensões religiosas.

Lançamento: 2016 (Brasil)

Direção: Joana Moncau e Gabriela Moncau

Produção: Joana Moncau, Gabriela Moncauspensy Pimentel Izaque João

Duração: 23 min

Disponível em: <<http://www.futuraplay.org/video/monocultura-da-fe/426754/>>.

4.2.21 *Temática: MUNDO DO TRABALHO*

41. Filme: *Tempos Modernos*

Sinopse: Apresenta a história de Carlitos, um homem que tenta se adequar à vida tradicional de um trabalhador, mas enfrenta dificuldades em meio à exploração do mundo do trabalho. O contexto histórico é a Revolução Industrial e o Fordismo é uma das temáticas abordadas.

Título Original: *Modern Times*

Lançamento: 1936 (EUA)

Gênero: comédia, drama

Direção: Charles Chaplin

Produção: United Artists

Duração: 87 minutos

Classificação indicativa: livre.

42. Filme: *O homem que virou suco*

Sinopse: Deraldo, poeta popular recém-chegado do Nordeste a São Paulo, sobrevivendo de suas poesias e folhetos, é confundido com o operário de uma multinacional que mata o patrão na festa em que recebe o título de operário símbolo. O filme aborda a resistência do poeta diante de uma sociedade opressora, esmagando o homem dia a dia, eliminando suas raízes.

Lançamento: 1981 (Brasil)

Gênero: drama

Direção: João Batista de Andrade

Produção/restauração: LaboFilme

Duração: 90 minutos

Classificação indicativa: 16 anos.

43. Documentário: *GIG – A uberização do trabalho*

Sinopse: O crescimento da economia alternativa, chamada de “GIG Economy”, tem chamado cada vez mais a atenção da sociedade. Isso acontece devido às plataformas digitais em todo o mundo. No Brasil, esse processo também é conhecido como “Uberização”, que consiste na prática do trabalho autônomo,

porém, com condições precárias ao trabalhador. Os debates a respeito vêm crescendo a cada dia.

Lançamento: 2019 (Brasil)

Direção: Carlos Juliano Barros, Caue Angeli, Maurício Monteiro Filho

Produção:

Duração: 60 minutos

Classificação indicativa: livre.

4.2.22 Temática: MODERNIDADE

44. Vídeo: Bauman e a Modernidade Líquida

Sinopse: Conteúdo elaborado pela youtuber Thaís Lima, que alia a linguagem das redes sociais a conceitos acadêmicos. Nesse vídeo, ela aborda a Modernidade na perspectiva do sociólogo Zygmunt Bauman.

Duração: 19 minutos

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J6L0xSxcOiQ>>.

45. Documentário: *Da servidão moderna*

Sinopse: Baseado em livro, realiza crítica à sociedade capitalista, abordando diversas facetas dessa sociedade, como o mundo do trabalho, a alimentação, o lazer.

Título original: *De la servitude moderne*

Lançamento: 2009 (França)

Direção: Jean-François Brient e Victor León Fuentes.

Duração: 52 minutos

4.2.23 Temática: SOCIABILIDADES MEDIADAS PELAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

46. Documentário: *Vítimas do Facebook*

Sinopse: O documentário aborda o compartilhamento de informações pessoais que invadem as redes sociais, particularmente o Facebook. Promove possibilidade de debate acerca da publicidade excessiva nas redes.

Título original: *Facebook Follies*

Lançamento: 2011 (Canadá)

Direção: Geoff Deon, Jay Dahl

Produtora: Tell Tale Productions

Duração: 53 minutos

Disponível em: <<https://www.dailymotion.com/video/x2hsyav>>.

4.2.24 Temática: SOCIABILIDADES MEDIADAS PELAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: CAPITAL SOCIAL DE PIERRE BOURDIEU

47. Episódio 1 da temporada 3 do Seriado *Black Mirror*: “Queda Livre”

Sinopse: Lace é uma mulher obcecada pelas redes sociais para adquirir status social, pois vive em um mundo onde a popularidade nas mídias sociais concede diversas vantagens de ordem prática.

Título original: *Nosedive*

Lançamento: 2016 (Reino Unido)

Direção: Joe Wright

Duração: 63 minutos

Disponível na plataforma Netflix.

Classificação indicativa: 16 anos.

4.2.25 Temática: SOCIABILIDADES MEDIADAS PELAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: REDES SOCIAIS – O PODER DAS HASHTAGS

48. Episódio 6 da temporada 3 do Seriado *Black Mirror*: “Odiados Pela Nação”

Sinopse: Trama aborda investigação sobre um crime impactante que envolve diferentes personagens e faz referência ao modo como nos comportamos nas redes sociais, reflexos de nossos relacionamentos sociais.

Título original: *Hated in the Nation*

Lançamento: 2016 (Reino Unido)

Direção: James Hawes

Duração: 89 minutos

Disponível na plataforma Netflix.

Classificação indicativa: 16 anos.

4.2.26 *Temática: CONTROLE SOCIAL*

49. Filme: *GATTACA – A experiência genética*

Sinopse: Filme ficcional que aborda um futuro no qual os indivíduos são concebidos geneticamente em laboratórios e os que nasceram biologicamente são considerados inválidos.

Título original: *GATTACA*

Lançamento: 1997 (EUA)

Gênero: ficção científica, suspense, drama

Direção: Andrew Niccol

Produção: Danny De Vito, Michael Shamberg, Stacey Sher

Produtora: Columbia Pictures Corporation, Jersey Films

Duração: 106 minutos

Classificação indicativa: 14 anos

4.2.27 *Temática: INSTITUIÇÕES SOCIAIS E EXCLUSÃO SOCIAL*

50. Filme: *Os miseráveis*

Sinopse: Obra inspirada no musical da Broadway, baseado no livro de Victor Hugo, que conta a história de Jean Valjean, um homem simples que é injustiçado e passa anos preso, tendo sua vida totalmente mudada após conquistar a liberdade. O filme possui essencial temática social, explicitando os contrastes entre as classes sociais e desnudando a miséria humana.

Título original: *Les Misérables*

Lançamento: 2012 (EUA – Reino Unido)

Gênero: Drama

Direção: Tom Hooper

Produção: Tim Bevan, Eric Fellner, Debra Hayward, Cameron Mackintosh

Duração: 158 minutos

Classificação indicativa: 14 anos

4.2.28 *Temática: JUVENTUDES, SOCIABILIDADES E EDUCAÇÃO*

51. Filme: *Escritores da liberdade*

Sinopse: Baseado em fatos reais, o filme aborda a problemática da educação em lugar violento, apresentando temáticas relacionadas a juventude, violência, educação e o Holocausto.

Título original: *Freedom Writers*

Lançamento: 2007 (EUA)

Gênero: Drama

Direção: Richard LaGravenese

Produção: Danny De Vito, Michael Shamberg, Stacey Sher

Duração: 122 minutos

Classificação indicativa: 12 anos

52. Documentário: *Nunca me sonharam*

Sinopse: Documentário apresenta com sensibilidade a realidade e os desafios da educação no Ensino Médio, com a participação de educadores, estudantes e especialistas em educação. Importante para os alunos e especialmente para os professores e todos que trabalham no campo escolar.

Lançamento: 2017 (Brasil)

Gênero: Drama

Direção: Cacau Rhoden

Produção: Maria Farinha Filmes

Duração: 90 minutos

Classificação indicativa: livre

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações, as maneiras de acessá-las e a forma de ver o mundo estão, em sua imensa maioria, em telas e sob a forma de imagens. Contudo, antigamente havia o predomínio das televisões; no momento atual, são inúmeras as telas acessíveis que reproduzem a vida em sociedade: computadores, telefones celulares, tablets etc. Como afirmou Morin (2014), as telas alimentam e atualizam aspectos sensoriais, éticos e afetivos, aspectos esses que são levados para os campos do saber, como escolas e universidade, por crianças, jovens e adultos.

Esses espaços, pois, não podem ignorar os novos, alguns nem tanto, canais de informação, comunicação e de educação, mas sim refletir acerca de como utilizá-los de forma a aproveitar esse potencial. Os audiovisuais, como afirmamos, há muito tempo têm sido utilizados nas salas de aulas para vários propósitos, como aprofundar o assunto estudado, inserir tecnologia em aula, diversificar material pedagógico, por exigências institucionais, busca chamar a atenção do aluno, promover debates, entre outros.

A partir do diálogo com os autores, pude identificar que o audiovisual, como o cinema, por exemplo, pode ser importante ferramenta pedagógica, pois o uso do cinema possibilita a imaginação e esta possibilita o desenvolvimento criativo e o potencial intelectual. Há estudiosos que defendem uma educação fílmica, como foi colocado em prática através de projetos governamentais.

Nesse sentido, alguns autores defendem a necessidade de reformular saberes e práticas cotidianas escolares que vêm do uso do potencial pedagógico da cultura audiovisual, que aborda criação, alteridade e reflexão, constituindo assim, um arcabouço de processamento importante para as Ciências Sociais, em especial, para a Sociologia desenvolvida nas séries do Ensino Médio.

Inicialmente, acreditava no potencial lúdico e artístico do cinema como fator de atração para as aulas e como fomentador de aprendizado, porém, com o desenrolar dos estudos, pude compreender melhor o desenvolvimento de uma lógica racional de construção de conhecimento a partir dos processos mentais ao assistir um vídeo, ordenado por uma lógica atravessada de identificação e afetividade, devendo ser o cinema utilizado nos campos do saber, como referenciou Morin (2014).

Contudo, percebi, com minha experiência e através da pesquisa realizada, que parte significativa dos professores não possui metodologia para uma prática docente nesse sentido, pois, para implementar o uso do audiovisual como recurso didático e pedagógico, são necessários programas de formação e atitudes significativas por parte dos docentes, além de

um olhar sensível para recursos diversificados em sala de aula, o estabelecimento de um planejamento que exige várias etapas, desde a seleção do vídeo, a elaboração de um plano de aula e, dentro desse processo, até a execução e avaliação.

Através da pesquisa de campo, identifiquei entraves ao exercício desses procedimentos, dentre eles, a falta de estrutura mínima de muitas escolas, a cultura dos docentes, esclarecendo que a carência vem desde sua formação acadêmica e, principalmente, a dificuldade relacionada ao tempo em sala de aula ou ao planejamento para o professor desenvolver uma aula mediada por audiovisual ideal.

Também verifiquei a perspectiva dos alunos, não apenas através da presente pesquisa, mas em um momento denominado na escola como “Culminância das Eletivas”, quando apresentamos, para a comunidade escolar, o que trabalhamos na disciplina e os alunos expressam o que acharam e o que aprenderam no semestre. Para eles, a aula com uso didático de audiovisual é uma aula mais interessante, na qual eles conseguem compreender diversas temáticas sociológicas, porém existem fenômenos que dificultam esse processo, como o sono durante a sessão de alguns vídeos e, para isso, os motivos são de múltiplas ordens e não necessariamente pela dinâmica da aula.

E, a partir da observação, identifiquei ainda que os alunos estão mais cansados e normalmente com mais sono que os estudantes do turno regular. Sendo assim, alguns deles, favorecidos pela sala fria e escura, acabam dormindo em meio a certas sessões, coisa que não notava de forma significativa enquanto manipulava audiovisuais em aulas durante o período em que a escola era regular.

Dentre todas as aulas ministradas por meio de audiovisuais nesse processo de pesquisa, houve uma que me marcou, na qual apresentei um documentário longo sobre a origem do universo e as primeiras formas de socialização dos indivíduos. Estavam assistindo alunos da primeira série, entre eles, um estudante que chamarei de Marcos.

Marcos estava quase sempre dormindo durante as aulas, regulares e eletivas. Apesar do sorriso solto, tinha um olhar distante, olhos geralmente muito vermelhos, era adicto, todos sabiam e conhecido por muitas idas à coordenação. Sem pai, vivia apenas com a mãe e o irmão. Certo dia, o aluno surtou, agindo com violência na sala da direção, foi quando a comunidade escolar descobriu que sua mãe estava em tratamento contra um câncer e ele, revoltado, não sabia como lidar com mais esse revés do destino.

Até que um dia, naquela aula em que a TV reproduzia o fenômeno físico do Big Bang, Marcos não baixou a cabeça, como geralmente fazia, fixou o olhar de forma intensa na tela, para minha surpresa e alegria, acompanhava os recursos da tecnologia digital e

depoimentos de cientistas com atenção, rindo quando apareceram os primatas na tela. E depois da primeira parte do vídeo, após uma hora, abrimos para o debate, ele foi o primeiro a se manifestar e, pela primeira vez, a intervir. Perguntou-me: “professora, isso aconteceu mesmo? A gente era assim?” Confesso que fiquei até emocionada, mas segui naturalmente, inclusive impedindo aos colegas que tentaram fazer brincadeiras em relação ao comportamento diferente do colega e ele emendou em outra questão: “E Deus? Não foi ele quem fez tudo?”. Marcos fez várias outras perguntas durante o debate e continuamos discutindo com o restante da turma.

Nesse momento, percebi claramente como o audiovisual consegue atrair e propiciar interesse, e pude também verificar que o uso de diferentes linguagens pode tornar o conhecimento mais acessível e promover o despertar reflexivo do educando. Posso ainda afirmar, com segurança, que aquela foi uma das melhores aulas que ministrei.

Outro problema citado em meu estudo foi a falta de percepção e a importância dada às aulas mediadas por audiovisuais por parte de alguns agentes da comunidade escolar, que ainda as encaram como aulas menos significativas. Ou até o mau uso das mesmas por parte de alguns coordenadores e professores, no sentido de apenas poupar a voz, ou complementar matéria ou ainda substituir a ausência de um professor, isso sugere a ideia equivocada ao aluno de que assistirá ao filme, porque não terá aula, ou seja, sessão de cinema não é aula.

Faz-se relevante ressaltar que o cinema na escola não é o cinema de diversão ou entretenimento, mas que pode ser uma importante linguagem de mediação tecnológica, capaz de propiciar reflexão teórica, construção de conhecimento e aprofundamento curricular. Ao ver um filme pode-se aprender assim como no ato de ler um livro, ou como citou Barros Júnior (2018): “Nós lemos um filme”.

Ainda que a linguagem escolar preponderante seja a verbal-escrita, a possibilidade de explorar outras formas e significações como o uso de códigos imagéticos e sonoros possibilita a inclusão de diferentes sujeitos nesse processo, dos alunos com dificuldades cognitivas, dos alunos distraídos ou indisciplinados, os quais precisam também de reconhecimento. Durante a sessão de cinema, a sala de aula se parece mais com o mundo que eles vivem, em determinados vídeos, ele se torna mais palpável, mais real.

Nessa perspectiva, apresentei o produto final do meu trabalho de pesquisa. Conforme orienta o PROFSOCIO, criei uma ferramenta pedagógica que poderá ser utilizada de forma prática, o *Catálogo de audiovisuais*, com filmes, documentários, curtas-metragens e outros alinhados às temáticas das Ciências Sociais e disciplinas afins, bem como sugestões de

exploração didática, um manual com audiovisuais que pode ser interessante para os professores de Ensino Médio e do Ensino Superior.

Minha pesquisa sugere certamente mais amplitude e aprofundamento em diversas questões, contudo, ousou registrar, ao final e a partir da análise realizada, que o uso de materiais pedagógicos diferenciados como o audiovisual pode sim enriquecer o processo de ensino-aprendizagem e ampliar seu poder de interpretação, de reflexão crítica e de desnaturalização da realidade social.

Ao analisar o aproveitamento do capital cultural do aluno, identifiquei que, para que isso ocorra, é necessário o reconhecimento de diferenças e desigualdades culturais existentes em sala de aula, conseqüentemente aliado à tentativa de minimizá-las para que os estudantes ampliem e potencializem seus repertórios culturais e passem a usá-los dentro e fora do campo escolar.

Assim como esta pesquisa e as propostas apresentadas nela visam também estimular ainda mais discussões teórico-metodológicas e práticas de ensino a partir da interface cinema e educação.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. S.; BARRETO, M. M. Práticas dinâmicas de educação. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 6, n. 1, p. 9-36, 23 maio 2016.

ALFANO, Bruno. Zygmunt Bauman: “Há uma crise de atenção”. 2015. **Fronteiras do Pensamento**. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/noticias/zygmunt-bauman-ha-uma-crise-de-atencao>>. Acesso em: 05 de set. 2018.

ALVES, F. R. **Duração do sono e sonolência diurna em adolescentes do ensino médio da cidade de Fortaleza**. 2018. 66 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

ARAÚJO, Renata; CAPELLI, Claudia; ENGIEL, Priscila. Catálogo de características de entendimento de modelos de processo de prestação de serviços públicos. **Relatórios Técnicos do Departamento de Informática Aplicada da UNIRIO**, nº 0004/2012. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2012. 7 p.

BARROS JÚNIOR, F de O. **O sociólogo vai ao cinema**. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2020.

BAUDELOT, C., ESTABLET, R. Escola, a luta de classes recuperada. **Revista Pós Ciências Sociais**, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/3422>>. Acesso em: 30 de jul. de 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Livraria Brasiliense Editora S.A, 1 ed.1980.

BODART, Cristiano das Neves; SILVA-SAMPAIO, Roniel. Quem leciona Sociologia após 10 anos de presença no Ensino Médio brasileiro? *In*: BODART, Cristiano das Neves; LIMA, Wenderson Luan dos Santos. **O ensino de Sociologia no Brasil**, vol.1. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2019

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. *In*: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Escritos da educação**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007a.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007b.

BRANDÃO, Zaia; MARTINEZ, Maria Helena. Elites escolares e capital cultural. **Boletim soced.**, v.3, 2006.

BRASIL. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 4 de jan. 2020.

_____. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Parecer CNE/CEB nº 5/2011. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9864-rceb002-12&Itemid=30192>. Acesso em: 5 de jan. 2020.

CABRERA, Júlio. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CALVINO, Italo. **Coleção de areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARRANO, Paulo César R. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Revista Movimento**, n. 1, mai. 2000.

CEARÁ. **Lei N.º 16.287, de 20.07.17**. Institui a política de ensino Médio em Tempo Integral no âmbito da Rede Estadual de Ensino do Ceará. Fortaleza, CE, 2017. Disponível em: <[https://bela.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/educacao/item/5883-lei-n-16-287-de-20-07-17-d-o-21-07-17#:~:text=Art.,quarenta%20e%20cinco\)%20horas%20semanais.](https://bela.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/educacao/item/5883-lei-n-16-287-de-20-07-17-d-o-21-07-17#:~:text=Art.,quarenta%20e%20cinco)%20horas%20semanais.)>. Acesso em: 09 ago. 2020.

CORDEIRO JR., J. A. Os filmes pelos livros didáticos: uma leitura das indicações de obras audiovisuais feitas pelos manuais de sociologia do PNLD 2015. In: MAÇAIRA, Julia Polessa; FRAGA, Alexandre Barbosa. (Org.). **Saberes e práticas do ensino de sociologia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2018. p. 253-79.

CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu, 2016.

DAYRELL, Juarez; JESUS, Rodrigo Ednilson de. **A exclusão de Jovens de 15 a 17 anos no Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas**. Relatório de Pesquisa, 2013.

ECO, Umberto. **A vertigem das listas**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. **Luz, câmera e história: práticas de ensino com o cinema**. 1ª ed. Autêntica Editora LT: Belo Horizonte, 2018.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 9ª ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1996.

LIMA FILHO, I. P. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais** (UFC), v. 45, p. 103-118, 2014.

MENEZES, Paulo. O cinema documental como Representificação: verdades e mentiras nas relações (im)possíveis entre representação, documentário, filme etnográfico, filme sociológico e conhecimento. In: NOVAES, S.C. *et al.* (Org.). **Escrituras da imagem**. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000100007>. Acesso em: 18 de dez. 2018.

MILLS, Wright C. **A imaginação sociológica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MINAYO, M. C. de S. (2002). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário** – Ensaio de antropologia sociológica. São Paulo, SP: É Realizações Editora, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

NOBRE, Leila. Liceu do Ceará – Parte II in Fortaleza Nobre. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2009/10/liceu-do-ceara-ii-parte.html>>. Acesso em: 03 de jan. 2020.

OLIVEIRA, Roberto Carlos de. **Cinepedagogia ou arte de educar pelo cinema**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Educação, na área de concentração de Educação. Universidade de Campinas, SP, 2018.

PAIVA, A. Cristian S. A sociologia contada a partir da experiência do vazio iluminado. (Prefácio). In: BARROS JÚNIOR, F de O. **O sociólogo vai ao cinema**. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2020.

PIRES, Maria da Conceição Francisca; SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. **Educ. Soc.** [online]. 2014, vol.35, n.127. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v35n127/v35n127a15.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2018.

PORTA CURTAS. Disponível em: <<http://portacurtas.org.br>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica** – Coleção primeiros passos. Brasília: editora Brasiliense. 1983.

_____. **Matrizes da linguagem e pensamento** – sonora, visual e verbal. Editora Iluminuras. São Paulo, 2001.

SILVA, Isabel Rodrigues. **A televisão possibilitando novos olhares no fazer pedagógico**. Universidade Federal do Tocantins, 2010. Artigo. Disponível em: <<http://monografias.brasile scola.com/pedagogia/a-televisao-possibilitando-novos-olhares-no-fazer-.htm/>>. Acesso em: 29 de jul. 2020.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Sugestões de filmes. Dia a dia. Disponível em:

<<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1411>>.

Acesso em: 26 jul. 2019.

TEIXEIRA, I. A. C. Deslocando a câmera, imaginando cenas, criando roteiros: o cinema na formação de professores. *In*: FREITAS, M. T. de A. (Org.). **Escola, tecnologias digitais e cinema**. Juiz de Fora: UFJF, 2011.

TELA CRÍTICA. Disponível em: <<https://www.telacritica.org>>. Acesso em: 26 jul. 2019.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica**. RJ, Zahar, 1978.

APÊNDICE A

ATIVIDADE FINAL DA DISCIPLINA “A SOCIOLOGIA VAI AO CINEMA”

Esta atividade foi desenvolvida por mim ao final da disciplina eletiva “A Sociologia Vai ao Cinema”. Aqui listo todos os filmes exibidos durante o semestre, coloco a temática sociológica que cada audiovisual aborda e solicito aos alunos que escolham um dos filmes, como a seguir:

Caro(a) aluno(a),

Seguem, abaixo, todos os audiovisuais que trabalhamos, neste semestre, na Eletiva “A Sociologia Vai ao Cinema”. Também estão indicados os temas sociológicos que os audiovisuais abordam. Agora, peço que você **escolha apenas UM**, o que mais gostou; **explique por que o filme, episódio, curta ou documentário** foi mais interessante e **relate o que você aprendeu em relação à disciplina Sociologia com esse filme**.

- *A História do Mundo em Duas Horas* – surgimento do universo, do planeta, a evolução humana e a socialização nos tempos primitivos.
- *Billy Elliott* – questões de gênero, papéis masculino e feminino
- *Repense o elogio* – questões de gênero, feminismo
- *Delírios de consumo de Becky Bloom* – indústria cultural, capitalismo, consumismo
- *A onda* – poder, formas de governo: autocracia, democracia, anarquismo
- *Crash - No limite* – globalização, violência urbana, xenofobia, racismo
- *Black Mirror: “Queda Livre”* – redes sociais, socialização nas redes sociais
- *Black Mirror: “Odiados pela Nação”* – o poder das redes sociais, violência, discurso de ódio x opinião
- *Black Mirror: “Urso Branco”* – banalização da violência, justiça x justiça

APÊNDICE B

MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA ROTEIRO DA ENTREVISTA COM PROFESSORES DE SOCIOLOGIA

1. Nome:
2. Escola:
3. Idade:
4. Tempo que leciona:
5. Formação: Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado ()
6. Você é professor de Sociologia, essa é sua área de formação?
7. Você gosta ou costuma consumir audiovisuais? Sim () Não ()
Outro _____
8. Quantos filmes, documentários, curtas ou seriados você teve acesso este ano (2019)?
Nenhum () de 1 a 3 () de 3 a 5 () Muitos, não me recordo ()
9. Para você, cinema é:
 - a) entretenimento (apenas lazer) ()
 - b) arte e cultura (possui informações importantes e significativas) ()
 - c) arte, cultura e educação. (cultura e também pode se aprender com ele) ()
10. Você costuma utilizar audiovisuais como recurso didático na aula de Sociologia?
Justifique _____
11. Você considera importante a diversificação dos recursos didáticos para a aprendizagem? Comente _____
12. Você acredita que a linguagem verbal e visual de filmes ou de documentários pode possibilitar, facilitar e até mesmo potencializar a compreensão de temas abordados em sala de aula? Justifique _____
13. Quais os tipos de audiovisuais que prefere trabalhar em sala?
filmes () curtas () documentários () episódios de seriados ()
Justifique sua escolha: _____
14. Quais as formas que você utiliza para explorar o audiovisual na aula?
 - a) *antes* do filme, já deu aula sobre o tema relacionado ()
 - b) realiza debate *depois* da exibição do filme ()
 - c) *simultâneo*, vai parando e discutindo algumas cenas do filme ()
 - d) passa atividade ou trabalho de pesquisa sobre o tema do filme ()

e) só passa o filme e não faz nada em relação a ele ()

f) aula invertida: não aborda o assunto, passa o filme e só depois explora a temática (x)

g) realiza atividades diferentes, como por exemplo:

15. Quais os principais entraves/desafios para o uso do audiovisual dentro da escola?

16. De que lugares e de que forma você seleciona os audiovisuais que trabalha na aula de Sociologia?

17. Você poderia sugerir um ou mais audiovisuais para abordar temáticas sociológicas nas três series do Ensino Médio?

18. Você teria alguma experiência marcante em relação ao uso do audiovisual como recurso didático?

APÊNDICE C**QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DO CINEMA NA SALA DE AULA**

1. Escola: Liceu do Ceará
2. Série: 1^a () 2^a () 3^a ()
3. Gênero: Masculino () Feminino ()
4. Idade: _____

5. Você já teve aulas mediadas por audiovisual? Ou filmes?
 - a) Sim ()
 - b) Não ()
 - c) não lembro ()
 - d) não quero responder ()

6. Em quais disciplinas você teve aula mediada por audiovisual/filme?
 - a) Português ()
 - b) Língua estrangeira (Inglês ou Espanhol) ()
 - c) Artes ()
 - d) Ed. Física ()
 - e) História ()
 - f) Geografia ()
 - g) Filosofia ()
 - h) Sociologia ()
 - i) Matemática ()
 - j) Química ()
 - k) Biologia
 - l) Física ()Outras: _____

7. Quanto à aula com filme, você considera:
 - a) ruim ()
 - b) boa ()

- c) muito boa ()
d) excelente ()
e) indiferente ()
8. Você acredita que pode aprender através dos filmes e seriados?
a) sim () b) não ()
9. Quanto ao aprendizado por meio de audiovisual/filme, você acredita:
a) aprendo muito ()
b) aprendo um pouco ()
c) consigo aprender ()
d) não consigo aprender nada ()
e) não quero responder ()
10. Indique qual alternativa você mais se identifica sobre aulas com filmes:
a) consigo entender melhor através dos filmes ()
b) não consigo compreender muito as histórias dos filmes ()
c) acho os filmes muito difíceis ()
d) não gosto de filmes, por isso, não gosto desse tipo de aula ()
e) prefiro as aulas tradicionais em sala ()
11. Quais as principais formas de discutir sobre o tema do filme? (marque as que mais acontecem)
a) antes do filme, o professor já deu aula sobre o tema relacionado ()
b) o professor realiza debate depois da exibição do filme ()
c) o professor vai parando e discutindo algumas cenas do filme ()
d) o professor passa trabalho de pesquisa sobre o tema do filme ()
e) o professor só passa o filme e não faz nada em relação a ele ()
f) o professor realiza atividades diferentes, como por exemplo:

12. Quando um professor dá aula, você já se lembrou de algum filme parecido com aquela temática?
a) Sim () b) Não ()

13. Quantos filmes, em média, você viu neste ano (2018)?

- a) nenhum ()
- b) de 1 a 3 ()
- c) de 3 a 5 ()
- d) de 5 a 10 ()
- e) de 10 a 20 ()
- f) acima de 20 ()

14. Depois de assistir a filmes durante aulas, você mudou a forma de assistir a filmes fora da escola?

- a) sim ()
- b) não ()

15. Para você, cinema é:

- a) entretenimento (apenas lazer) ()
- b) arte e cultura (possui informações importantes e significativas) ()
- c) arte, cultura e educação (aprende com ele) ()

16. Cite um filme que você assistiu na escola e considerou marcante:

a) Filme: _____

b) Disciplina: _____

c) Por que você gostou dele? Aprendeu algo, o que?

Obrigada por participar dessa pesquisa!

APÊNDICE D

PESQUISA SOBRE O USO DO AUDIOVISUAL COMO RECURSO DIDÁTICO

Roteiro de perguntas para o GRUPO FOCAL

1. Vocês gostam de filmes, documentários, curtas-metragens?
2. Como vocês se sentem ao assistir um audiovisual? No cinema, na escola e em casa.
3. O que torna uma aula mais interessante?
4. Vocês gostam de aula mediada com audiovisual? Filmes, documentários, curtas, etc.?
Por quê?
5. Vocês acham que aprendem com filmes, comentem.
6. Quantos filmes em média assistem por ano?
7. Vocês acreditam que aprendem com filmes? Expliquem
8. Quais as matérias em que mais assistem filmes na escola?
9. Como os professores abordam o filme e a temática? Acha que a forma com que eles exploram o filme ajuda ou não? Justifiquem.
10. E sobre a Sociologia, como vocês acham que ela poderia ser abordada a partir de audiovisuais?
11. Vocês conseguem se lembrar de algum filme e do ensinamento que ele proporcionou a vocês?
12. Preferem filmes ou documentários? Por quê?
13. Sabem a diferença entre o filme e o documentário?
14. Quando o professor ou a profa. passa o filme, vocês identificam algo difícil nesse processo, quanto ao aspecto logístico? Expliquem.
15. Vocês se identificam com alguns personagens e/ou cenas que vê em filmes? Como é esse processo?
16. Mesmo não se identificando, você consegue desenvolver empatia ou alteridade vendo cenas de um filme? Comentem...
17. Qual é a forma que vocês mais gostam ou acham que aprendem sobre a temática do filme? Levando em conta a forma que o professor trabalha em sala e relaciona com o conteúdo.
18. Em quais disciplinas vocês mais assistem filmes ou documentários?
19. Vocês gostariam de ver mais filmes e documentários na escola? Por quê?

20. O que vocês consideram negativo sobre aulas mediadas por filmes?
21. Nos questionários que apliquei, os alunos dizem que aprendem **MUITO** com os filmes. Vocês concordam? E conseguem explicar isso?
22. Com relação aos filmes, documentários e temáticas que estudaram em Sociologia, vocês conseguem citar alguns e o que aprenderam com eles? Pode ser outra disciplina também.

APÊNDICE E

REGISTROS DAS AULAS DA DISCIPLINA ELETIVA “A SOCIOLOGIA VAI AO CINEMA”

Foto 1 – Turma de 2017 e do ambiente (sala de vídeo) da aula eletiva “A Sociologia Vai ao Cinema”



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Foto 2 – Apresentação na Culminância da disciplina eletiva da Sociologia Vai ao Cinema – Turma de 2017 – 1



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Foto 3 – Apresentação de Sociologia Vai ao Cinema – Turma de 2019 – 1



Fonte: Acervo pessoal da autora.